SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ

A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM GRUPO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO PESSOAL E SOCIAL E ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

Marília
2001

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ

A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM GRUPO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO PESSOAL E SOCIAL E ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

unesp

SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ

A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM GRUPO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO PESSOAL E SOCIAL E ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

1. 1. 252

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília, para obtenção do grau de Doutor em Educação (Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira).

Orientador: Dr. Raul Aragão Martins

1410001259

MARÍLIA - SP

2001

unesp

Nº cham. 371.395
C.957p.

Nº Tombo 1.259-Ter
Aquisição D
Preço R$ 5,00
Data 10/04/2002
Proced. autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

CRUZ, Soráia Georgina Ferreira de Paiva

Produção de subjetividade em grupo de crianças em situação de risco pessoal e social e adolescentes em conflito com a lei. Sorária Georgina Ferreira de Paiva Cruz. Marília, 2001.

Tese - Doutorado - Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista.

SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ

A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM GRUPO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO PESSOAL E SOCIAL E ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI.

BANCA EXAMINADORA

Tese para obtenção do grau de doutor.

Presidente e Orientador:.....

Segundo Examinador:.....

Terceiro Examinador:.....

Quarto Examinador:.....

Quinto Examinador:.....

Marília, ... de ..... de 2001.

unesp

DADOS CURRICULARES

SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ

NATURALIDADE ASSIS/SP

FILIAÇÃO **Celso Venturoso de Paiva**

Terezinha de Lourdes Ferreira de Paiva

1977/1981 - Curso de Graduação em Psicologia no Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis.

1978 - Assistente Acadêmico do Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis junto ao curso de Psicologia.

1988 - Auxiliar de ensino junto ao Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da Faculdade de Ciências e Letras - Unesp - Campus de Assis.

1983/1989 - Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, nível Mestrado, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

unesp

Ao Hugo, meu filho, que com seus sonhos às vezes fala: "Puxa, eu fico mau quando não consigo criar algo diferente!".

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Raul Aragão Martins que, na sua prática de orientador, acompanhou-me na nova travessia, oferecendo a liberdade, para que eu ousasse sem medo, por novos caminhos teóricos.

Ao grupo, especificamente o das sextas-feiras, que agenciava forças, que me desterriotorializavam, deixando-me sem chão literalmente. Foi um grupo que me pegou por cima, por baixo, pelo lado direito, pelo lado esquerdo; levando-me à inquietações constantes.

À Marilice, Marcela, Joyce e Letícia, intercessoras que se conectavam com o grupo, num plano de afecções intensas.

A Maria Regina Ribeiro Salloti, amiga que me acolheu, com a intensidade de sua amizade e com seu brilho intelectual, na elaboração da tese.

À Sonia Aparecida Moreira França, pela generosidade, em ler meu material e pelas sugestões sempre bem pontuadas.

Ao José Sterza Justo pela amizade, pelo carinho, pelas dicas e por ter assumido todas as minha atividades docentes, para que eu pudesse redigir o trabalho que ora apresento.

Ao Leonardo Lemos de Souza, pela sua assessoria no trato com o computador, pelo seu apoio estratégico nas correrias finais e pelas discussões teóricas, enquanto digitava. Sem o seu auxílio, dificilmente, eu poderia pensar com velocidade, durante a confecção do trabalho.

À Dra. Antonieta Laface, pelo carinho com que realizou a revisão lingüística.

Ao Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar que me liberou das atividades docentes e administrativas, para que eu pudesse me envolver, com mais tempo, na redação do trabalho.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

"Renda-se como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece
como eu mergulhei"

Clarice Lispector

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO MODERNO 13

a)Conceito de criança..... 17

b)Brasil e o sentimento de infância..... 28

O BRASIL E A ASSISTÊNCIA À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE 31

a)Experimentações na rua: cartografias dos diferentes saberes produzidos por esse acontecimento..... 38

b)O "menor" ao objeto do direito..... 49

c)O adolescente em conflito com a lei..... 56

d)"Adolescente em conflito com a lei" e "criança em situação de risco pessoal e social": atributos a serem problematizados..... 75

O DISPOSITIVO GRUPAL. TEORIAS QUE UTILIZAMOS PARA NOSSAS REFLEXÕES 78

a)Etimologia da palavra grupo..... 78

b)A revisão teórica proposta por Cueto e Fernandez..... 80

c)A teoria sartriana esboçada por Lapassade..... 88

d)A teoria freudiana sobre grupo..... 93

e) Bion e sua teoria de grupo..... 100

f)Conceito de sujeito que informa as teorias de grupos..... 110

MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS 117

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

MÉTODO 125

a)Procedimentos..... 131

O DISPOSITIVO GRUPAL, FUNCIONANDO PARA QUE O GRUPO FALASSE DE SUAS FORMAS DE SOBREVIVÊNCIA 135

a)Estratégias de sobrevivência: "bater cascudo", "fazer fita", "jogar chamego", "fazer mula"..... 135

b) O grupo narra as suas aventuras sexuais: encontros dos corpos vibráteis.... 155

d) Conceitos de infância e adolescência: desconstrução desses conceitos na experimentação no mundo..... 175

ALGUMAS REFLEXÕES DO MOVIMENTO GRUPAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. 201

BIBLIOGRAFIA 211

RESUMO..... 225

ABSTRACT..... 228

A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM GRUPO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO PESSOAL E SOCIAL E ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

I. Introdução

O presente trabalho teve como objetivo problematizar a produção da subjetividade em grupo de crianças, em situação de risco pessoal ou social, e, adolescentes em conflito com a Lei.

Como falar de produção de subjetividade, em **crianças em situação de risco pessoal e social** e, em **adolescentes, em conflito com a Lei,** sem antes problematizar como essas personagens foram se constituindo ao longo da história?

Considerar estas questões, implica, inicialmente, indagar sobre a racionalidade que informa a naturalização dessas personagens, promover visibilidade desses objetos de investigação, pesquisar sobre a genealogia da preocupação com crianças e adolescentes, assim como clarificar as táticas que os transformaram em objeto de tutela e de cuidados. Somente deste modo será possível tomar a infância e a adolescência em sua historicidade, reconhecendo que, ao mesmo tempo em que se deu o aparecimento e os cuidados para com

elas, inventaram-se os sentidos que essas figuras hoje alcançam, sendo-nos vedado considerá-las como sujeitos universais.

Como diz Foucault (2000) a história não tem continuidade evolutiva: "sob as grandes continuidades do pensamento, sob as manifestações maciças e homogêneas da razão, sob a evolução tenaz de uma ciência, obstinando-se para existir e se aperfeiçoar; desde o seu começo, procura-se atualmente detectar as incidências das interrupções" (2000, p. 84). Ainda, (...) "a história que não é estrutura, mas vir a ser, que não é simultaneidade, mas sucessão; que não é sistema, mas prática" (2000, p. 86). Não é preciso ordenar critérios de verdade, não cabe pois catalogar, de forma sucessiva, os fatos históricos, mas sim captar os momentos de ruptura, ou seja, as forças que se encontraram no jogo do acaso da história.

Nesse sentido, em nosso trabalho, afirmamos a constituição desses sujeitos, como efeito político da composição de forças que vão dando contornos à subjetividade dessa população que se convencionou denominar "risco pessoal e social e em conflito com a Lei".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

II. A constituição do indivíduo moderno

Os trabalhos de Foucault: *Vigiar e Punir* (1977), *Arqueologia do Saber* (1987), *História da Sexualidade – a vontade de saber* (1999) e *História da Sexualidade – o uso dos prazeres* (1998) serviram-nos de base para que pensássemos sobre a problemática das crianças em situação de risco pessoal e social e adolescentes em conflito com a lei.

Esse autor, ao estudar as formas de constituição do indivíduo moderno, esclarece que elas se constituem, por dois processos, quais sejam: a objetivação e a subjetivação. Segundo ele, para se pensar a individualidade moderna, terá que se partir da noção de sujeito, enquanto produção das relações de poder e saber, "locus" onde o mesmo se constitui. O sujeito não pode ser compreendido como portador de todo conhecimento e fonte de expressão da liberdade; agente de enunciação de verdades. São as práticas sociais e as relações de poder que produzem domínio de saber e fazem emergir novas formas de sujeito ou de um tipo específico, de modo de existencialização.

Os processos de objetivação, "são práticas que de dentro da nossa cultura tendem a fazer do homem um objeto". Foucault chega a esta definição através dos estudos das práticas de exame e dos mecanismos disciplinares e das sanções normatizadoras. Segundo ele a

unesp

> Disciplinarização da sociedade conseguida pela generalização dos mecanismos disciplinares (escola - hospital - indústria) tem como produto o indivíduo moderno. Esse é o seu maior efeito: produzir uma individualidade que corresponda às expectativas de uma acumulação e uma gestão útil dos homens, produzir o indivíduo comum, de todos os dias, de todos os lugares, e não o indivíduo singularizado por atos e datas especiais, produzem um indivíduo que permita a extração de algo de todas as suas atividades e de seus momentos: produzir, enfim, indivíduos dóceis e úteis. (Foucault, 1977, p. 75)

Nesse sentido, o indivíduo moderno é o efeito dos processos de normalização social e da gestão útil dos homens.

Os estudos sobre os processos de subjetivação procuram pensar as práticas sociais que constituem o indivíduo moderno e cujo efeito é produzir, para o sujeito, um modelo identitário, expressando o resultado da constituição do indivíduo, face aos mecanismos de subjetivação, presentes na atualidade; indivíduo esse, preso às relações de produção, de significação e das relações complexas de poder, – ficcionado a sua própria identidade pela consciência de si.

Foucault (1999) descaracteriza o sujeito, como portador de um sentido pré-existente e presente *ad-infinitun* na história, inexistindo, portanto, o sujeito, enquanto portador de uma essência.

O processo de subjetivação dá-se num campo histórico, político e social, com múltiplos jogos de forças que congregam, em si, saberes e poderes, -

unesp

produzindo sujeitos e seus modos de inscrição no mundo; atravessando o sujeito em sua inscrição no mundo.

Recordemos ainda que um processo de subjetivação, isto é, uma produção do modo de existência acontece no plano do "socius" e não se confunde com o indivíduo; atravessa-o de forma que ele possa se tornar um agente coletivo de enunciação, produzindo movimentos de singularizações.

> Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua este de toda interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação sequer tem a ver com a 'pessoa': é uma individuação particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida ...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder.
>
> Se existe sujeito; é um sujeito sem identidade. A subjetivação como processo é uma individuação, pessoal ou coletiva, de um ou de vários. Há individuação tipo 'sujeito' (é você ... sou eu), mas há também individuações do tipo acontecimento, sem sujeito: um vento, uma atmosfera, uma hora do dia, uma batalha ...
>
> Lembramos no entanto que esses processos de subjetivação variam, conforme as épocas, e se fazem de acordo com regras muito diferentes. Elas variam porque o poder não cessa de recuperá-los e de submetê-los às relações de força, 'a menos que renasçam inventando novos modos, indefinidamente'... (Deleuze, 1990:123)

O Estado moderno, graças às idéias de garantia e respeito aos indivíduos, idéias criadas pela sobreposição do ordenamento jurídico, sobre os mecanismos de poder, produz um discurso e uma organização do Direito Público. Entrelaçado em torno de corpo social e da delegação do poder impõe um sistema de coerção que garante a coesão do mesmo.

As formas de poder constitutivas do Estado Moderno produzem bens e sujeitos. Conforme nos esclarece Moura (1992, p.51) "o indivíduo aparece como ponto de apoio, suporte terminal para consumo da subjetividade capitalística, enunciando as 'verdades', homogeneizadas pelas conveniências dos valores de troca do mercado".

Nesse sentido, o indivíduo é um corpo submetido à determinação de poderes, com estatuto de coisa, objeto mercadoria, suporte, função e resultado de uma produção em massa.

Assim, a base material do corpo é uma garantia de que o indivíduo, de fato, existe. A categoria indivíduo é mais ou menos correlata ou extensiva à pessoa, ao eu, à personalidade – "a tudo que se institui como princípio único e norteador das condutas humanas". (Moura, 1992, p.49).

Nesse sentido, o conceito de criança e de adolescente é efeito de composição das forças políticas, de fluxos capitalísticos e de determinadas práticas sociais que fornecem o diagrama e este permite individuar essa

população, de acordo com regras de estabelecimento de verdades que criam novos saberes, no trato da criança e no da juventude.

a) Conceito de criança

Phillipe Airès (1981), através de seus estudos, mostra-nos que o sentimento de infância apareceu, tardiamente, na sociedade moderna. No século XII, esse sentimento era desconhecido e se tornará claro, a partir do século XVI, contribuindo para que as mortes das crianças passassem a ser sentidas como perda. Na sociedade atual, esse sentimento pode ser pensado como o efeito do processo de caracterização da criança. Esse sentimento de infância adquire maior visibilidade nos séculos XVIII e XIX, através das práticas e discursos moralistas e higienistas.

Na Antigüidade e na Idade Média, a criança era considerada objeto e sua existência dependia das decisões do poder absoluto dos pais. Dessa forma, abandonar crianças, neste período, era um fato comum.

A concepção cristã de caridade, corrente na Idade Média, de acordo com Marcílio (1998, p. 35), levaram muitas crianças abandonadas a encontrar refúgio nos mosteiros, pois lá tinham comida, educação, meios de "salvação". Nesta época, é que surge a instituição chamada oblata, ou seja, crianças pequenas eram "ofertadas" a serviço de Deus e de sua religião, por seus pais, aos mosteiros.

> A criança, obviamente, era quem pagava o custo dos benefícios para a família e a comunidade. Confinada por toda a vida, irrevogavelmente, à vida religiosa, ela jamais poderia ter propriedades, nem deixar o mosteiro ou casar-se. Ela perdia sua liberdade individual, o que de certa forma, a igualava à situação dos expostos criados como escravos. Esses, ao contrário, podiam manter relações sexuais, ter esperança de, em casos especiais, recuperar o status de livres ou, ainda, de receber a liberdade de senhores benevolentes. Por consenso social geral, o oblato estava destinado a uma vida de pobreza, obediência e castidade, para sempre. (Marcílio, 1998, p.36).

Durante a Idade Média desenvolveu-se a idéia da necessidade de assistência social, em casos de doenças ou de abandono.

> No Ocidente cristão, os hospitais se originaram na Igreja, junto às ordens monásticas. Os hospitais monásticos não passavam de pequenas instituições onde se ofereciam diferentes tipos de assistência, de enfermagem e de abrigo aos peregrinos, aos andarilhos e às crianças abandonadas. (Marcílio, 1998, p.38).

Onde havia a piedade e a caridade cristã, preconizava-se a criação de instituições como Hospitais e Hospícios para as crianças abandonadas. Estas eram construídas e multiplicadas, com o objetivo de absorver os desamparados e os pobres e, com isso, essa camada da população ia tendo mais visibilidade.

> os asilos para crianças abandonadas, para os velhos, para os órfãos ou para os pobres, os albergues para os andarilhos; os hospitais para os

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> doentes; os recolhimentos para as viúvas e as mulheres sós; e os isolamentos para os leprosos foram surgindo por toda parte. Essas instituições tomavam o nome de cada especialização - nosocômio para os doentes; bretofório para as crianças pobres e abandonadas; e orfanatório para os órfãos - e, no Oriente cristão, sua direção ficou entregue inicialmente aos bispos. (Marcílio, 1998, p.50).

O pensamento da época era o de que, os pais, ao abandonar seus filhos, dariam oportunidade a outras pessoas de expressarem seus sentimentos caritativos e cristãos, expressando a virtude e o amor ao próximo.

Com o aparecimento das cidades, no final do século XIII, os governos locais foram assumindo a responsabilidade pela assistência aos desamparados, porém, mesmo com estas mudanças, o caráter religioso e caritativo não desapareceu.

São Basílio e São Pacômio elaboraram regras dos mosteiros e, nelas, colocaram a de ensinar uma profissão, conforme a aptidão das crianças abandonadas. Segundo Marcílio (1998, p.50) "Teve início, assim, a prática de capacitação da criança pobre para o mundo do trabalho".

Temos, necessariamente, que discutir a chamada Roda dos Expostos para pensar os outros mecanismos assistenciais que foram sendo criados.

Data do século XII a criação da primeira "Roda", um instrumento/lugar para a recepção de bebês abandonados, com o qual se impedia o conhecimento de quem havia depositado a criança. A chamada "Roda dos Expostos".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> O nome Roda - dado por extensão à casa dos expostos - provém do dispositivo de madeira onde se depositava o bebê. De forma cilíndrica e com uma divisória no meio, esse dispositivo era fixado no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior da parte externa, o expositor colocava a criancinha que enjeitava, girava a Roda e puxava um cordão com uma sineta para avisar a vigilante - ou Rodeira - que um bebê acaba de ser abandonado, retirando-se furtivamente do local, sem ser reconhecido. (Marcílio, 1998, p.57).

Essa prática que se inaugura vem servir ao objetivo de unir duas ordens de preocupação: respeito à vida e à honra familiar. Visa a sustar a antiga prática de abandono dos pátios da igreja, nas portas das casas das famílias abastadas e dos conventos.

> As crianças expostas na Roda de Roma eram confiadas a amas-de-leite. Algumas dessas amas levavam as crianças para serem criadas em suas casas; outras moravam nas proximidades. Para fornecer leite aos expostos, a instituição dispunha, também, de cabras. (Marcílio, 1998, p.52).

Relatos históricos mostram que ao serem levadas às amas-secas, durante a viagem, muitas morriam por falta de cuidados, as que sobreviviam eram vítimas de maus-tratos, má nutrição e serviços pesados.

> Os hospitais de expostos de toda Europa tornaram-se verdadeiramente matadouros de crianças. Deixar um bebê em uma dessas instituições - criadas para proteger a criança - eqüivalia a uma sentença de morte. As

unesp

> circunstâncias do abandono dessas crianças, seu transporte até o hospital e deste até a casa das amas, as condições de vida das amas-de-leite e a instituição propriamente dita contribuem para esse verdadeiro genocídio da infância desvalida. (Marcílio, 1998, p.68).

A partir dos meados do século XVIII, floresceu uma abundante literatura sobre o tema da conservação das crianças. Segundo Donzelot (1986, p.15), colocava-se, em questão, os costumes educativos, visando a três alvos: a) a prática do recolhimento aos menores abandonados; b) a criação dos filhos por amas de leite e c) a educação artificial de criança rica.

Quanto a administração dos menores abandonados, reprovou-se o índice de mortalidade infantil; prejuízo certo ao Estado que não tinha retorno do investimento efetuado. Estabeleceu-se uma relação entre a administração do problema do menor e a necessidade de melhorar os recursos da manutenção da dívida do Estado. Trata-se, como nos diz Donzelot (1986), da necessidade de organizar uma economia social.

Quanto ao item b) e c), conservar as crianças significava por fim aos malefícios da criadagem, promover novas condições de educação, uma nova economia do corpo.

A partir do século XVIII, ia se produzindo uma revalorização das tarefas educativas, em torno de dois pólos distintos. O primeiro pólo tinha, como eixo, a difusão de uma medicina doméstica e o segundo, a diminuição do custo

social da reprodução da vida dos pobres, com o objetivo de diminuir os gastos públicos, o que poderia ser nomeado filantropia.

A preocupação em salvar corpos, a partir dos anos de 1750-1760, ganhava visibilidade e formas próprias, porém, somente no século XIX é que iniciara uma política de "luta contra a mortalidade infantil", vista como uma solução para a questão social. (Marcílio, 1998, p.70).

Assim, as elites eram atraídas pela filantropia, pois pressupunham que ela poderia exercer controle sobre a sociedade de forma eficaz. Buscava-se a ordem social e o equilíbrio dos conflitos sociais.

Marcílio (1998, p.26) afirma que:

> A utopia filantrópica almejava uma sociedade harmônica, estável, feliz. Os meios para alcançá-la passavam pela ética e pela educação. Incutir sentimentos de ordem, de respeito às normas, de estímulo à família, de amor ao trabalho estava no ideário do projeto filantrópico-burguês; tudo fundado na melhor ciência e no culto ao progresso ininterrupto.

> Não se pode conceber a filantropia como uma fórmula ingenuamente apolítica de intervenção privada na esfera dos problemas ditos sociais, mas sim como uma estratégia deliberadamente despolitizante face à instauração dos equipamentos coletivos, ocupando uma posição nevrálgica eqüidistante da iniciativa privada e do Estado. Donzelot (1986, p.55-56)

Assim, a filantropia estava associada a uma representação da sociedade, de forma utópica e aos objetivos da classe dominante. Escamoteava-se, desta forma, a grave questão da prática social do abandono, provocado pela miséria. Tentava-se o controle social e a normatização de condutas, visando a "uma sociedade harmônica, estável, feliz" e, para isso, investia-se na afirmação da família, como veículo importante de socialização de indivíduos aptos a contribuir com o Estado.

Nesta vertente, a criança deveria ser um indivíduo que trouxesse progresso, um agente a serviço do Estado.

No final do século XVIII, já se divulgava um interesse pelos direitos e pela condição do ser humano. Elaborava-se a concepção da necessidade de maior intervenção do Estado, nas questões relacionadas à saúde pública e a da assistência aos pobres, isto porque se apregoava a ordem social e uma certa preocupação com a situação humana. É, neste sentido, que se instaurou o movimento do bem-estar da criança.

Disto, emergia-se a preocupação com os pobres, não apenas por sentimentos de caridade, mas, com o objetivo de controlar essas pessoas de modo racional.

> No século XIX, filantropia e caridade compartilham o mesmo objetivo: ligar as relações pessoais com as famílias populares, tendo como fim explícito o controle social. Mas na realidade, pouca coisa fizeram os filantropistas de primeira hora. A filantropia que se pretendia

> especulativa, pesquisadora, "científica", conselheira - foi pouco prática. Até meados do século XIX, o caráter singular da filantropia foi a investigação ideológica, que buscava formas de expressão simbólica.
> Desse modo, a filantropia é filha do Iluminismo, do Higienismo e da Revolução Industrial (liberal e urbana). Ela queria impedir o afundamento da ordem social, do Estado, da civilização. E, inicialmente, seus objetivos foram a supressão da pobreza e a melhoria da situação dos operários e de seus filhos, a partir da adoção de uma estratégia pedagógica e educativa. (Marcílio, 1998, p.75).

> Nessa fase da Filantropia, as primeiras propostas de políticas sociais em favor da infância desvalida, vinham sendo ensaiadas desde fins da década de 1830. Começaram por intervir no trabalho das misericórdias, procurando transformá-las em institutos de proteção à infância abandonada a serviço do poder público. Em outras palavras, procurou-se esvaziar o caráter caritativo de sua assistência. (Marcílio, 1998, p.193)

Interessante apontar a contribuição de Ariès (1981, p.156), explicando que o sentimento de infância não podia ser confundido com afetos relacionados à criança, visto que esta prática era muito antiga e o sentimento de infância, dizia respeito "à consciência da particularidade infantil, pois essa particularidade, é que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem", produzindo um campo de sociabilidade para ela.

Nesse sentido, através das transformações ocorridas durante os primeiros séculos da era moderna, as práticas de relacionamento com a criança

unesp

modificaram-se e esta passava a ser educada, desvinculada do mundo adulto, colocando a família, num lugar de trânsito de afetos.

A família tornara-se, nesse aspecto, o lugar de uma *afeição necessária,* entre os cônjuges e entre pais e filhos, o que antes não acontecia. Essa afeição se exprimiu, sobretudo, através da importância que se passou a atribuir a educação. Não se tratava mais de determinar para os filhos, a função dos bens e da honra. "Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida." (Ariès, 1981, p. 11-2).

O Iluminismo concretizou-se pelo esforço de ensinar ao povo noções higienistas, fundado nas idéias da razão e no progresso social.

> Regenerar jovens delinqüentes e crianças abandonadas, por meio do trabalho e da reclusão, foi a forma escolhida pelas filantropias laicas protestantes e católicas, que se associaram estrategicamente em fins do século passado. A prática filantrópica funcionou como motor da gênese das leis de proteção à infância votadas em toda Europa, a partir do início do século passado. (Marcílio, 1998, p.76).
>
> Houve também um esforço generalizado em toda Europa, desde meados do século XVIII no sentido de criar programas de capacitação profissional para os expostos. As instituições introduziram o ensino profissionalizante para meninos (oficinas de ferreiro, marceneiro, sapateiro, etc.) e para meninas (ensino de corte e costura, de bordados,

unesp

> de artesanato de flores, de papel, de rendas), juntamente com o ensino elementar. (Marcílio, 1998, p.81).

A forma de controle dessa população foi efetivada, através da conexão da ciência médica, com a psiquiatria médica, com a assistência pública e justiça de "menores", onde se tentou profissionalizar as crianças e os jovens, com o objetivo de torná-los "bons cidadãos", "aptos" ao mercado de trabalho.

Com estes fatos, criou-se além de serviços adequados, novos saberes no trato da infância e juventude, nas várias áreas de conhecimento, como por exemplo, na medicina, na psicologia, no direito, na pedagogia e outras.

Houve, nesse momento, a associação de teorias criminológicas de Lombroso, com os conhecimentos das disciplinas da Educação, Genética e Etnologia para dar sustentação à criação desses serviços, como os estabelecimentos de reclusão.

Os estabelecimentos totais de reclusão tinham como objetivo:

> os estabelecimentos de internamento seriam ideais para tirar a criança dos perigos da rua, do botequim, da malandragem, da vadiagem, etc. Retirada da família e da sociedade, nas instituições totais a criança encontraria a educação, a formação, a disciplina e a vigilância que a prepariam para a vida em sociedade, para bem constituir sua família, dentro do amor e do preparo para o trabalho. Pelo menos essas eram as expectativas utópicas dos teóricos filantropos. Com a maioridade, a criança sairia desse microcosmos estruturado e profilático e seria devolvida "apta" para viver em sociedade. A filantropia tinha por escopo

> preparar o homem higiênico (capaz de viver bem nas grandes cidades, em boa forma e com boa saúde), formar o bom trabalhador, estruturar o cidadão normatizado e disciplinado. (Marcílio, 1998, p. 207).

Esse processo, junto com o ideário filantrópico, tinha, como objetivo, condicionar a criança pobre no trabalho, controlar a família, no sentido dela contracenar com os ideários da elite. À criança abandonada também restava-lhe os estabelecimentos de reclusão, na tentativa da padronização, dominação, de tal forma que não possibilitava a irrupção de outros modos de existência.

A família começava então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, de tal forma que ela, a criança, pudesse sair do seu antigo anonimato, de tal forma que seria impossível perdê-la ou substituí-la, sem qualquer dor. Ela não poderia, então, ser reproduzida muitas vezes. Tornava-se, então, necessário limitar seu número para uma melhor qualidade de vida, com melhores cuidados. Portanto, não se surpreende se essa revolução escolar e sentimental tenha sido seguida, com o passar do tempo, de um malthusianismo demográfico, de uma redução voluntária, observável no século XVIII (Ariès, 1981, p.12).

b) Brasil e o sentimento de infância

Jurandir Freire Costa (1989), em seu livro *Ordem médica e norma familiar*, mostra-nos que o sentimento de infância vai aparecer no momento da constituição do Estado Nacional Brasileiro, no bojo do desenvolvimento das urbes e nas mudanças das relações sociais. Diz o autor, que esse Estado vai intervir nos modos de organização familiar e, para que o processo de modernização se efetive, utiliza-se a ciência médica. A medicina higiênica passa a impor modelos de hábitos e condutas, transformando os indivíduos necessários ao Estado. Vale dizer que a ordem médica vai criar uma norma familiar apta a transformar os indivíduos passivos e obedientes à norma Estatal.

Costa (1989, p.33) afirma que a família em que incidia a medicina higiênica era a do extrato mais elevado, enquanto as empobrecidas socialmente, a família colonial, era objeto de crítica, em relação a saúde. Para ele "a camada dos "sem família" vai ser entregue à polícia, ou ao recrutamento militar ou aos espaços de segregação como prisões e asilos". A criança só foi vista de outro modo, na medida em que se percebeu que ela necessitava de cuidados e proteção, para se formar indivíduo, importante e necessário para o Estado – aí, então, investiu-se na formação do indivíduo, com ideais de amor à pátria. A criança passou, dessa forma, a ter lugar de relevância no seio familiar.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

E, nesse aspecto, a educação infantil foi se efetuando em colégios, onde várias técnicas disciplinares foram postas em ação, com o objetivo de se produzir um bom cidadão, ou seja, indivíduo útil ao Estado. Um novo sentimento começou a aparecer, o amor dos pais pelos filhos, mas essa prática social surgiu, como prática importante, para a constituição do Estado moderno.

O Estado já nasceu no Brasil, apoiado e com o consentimento das classes privilegiadas e, nelas, investiram-se na educação e na saúde, tornando as crianças objetos dóceis e corpos disciplinados, aptos a compor o cenário das urbes (Foucault, 1977).

Marcílio aponta que foram lentas as conquistas dos direitos da criança, sem família na ordem social. "As leis de adoção plena, estendidas desde o nascimento da criança, só surgiram depois da Segunda Guerra Mundial e da Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959)." (Marcílio, 1998, p.86-7), onde a fase da filantropia, dita científica, estava se encerrando, e começando a nascer uma nova fase nas políticas sociais públicas, com a intervenção do Estado no Brasil.

> A proteção à criança abandonada, estava prevista: nas três Ordenações do Reino - iniciou-se com a própria colonização. Quando os pais ou parentes não assumiam a responsabilidade por um filho, essa responsabilidade recaía sobre a Câmara Municipal, que devia encontrar meios para criar a criança sem-família. (Marcilio, 1998, p.130)

unesp

Todavia, os municípios cumpriam essa função de forma precária. No período colonial, o Estado e a Igreja não assumiam estas crianças, atuavam apenas indiretamente com o controle legal e jurídico.

> Depois de levantarmos volumosa e variada documentação sobre o menor desvalido, pudemos perceber a existência de três fases distintas na evolução da assistência à infância abandonada brasileira, as quais a partir da segunda fase se justapõem.
>
> A primeira fase, de caráter caritativo, estende-se até meados do século XIX. A Segunda fase - embora mantendo setores e aspectos caritativos - evoluiu para o caráter filantrópico, e está presente, a rigor, até a década de 1960. A terceira fase , já nas últimas décadas do século XX, surge quando se instala entre nós o Estado de Bem-Estar Social, ou o Estado - Protetor, que pretende assumir a assistência social da criança desvalida e desviante. Só a partir desta fase, a criança tornou-se, na lei, sujeito de Direito, partícipe da cidadania. (Marcílio 1998, p.132)

Entre meados de um século e outro, houve transformações sociais no Brasil, como por exemplo, o fim da escravidão, a queda da monarquia, a separação Igreja e Estado capitalista (Marcílio, 1998, p.191). Imigração, industrialização, êxodo rural, todos estes fatos contribuíram para mudanças nas políticas públicas, voltadas à criança abandonada.

unesp

III. O Brasil e a assistência à criança e ao adolescente

Em decorrência da abolição dos escravos (1888), foi elaborado um projeto de política pública que resultou na criação de Asilos de Educandos em quase todas as capitais regionais (Marcílio, 1998, p.193).

A medicina preventiva, através da atuação dos médicos higienistas, começou a se preocupar, com a infância desamparada. Os juristas buscaram conhecimentos em outros países. Assim, a Medicina e o Direito uniram-se, criticando a assistência caritativa, sugerindo o uso de técnicas científicas na Filantropia.

> Até mesmo a designação da infância mudou nessa fase de intervenção da Medicina e das Ciências Jurídicas. De um lado, o termo "criança "foi empregado para o filho das famílias bem postas. "Menor" tornou-se o discriminativo da infância desfavorecida, delinqüente, carente e abandonada. Do início do século, quando se começou a pensar a infância pobre no Brasil, até hoje, a terminologia mudou. De 'santa infância', 'expostos', 'órfãos', 'infância desvalida', 'infância abandonada', 'petizes', 'peraltas', 'menores viciosos', 'infância em perigo moral', 'pobrezinhos sacrificados', 'vadios', 'capoeiras', passou-se a uma categoria dominante - menor. O termo menor aponta para a despersonalização e remete à esfera do jurídico e, portanto, do público'. A infância abandonada que vivia entre a vadiagem e a gatunice, tornou-se, para os juristas, caso de polícia. (Marcílio, 1998, p.195).

Para ela, já era dado um destino. Tornar-se-ia um indivíduo que traria problemas sociais os quais entrariam em contradição com os ideais de sociedade harmônica e feliz. Neste sentido, foi criado no Rio de Janeiro o SAM.

> No Rio de janeiro, foi criado o SAM - Serviço de Assistência a Menores, através do decreto-lei n. 3.799, de 5 de novembro de 1941, durante o Estado Novo. A sua finalidade era de "sistematizar e orientar os serviços de assistência a menores desvalidos e delinqüentes, internados em estabelecimentos oficiais e particulares" (artigo 2° a.). Ele substituiu a Escola Correcional Quinze de Novembro criada em 2 de março de 1903. Pelo decreto n. 4.780, que aprovou o seu regulamento e dispôs sobre a sua organização para "educar e velar sobre menores que, pelo abandono ou miséria dos pais, vivem às soltas e expostos à prática e transgressões próprias da idade.

Tendo o SAM como modelo, surgiu em São Paulo o RPM - Recolhimento Provisório de Menores, em julho de 1954, mediante a lei estadual nº 2.705, subordinado diretamente ao Juizado de Menores. Destinava-se a abrigar também os acusados de atos considerados infracionais, até que fosse estabelecida a situação definitiva. Fazia-se necessário um exame do "menor" que atendesse aos quesitos físicos mas também aos sociais, aos econômicos e aos psicológicos. O objetivo de intervenção era o "menor", sobre a alçada jurídica e a criança sobre a proteção da esfera médica-educacional (Rizzini, 1995, p. 274).

unesp

A criação do SAM em 1941 representaria o ápice de um processo de intervenção, lentamente gestado a partir da década de 20, "em prol da solução do grande problema nacional". Sua subordinação ao Ministério da Justiça apontou não só para a preocupação com o combate e prevenção da criminalidade infanto-juvenil, como também para a prevenção contra formas autônomas de existência entre jovens das camadas populares. Por trás da idéias do SAM, estavam presentes representações, amplamente aceitas e discutidas: a imagem da criança pobre como abandonada, física e moralmente; uma concepção da infância, como idade que exige cuidados e proteção específicos; as grandes cidades como "locus" da vadiagem, criminalidade e mendicância; os espaços públicos (ruas, praças, etc.) como espaços de socialização da marginalidade. Por fim, a idéia de que caberia às instituições especializadas a "recuperação e formação de uma infância moralizada". Recuperando a infância desvalida, o Estado contribuíria, para a formação de indivíduos úteis à sociedade, futuros "bons trabalhadores". Porém, o SAM foi apontado como instituição corrupta que promovia maus-tratos e negligência aos assistidos (Rizzini, 1995).

Lembremos que, no início da década de quarenta, estávamos em pleno Estado Novo, período de ditadura. O governo de Getúlio Vargas deu visibilidade à proteção e à assistência ao "menor" e à infância. E a criança era

vista, como capital humano, cujo objetivo era a sua formação em futuro cidadão, útil à pátria.

Após o SAM, foram criadas outras instituições tutelares, como por exemplo, em 1942 a Legião Brasileira de Assistência (LBA), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SESI (Serviço Social da Indústria), SESC (Serviço Social do Comércio) e o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), todas elas com o objetivo de transformar o jovem em operário útil às fábricas. Acreditava-se que essas instituições, ao adequá-lo ao mercado, impossibilitariam ou impediriam os movimentos próprios da população marginalizada, ou seja, se era a miséria que o levava ao crime, então, transformá-lo em mão-de-obra, seria um meio de quebrar a associação entre miséria e criminalidade. Nesse sentido, a problemática que envolveu esse coletivo apareceu como algo que teria que ser resolvido pelo Estado.

Crianças e jovens infratores ou abandonados, provenientes das situações de pobreza passaram a ser identificados como "menores" e o complexo institucional de controle para inimputáveis, expande-se, justificando o atendimento para os menores de idade pobres e perigosos, os pequenos bandidos.

Em 1964, início da ditadura militar em nosso país, criou-se, em 1 de dezembro deste ano a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor

(FUNABEM) que teve, como objetivo, elaborar diretrizes políticas e técnicas, no trato das questões, relacionadas à infância e à juventude.

Segundo Frontana (1999, p.67), até meados da década de 60, a ação do Estado, voltada para esta população, tinha característica corretivo-repressivo, haja vista que a institucionalização do menor ocorreu através de sua reclusão com o objetivo de "recuperá-lo" ou, "reintegrá-lo" à sociedade.

Em nível estadual, foi sendo criadas as FEBEMs, órgãos executivos, responsáveis pelo exercício prático das orientações, elaboradas pela FUNABEM, através do atendimento concreto aos adolescentes. As FEBEMs tornaram-se instituições de seqüestro de jovens, escola do crime, local onde, cotidianamente, utilizava-se a violência para transformar corpos rebeldes em corpos úteis, dóceis e normatizados. Maus tratos e abusos de todas as ordens foram práticas usuais da Instituição. (ver por exemplo: Marazina, 1992 e Guirado, 1980).

Seriam, então, as crianças e adolescentes, efeitos do fluxo capitalístico que agora aparecem como inimigos visíveis da pátria, assim como as pessoas que protestavam contra a ordem social da ditadura; às crianças e aos adolescentes lhes restariam a inscrição na instituição FEBEM. Criado o objeto criança/adolescente, perigosa socialmente, a política pública criada foi o aprisionamento dos que contestavam, seja de que forma for, a ordem social.

unesp

Enclausurar esses personagens que não seguem as regras morais, impostas pelo corpo social foi a estratégia encontrada pelo equipamento coletivo, o Estado, com o objetivo de minar o potencial político dessa população.

Roure (1996, p.75) afirma que, "como a educação que se propunha tinha como objetivo a reeducação", a formação de um novo comportamento que negasse o anterior; esses meninos eram obrigados a negar os comportamentos, valores e regras, até então apreendidos, iniciando-se um processo de desconstrução de sua identidade. O estigma de "marginal", de "pixote", de "trombadinha" eram muitas vezes introjetados, pelos internos, assimilando os valores, veiculados em tais instituições.

Criados, esses personagens "marginais" é que começam a insurgir, no meu modo de pensar, os "desviantes", os relegados da ordem. E, na ótica jurídica, (Código de Menores, 1927/1979) a expressão "menor" surgiu com maior visibilidade, onde se culpabiliza a família, atribuindo a ela, maus comportamentos, imputando-lhe as características de incapaz, negligente e indigno.

Essas medidas de encaminhar as crianças e os adolescentes aos mosteiros, asilos, hospitais, internatos, SAM, FUNABEM, FEBEM, tinham, como objetivo visível, discipliná-las, criando possibilidades de construções de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

identidades fixas, dominando seus corpos, transformando-os em indivíduos dóceis e úteis à ordem social.

Nessa introdução, problematizamos como a criança, em situação de risco pessoal e, o adolescente em conflito com a Lei, foram construídos historicamente; não de modo linear mas em processos descontínuos. Esses personagens constituem-se através dos processos de objetivação e subjetivação, efeitos de relações de poder e saber e de práticas sociais que forjam objetos e identidades – sujeitos dóceis e úteis.

Assim, a criança e o adolescente foram objetos que ganharam visibilidade e importância na constituição do Estado, este formado com o desenvolvimento do sentimento de infância, sentimento de família e amor materno, com o objetivo de tornar estes personagens indivíduos úteis a ele.

unesp

a) Experimentações na rua: cartografias dos diferentes saberes produzidos por esse acontecimento.

Esboçamos aqui uma certa cartografia sobre o abandono de crianças e as políticas de atendimento a elas. Vimos, então, todo o processo para torná-las indivíduos "adaptados " à ordem social. Passaremos agora às crianças e adolescentes em situação de rua.

Ferreira (1980, p.167 apud Fausto, 1984) referindo-se aos filhos das camadas mais empobrecidas da população diz que:

> os meninos da rua não têm tempo e condição de serem crianças e adolescentes, eles vivem uma mistura de vida onde as experiências infantis, juvenis e adultas se superpõem no mesmo momento e sempre de forma drástica: à beira da morte; sofrendo o medo; atacando e sendo atacado.

Mariza Corrêa (1982, p.59 e seguintes *apud* Fausto, 1984) apontam-nos que é nos fins dos anos 20 e início dos anos 30 que a criança se transformou em "menor", referenciando-se de forma estigmatizante os empobrecidos socialmente.

Fausto (1984, p.80), utilizando-se do conhecimento produzido por Violante (1983), acrescenta que essa transformação ocorreu, justamente, no período em que também ocorreram as idéias da "pedagogia terapêutica, como as que existem na criança; os "sinais de alarme", de predisposições e de

tendências ao crime, cuja origem pode ser de natureza morfológica, funcional ou psíquica".

Entre os anos 20 e 30, a criança, empobrecida socialmente, transformou-se em menor, portando uma condição que a predispõe ao crime. A escola e o trabalho eram percebidos como instrumentos, para se evitar que a criança caísse na vadiagem, na delinqüência.

Segundo Fausto (1984, p.82), desde o início do século XIX, já havia, na literatura, referências a menores vadios, mendigos e meninas prostitutas. O autor aponta como a imprensa divulga os fatos (Boris Fausto, 1984, p.82).

> Aqui estão dois exemplos. Em 1886, o Diário Popular denunciava a presença na ladeira da Tabatingüera de um bando de meninos insuportáveis. Deixando de parte "ações vergonhosas e exercícios de capoeiragem", o bando era acusado de esbordoar crianças indefesas e assaltar pobres vendeiras, roubando-lhes frutas, doces, etc. Mais de vinte anos depois, O Estado de São Paulo aludiria aos garotos que da manhã à noite se aglomeravam nas ruas dos arrabaldes, praticando toda sorte de diabruras, num berreiro infernal. Estas maltas de vagabundos transformam as ruas dos nossos bairros em campos de futebol, riscam as paredes dos prédios, despedaçam vidraças das casas de moradia.

A produção do personagem "menor delinqüente" foi ganhando visibilidade, através das práticas e dos saberes produzidos sobre ele.

A imprensa criticava a falta de responsabilidade dos pais e propunha medidas paternalistas ou repressivas, como por exemplo, que os menores

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

abandonados fossem acolhidos em "famílias bem constituídas", bem como a criação de instituições especializadas. Tanto que, em 1902, criou-se o Instituto Disciplinar em São Paulo.

Graciani (1997, p.94) elabora uma obra onde busca, nas teorizações de Paulo Freire sobre Educação Popular, embasar a prática social de educadores de rua. Para tanto, busca definir criança, adolescente de rua ou na rua, como tendo: "sua gênese na estrutura social e nos mecanismos do sistema sócio-político do Brasil". Isso significa que, para reverter esse quadro, há de se levar em conta essa realidade.

Diz que "a recessão, o desemprego, a crise institucional generalizada, principalmente do Estado, a corrupção e a degradação social e, conseqüentemente, o abandono da infância e da adolescência de rua, são os exemplos típicos da década de 80" (Graciani, 1997, p. 51).

Nesta óptica, afirma a autora que as crianças e os adolescentes, de ou na rua, são vítimas dos desencontros da crise sociopolítica e econômica, da irresponsabilidade dos governantes e de um sistema educacional, cada vez mais insuficiente para modificar o ensino escolar significativo" (Graciani, 1997, p.51).

Baseada nessa vertente de análise político/social/econômica, diz que o menino(a), de rua e na rua, é uma das "expressões mais concretas da exclusão e marginalização sociais " (idem, p.101). Não é um marginal social, mas um

unesp

oprimido, relegado pelo sistema social e "representam, ante o todo, uma das categorias mais graves, quanto ao grau de pobreza, de miséria, de fome, nudez, insalubridade, abandono, desproteção política, ignorância e muitas outras circunstâncias que o caracterizam como um protótipo de agressão social, marcado pelo sofrimento, pela privação e pela expropriação de direitos. É todo um complexo de violência destrutiva em que os menores transcorrem sua existência, em uma luta titânica, pela sobrevivência e subsistência no espaço urbano das cidades". (Graciani, 1997, p. 110).

Afirma a autora que, para viver, esses jovens recorrem a condutas que estão fora das normas sociais, como o roubo, a droga, a prostituição. São vítimas e autores de práticas de violência . Mas a autora não os vê como desviantes socais e sim como seres que "são resultado de uma 'socialização divergente'. " (Graciani, 1997, p. 112).

Define o território dos jovens, como sendo o território embrião e o de embate; o primeiro, significando o lugar onde se concentram, o ponto de referência e o segundo, o lugar onde se dão os embates, seja com a polícia, com os pedestres, traficantes ou receptadores.

> A impotência ou a combatividade da criança e a conseqüente necessidade de apoio determinam sua absorção pelo mundo da rua: a criança, o adolescente ou o jovem, de e na rua, devido a sua solidariedade, adere com facilidade a "chefes" de grupalizações ou a qualquer outro tipo de "líderes", em sua busca de um pouco de

> segurança e estabilidade. São essas situações que aumentam os complexos e a dependência, já que se submetem ao líder, que mantém o autoritarismo, dando-lhe a autorização ou não, para ser membro ou parte da grupalização, num determinado espaço vital, num determinado território (embrião ou embate). (Graciani, 1997, p. 116)

Neste "locus" é que a criança ou o jovem, de ou na rua, cria seus laços de pertencimento, seu reconhecimento social, e através do processo de grupalização, constrói suas redes afetivas e de proteção.

No entanto, a rua:

> "constitui-se em transitoriedade permanente, dada a insegurança total. Não é possível prever o que vai acontecer na próxima hora, no próximo dia. Terá que estar sempre preparado para agir ou reagir, criar e recriar, inventar ou reinventar formas, maneiras de sobreviver na rua ou mesmo, viver na rua e o que conta é a troca e o consumo imediato daquilo que se ganha. A rua é apropriada pelos "menores" de rua e isso demonstra o embate e o confronto com os outros interesses, muitas vezes, contraditórios, como, os dos comerciantes, que querem vender seus produtos, os dos policiais, que devem garantir a ordem social etc. Na rua, vale a "lei do mais forte", do mais esperto, do mais valente, por exemplo, a do narcotráfico, que é quem mantém o controle deste ou daquele território." (Graciani, 1997, p. 131-132).

A rua é então lugar de guerra, de embate, de criação, de invenção, de reinvenção; é lugar de produção de cultura.

unesp

Essas crianças e jovens são máquinas de guerra em linhas de fuga, abertas à multiplicidade dos corpos e agenciamento de fluxos onde também transita a violência. Não são corpos adestrados ou dóceis, são corpos em eterna luta, singularizam-se de forma diferenciada dos padrões, tidos como "normais". Estão longe de serem crianças e jovens idealizados e reificados, através de representações sociais. Redes de sociabilidade são travadas de forma oposta às tradicionais.

Pelos argumentos acima expostos, pensamos ser bastante difícil definir a criança e o jovem em situação de rua, dada a sua provisoriedade e a transitoriedade da construção de seus territórios.

Consideramos ainda que essa população não é vítima, pois são atores sociais que se inscrevem no corpo social denunciando, desvelando a falta de tutela e de proteção e, ao mesmo tempo, usados por este mesmo sistema[1].

Gomide (1996), analisando os meninos de rua de Curitiba e apontando também para os problemas conjunturais de nossa sociedade, afirma que

> estas crianças são oriundas de famílias pauperizadas pela condição econômica do país e tal condição impede que homens e mulheres cumpram com sua função biológica de alimentar, proteger e acariciar sua prole. Devido à ausência de condições mínimas de sobrevivência, por

---

[1] Li há pouco tempo em algum lugar que a moda de casaco com gorro foi copiada dos garotos da FEBEM, os quais para não serem reconhecidos usam o gorro impedindo a visibilidade de seus rostos.

unesp

> falta de profissionalização, de educação e saúde, estas pessoas perderam a oportunidade e a capacidade de educar e cuidar de seus filhos, permitindo que esta função fosse realizada pelo Estado ou pelas ruas das cidades. (Gomide, 1996, p.107).

A ausência de mínimas condições de vida, no interior das famílias, provoca a expulsão de crianças e jovens da casa, para as ruas e estes passam a perambular pela cidade, dormindo em qualquer lugar. As ruas da cidade são o seu lugar de moradia. Esmolam, vendem objetos, cuidam de carros, engraxam sapatos, furtam, cheiram cola, fumam maconha e cometem delitos. Vivem sem amor, com frio e fome, são negligenciados pela sociedade. (Gomide, 1996, p. 107-108).

A autora usou para a pesquisa a definição de menino de rua das Nações Unidas (1985):

> Menino de rua é todo e qualquer menino ou menina para quem a rua (no sentido mais amplo da palavra, incluindo casas desabitadas, terrenos baldios, etc.) tornou-se sua moradia habitual e/ou fonte de sobrevivência; e que não tem a proteção, supervisão ou orientação de um adulto responsável. (Gomide, 1996, p. 109).

Afirma ainda que esses jovens não tiveram

> educação formal, não aprenderam a obedecer regras sociais de convivência, não têm profissão, não têm hábitos de moradia e de higiene e têm uma grande dificuldade de relacionamento interpessoal, pois

> desprezam a sociedade, suas normas, seus valores em função do processo de marginalização ao qual foram submetidos (Gomide, 1996, p. 108).

A problemática da produção da criança e do adolescente de rua sai do plano das determinações políticas, econômicas, sociais e aloca-se no sujeito, sendo ele agora despreparado e apresentando comportamentos anti-sociais. Gomide (1996) elabora pesquisa, esboçando o panorama político social e econômico, determinando as condições de crianças e adolescentes, em situação de risco, dizendo que estas determinações acabam por eclodir no indivíduo, tornando-o incapaz de assimilar a educação formal.

O círculo repete-se, pois os professores, segundo a autora, não estão preparados para atender a essa clientela, até porque pensamos que seja este um dos motivos do abandono da escola. Este é, ao nosso ver, o grande problema das teorizações, quanto ao resultado aos quais elas chegam. Implícita nelas está um conceito de sujeito, focado do ponto de vista patológico, determinismo que impossibilita o sujeito de se inscrever no mundo a seu modo com suas formas próprias de lidar com o cotidiano.

O indivíduo, neste tipo de análise, acaba por se tornar incapaz, carente e passa a ser visto nessa óptica pela escola. A escola passa a reproduzir este olhar para todas as esferas da vida do indivíduo, transformando-o em "vítima", "coitadinho", que necessita de cuidados especiais e professores especiais.

unesp

Bourdieu (1997) em, *A Miséria do Mundo*, apresenta uma entrevista com uma professora de letras de um colégio. Essa entrevista foi realizada por Gabrielle Balazs e Rosine Christin e o título é "Um trabalho de merda". Revela a entrevistada seu trabalho como professora, seu sentimento de estar espremida, sua luta por nada; retrata o pensamento dos professores.

> ... Não estamos aqui para isso, não estamos aqui para gostar de crianças" nada de que é feito na escola é feito no interesse da criança, o trabalho do professor é exaustivo, esmagador, lê pedaços de livros. A entrevistada vai colocando toda a problemática de seu trabalho e desânimo até chegar no momento da questão da disciplina então ela diz "(...) quando seus meninos... quando eles sentem .. quando eles sentem parte do professor algum desprezo ou um... ou mesmo raiva, pois há professores que não gostam - eles gostam da escola, porque nunca a abandonaram - mas que não gostam das crianças, as crianças os irritam... e quando os garotos sentem isso, aí é que eles podem ser maldosos (...) eu creio que quando temos meninos assim, é verdade que é preciso ser resistente, muito resistente. Ou então gostar deles. (Bourdieu et al., 1997, p.539-48).

Citamos essa entrevista para mostrar que uma relação é construída no bojo do acontecimento. As escolas, através de seus agentes institucionais, sutilmente constróem estereótipos e criam condições para a evasão escolar dessas crianças e adolescentes. E ainda aponta que essas crianças não

aprenderam a obedecer as regras sociais, pois criam regras entre si, seus valores são outros.

Segundo Gomide (1996), o processo de marginalização produziu, no jovem de rua, a dificuldade do relacionamento interpessoal e o desprezo pela sociedade, além de estar com "déficits" comportamentais e emocionais e, em sua conclusão, aponta que o problema do jovem de rua está em sua interioridade e em sua família, tanto que "A pesquisa mostra, claramente, que os meninos de rua, na sua maioria, precisam de um lugar seguro e acolhedor (visto que seus lares não oferecem isto) para aprenderem uma profissão, estudarem e receberem os cuidados básicos que uma criança em desenvolvimento necessita." (Gomide, 1996, p.120).

Aptekar (1996, p. 173) aponta para o conceito de criança de rua como resiliente:

> Muitos autores têm apontado que crianças de rua são resilientes (Felsman, 1989; Aptekar, 1988b, 1989c, Tyler, et al,, 1987; Tyler et al., 1992; Hickson & Gaydon, 1989; Lusk, 1992; Swart, 1990). Oliveira, Baizerman & Pellet (1992) avaliaram a saúde mental de 71 crianças de rua brasileiras com idades entre 8 e 18 anos. Eles apontaram muitas características de resiliência das crianças incluindo um alto nível de inteligência, preocupação com o outro, ausência de abuso de drogas e uma boa auto-estima. Os autores acreditam que os estereótipos que vigoram sobre as crianças, de que elas são delinqüentes e abusadoras de drogas, têm mais a ver com culpar as vítimas do que com descrever as crianças de forma precisa.

unesp

Todavia o interessante da análise de Aptekar é o conceito de resiliência, como sendo a capacidade que as crianças e jovens têm, em situação de risco de efetivarem uma força, de se potencializarem para ousar/usar do cenário das cidades. Segundo Koller (1999, p.68-70) "o termo resiliência foi *importado* das ciências exatas, onde é conceituado como a capacidade de um corpo físico de absorver energia, quando elasticamente deformado e, em seguida, devolver essa energia quando descarregado. Deformação elástica é definida como a capacidade de um corpo físico de retornar a sua forma original (Moura Branco, 1985)"

> (...) Alguns autores (Aptekar, 1989; Donald; Swart-kruger, 1994; Hutz; Koller, 1997) sustentam que as crianças em situação de rua podem ser resilientes uma vez que apresentam características psicológicas sadias, apesar do cotidiano adverso que enfrentam na hostilidade da rua. Elas desenvolvem estratégias para lidar com estas situações de risco. A rua gera altos níveis de stress, testando constantemente sua vulnerabilidade emocional, social e cognitiva. Todavia, exige permanentemente que elas apresentem estratégias de adaptação e de resistência à situação adversa e que põe em risco a sua segurança e sobrevivência. (Koller, 1999, p.70).

Não estamos, neste trabalho, operando com as dualidades, sadio-doente, louco-são; o que podemos estar afirmando é que pensamos que essas crianças e esses adolescentes constituem-se, mesmo que, provisoriamente, máquinas de

unesp

guerra, numa linha de fuga que os incita a serem "bricoleurs" e inventivos, transversalizados por fluxos e forças de intensas afecções que ganham expressão nas ações exercitadas por esses jovens.

b) O "menor" ao objeto do direito

Até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), crianças e adolescentes empobrecidos e marginalizados eram chamados de "menores". Construção histórica, fruto de um contexto econômico, político e social que, através dessa terminologia, por si mesma, gerava estigmas de exclusão social e preconceitos, através do atributo imposto; demandava, por certo modo, as práticas sociais no trato desta população.

Nesse sentido, a imagem construída do "menor" serviu como instrumento de identificação e controle desta população. Diversas concepções foram criadas em torno da mesma, principalmente, em relação as que usam as ruas como espaço de sobrevivência. Como diz Frontana (1999, p.27):

> Há, por um lado, aqueles que os vêem como delinqüentes ou bandidos que estão na rua para roubar, assaltar e que, portanto, representam constante ameaça à sociedade. Há, por outro lado, aqueles que os encaram como vítimas de um sistema econômico e social excludente que mantém grande parcela da população em situação de miséria. Há ainda aqueles que, experimentado um sentimento confuso e perplexo, que

> abriga simultaneamente medo e compaixão vêem-nos ora como ameaça, ora como vítimas.

Acossados entre sentimentos opostos, hostilidade e medo junto com piedade e compaixão, cria-se uma rede discriminatória. Os meninos que estão na rua, com suas flanelas, vendendo objetos nos semáforos, esmolando ou com outras atividades são dados como malditos e sujos, causando uma espécie de medo ou indiferença nas outras pessoas (Freitas, 1993). Não há espaço para uma relação de alteridade; são mundos opostos que se entrechocam. Despertado tal pavor social e pelas atribuições impostas a eles, a ação do governo, em relação a estes fatos, é a de produzir instituições de recolhimento. Despiolhar o mundo, limpar o centro da cidade dos dejetos humanos. Essa é uma forma violenta de resolver questões sociais como a miséria que caminha passo a passo na formação de grupos de extermínio, como diz Bicudo (1993). Frontana (1999, p.30) afirma que três crianças pobres são assassinadas por dia no Brasil, sem que haja qualquer ação por parte do governo para coibir tais práticas.

As formas de representação dessa população, veiculada pela mídia e por discursos governamentais, apontam para a seguinte realidade brasileira:

> ...dormindo nos bancos das praças ou sob as marquises de prédios e realizando incontáveis atividades capazes de garantir minimamente a sobrevivência; são vendedores de chocolate, chicletes, balas, frutas e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> inúmeras outras mercadorias nos semáforos dos grandes cruzamentos, nas praças e nas ruas movimentadas; são os que pedem esmolas nos bares, nas portas de restaurantes, cinemas, faculdades, são aqueles que por um trocado vigiam carros estacionados ou limpam os vidros dos automóveis parados nos semáforos; são também aqueles que realizam pequenas tarefas domésticas como empurrar carrinho de feira, lavar um quintal ou recolher objetos para vender, ou ainda aqueles que servem de mão-de-obra flutuante no setor terciário e em pequenas indústrias. Há também aqueles envolvidos em diversas atividades ilícitas, como prostituição, pequenos e grandes assaltos, ou que são intermediários na venda de produtos contrabandeados ou drogas. (Frontana,1999, p.32).

Capturados por esses olhares, ora como vítimas da exploração do trabalho infantil, ora como seres desviantes da norma, são impelidos a continuar vivendo nas ruas ou ir para instituições assistencialistas públicas, que ao invés de garantir os direitos previstos por Lei, reproduzem a estigmatização e a marginalização, lugares esses que, via de regra, praticam maus-tratos com o objetivo de disciplinar e normalizar corpos, violentados em seus direitos pelas forças capitalísticas.

A situação de exclusão social que essa população vivencia cotidianamente é o efeito de fluxos capitalísticos onde as políticas econômicas são altamente concentradas, onde se privilegiam poucos e se exclui a maioria

da população. Esta problemática já está presente no cenário brasileiro, desde o século XIX, onde tais questões são chamadas de "questões sociais".

Frontana (1999, p.34) afirma:

> Fome, miséria, desemprego, subemprego, baixos salários, carestia, ausência de políticas de caráter universalista nas áreas de educação e saúde, condições precárias e insalubres de moradia, bem como reações populares na forma de protestos, greves, quebra-quebras, movimentos contra a carestia, em defesa dos direitos humanos, dos sem-terra, dentre outros, são exemplos dos vários fatores que estão na base dos antagonismos e desigualdades sociais do "Brasil moderno" e que, mesmo em conjunturas históricas diversas, põem sempre em evidência a "questão social". Múltiplas são, também, as interpretações sobre ela, dado o forte estímulo que o tema sempre ofereceu `a busca de sua própria descrição, classificação, explicação, resolução ou eliminação.

Desde então, a época da transição do trabalho escravo para o trabalho livre, a questão da criança e do adolescente ganha visibilidade, ou seja, torna-se um problema, uma "questão social". Neste sentido, associa-se o problema da pobreza à criminalidade e as soluções encontradas são as relacionadas à ordem e ao controle dessa população. Escamoteia-se o problema real e cria-se um falso problema, ou seja, a questão principal não é combater a miséria e sim, culpar o empobrecido socialmente, atribuindo-lhe a responsabilidade por suas condições de vida, o que vale dizer que é devido as suas características

unesp

psicobiológicas ou morais, dadas como causa de sua condição social. Está nele a causa de sua miséria.

Assim, naturaliza-se a pobreza, retirando-se o caráter histórico, ou seja, sua produção no tecido social, construída pelos agentes de controle do Estado Capitalista. A questão social vai se arquitetando na forma de assistência. Ou seja, tenta-se dar subsídios, para que a população empobrecida socialmente se mantenha na pobreza. Nesta óptica, a pobreza também é vista como caos social e, freqüentemente, associada à criminalidade e, nessa perspectiva, criam-se práticas de segurança e de controle social, associadas à assistência.

O capitalismo não vitimiza a infância, mas inventa a infância delinqüente, na interioridade de suas práticas discursivas e não discursivas; cria sujeitos, engendra saberes.

Crianças e adolescentes acabam por se tornarem os infames da história como diz Foucault (1992) em seu texto: A vida dos homens infames, "gente sem glória, sem fama, mal posta, maldita e sempre malfadada".

Crianças e jovens passam pela vida; são incluídas nas instituições, dado que se criou o objeto criança em situação de risco e adolescente em conflito com a lei. O corpo social cria práticas e discursos para que sejam percebidas e dadas como perigosas, "para si e para os outros". Na ajuda de determinados saberes, tenta-se esquadrinhá-los, numa vertente psicologizante, em que se

unesp

deixe de lado a construção histórica destes personagens. É dentro desse movimento histórico do Brasil que, além das FEBEMs, outras instituições foram criadas; como internatos, casas de crianças abandonadas; instituições cujos objetivos atendem à parcela de empobrecidos socialmente, oferecendo-lhes profissões, tutelando-os para torná-los corpos dóceis, importantes para o mercado e para o Estado. Ou seja, inventam-se as instituições e o objeto.

Com a Declaração Universal do Direitos da Criança e pela atuação de organizações não governamentais começou a nascer, em 1990 ,o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, atrelado à Convenção Internacional dos Direitos da Criança e à nova Constituição do Brasil de 1988.

O ECA foi criado também, em decorrência da alta violência praticada por policiais e por grupos paramilitares que, praticamente, promoviam o extermínio desta população, como relata Bicudo (1992, p.23):

> Além disso, o ECA foi e é um dispositivo legal para o combate ao trabalho infantil, e de normas de proteção à todas as crianças, inclusive às crianças em situação de risco pessoal ou social e aos adolescentes infratores.

Devemos esclarecer que não é do nosso interesse fazer uma análise ou mesmo um levantamento de todas as medidas de proteção previstas pelo ECA. No entanto, destacamos algumas características que definem quais são, para o ECA, as crianças em situação de risco pessoal ou social como aquele que:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

- vive em condições indignas;

- é criado em situação de negligência e abandono;

- pode sofrer maus tratos e abusos sexuais;

- perambula pelas ruas durante o dia ou de madrugada, mendigando, usando drogas e se prostituindo;

- pode ser filho de pais traficantes e usuários de drogas que o obriga "a fazer mula";

- foi excluído, por motivos diversos, da escola e dos vários projetos existentes na comunidade;

- pratica furtos, isto é, entra em conflito com a Lei;

- enfim, é a criança e/ou adolescente que está em condições, altamente vulneráveis, podendo se tornar vítima ou ator de atos anti-sociais, em outras palavras, perigosas para si e para a sociedade.

Nossa sociedade produz a marginalização social, coletivos; sujeitos que vivem em condições perversas de vida, onde a violência é código posto e compartilhado. Esse coletivo-periférico, constituído por uma grande população de desempregados, vê no tráfico de drogas uma possibilidade de se manter vivo. Regra comum a essa população são as passagens pelas prisões. As famílias organizam-se de forma diversa das burguesas; têm na figura materna o suporte familiar ou os filhos são criados por vizinhos, parentes próximos ou distantes. (Aptekar, 1997, p.171)

unesp

É comum que essas famílias, por não compartilharem dos mesmos códigos de socialização burguesa, disseminados a princípio pelo núcleo familiar, sejam expulsas das escolas, às vezes de modo sutil, às vezes de modo violento; fato esse que pode ser comprovado pelo alto índice de evasão no Ensino Fundamental.

De forma diversa dessas medidas saneadoras, nosso procedimento foi o de ouvir, num espaço grupal, como esses sujeitos colocados à borda da sociedade, pensam a respeito do seu lugar social, como se comportam e quais os sentidos que dão à vida, ou seja, o modo de produção de subjetividade.

c) O adolescente em conflito com a lei

Criado o objeto "adolescente delinqüente", passaremos agora a cartografar a produção teórica referente a ele; sujeito esse, inventado pelo capitalismo e construído historicamente.

Bernardi (1991-92, p.83-100), ao tentar responder quem é o adolescente, autor de infrações penais, diz que se deve abordar a questão por várias perspectivas: do ponto de vista legal, do sociológico e do psicológico.

Do ponto de vista legal:

Ao cometer uma infração em relação ao *Código Penal Brasileiro,* o adolescente (inimputável) é detido por policiais. Conduzido à Delegacia de

unesp

polícia, é elaborado um Boletim de Ocorrência (B.O.), circunstanciado: histórico do delito e histórico do infrator.

Os pais ou responsáveis são intimados a comparecer a Delegacia e se responsabilizarem pelo adolescente. No dia subseqüente, o Boletim de Ocorrência é encaminhado para a Promotoria que decide sobre o encaminhamento do adolescente. A Promotoria poderá oferecer a denúncia, caso, por exemplo, de encaminhamento para a ação penal. Gostaríamos de lembrar que essa ação é conduzida, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1994, p. 70-72).

Sendo assim, o representante do ministério público poderá:

I. promover o arquivamento dos autos;

II.conceder a remissão;

III. representar a autoridade judiciária, para aplicação de medidas sócio-educativas.

Caso a promotoria entenda que à infração não cabe arquivamento ou remissão, oferece representação à autoridade judiciária, propondo a instauração da medida sócio-educativa. Nomeia-se também um advogado para acompanhar o processo.

No *Estatuto da Criança e do Adolescente* (de 13 de julho de 1990), Título III – De Prática de Ato Infracional, Cap. I – Disposições Gerais define no Art. 103 o que vem a ser ato infracional: "Considera-se ato infracional a

conduta descrita como crime ou contravenção penal" (1994, p. 50). Do ponto de vista legal, é o maior de 12 e menor de 18 anos que comete um crime ou contravenção penal.

As infrações, segundo o *Código Penal Brasileiro*, são:

1. *Crime contra a pessoa* (Artigos 121 a 154):

- homicídio simples
- homicídio culposo
- lesão corporal
- contra a honra
- constrangimento ilegal sob ameaça
- homicídio qualificado

2. *Crime contra o patrimônio* (Artigos 155 a 183):

a) Furto: subtrair para si ou para alguém coisa móvel

Furto qualificado: uso de rompimento de obstáculo para praticar o furto.

b) Roubo (Artigo 157): Prática do roubo com ameaça, mediante grave violência com uso de armas, sendo impossível a resistência.

c) Punga (Artigo 155): Furto simples.

d) Roubo (Artigo 163)

e) Assalto seguido de morte, capitulado também em crimes hediondos.

f) Assalto.

g) Assalto seguido de morte.

h) Roubo, extorsão, usurpação (...), estelionato e receptação

3. *Crime contra os costumes* (Artigos 213 a 234):

a) Estupro.

b) Atentado violento ao pudor.

c) Posse sexual mediante fraude.

d) Atentado ao pudor mediante fraude.

e) Sedução.

f) Corrupção de menores.

g) Rapto.

h) Rapto consensual.

i) Lenocínio.

j) Tráfico de mulheres.

k) Favorecimento da prostituição.

l) Casa de prostituição.

m) Rufianismo.

n) Ato obsceno.

4. *Contravenção penal*

a) Vadiagem.

b) Mendicância.

c) Embriaguês.

d) Porte de arma.

e) Direção perigosa.

f) Falta de habilitação para dirigir veículos.

5. *Crime contra a Saúde Pública*

a) Tráfico de entorpecentes (Lei Especial nº 6368/76).

b) Uso de entorpecentes.

O Artigo 112 do ECA (1994; 52):

Verificada a prática do ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

I. advertência;

II.obrigação de reparar o dano;

III. prestação de serviços à comunidade;

IV. Liberdade Assistida

V.inserção em regime de semi-liberdade

VI. internação em estabelecimento educacional.

Do ponto de vista sociológico, diz a autora:

É aquele que é acusado pela sociedade por sua ação desviante e divergente (...)

Há um processo social de acusação daquele que rompe com as normas de conduta estabelecidas pela comunidade. Assim, o que é considerado desviante em uma comunidade, pode ser considerado normal em outra. Essa relatividade é importante para se diferenciar a conduta desviante da conduta infratora.

O primeiro deve ser entendido como uma estratégia de vida enquanto a infração é dada como fato ilegal.

Do ponto de vista psicológico:

É aquele que vive em perigo, como agente e como vítima.

É vítima de exclusão social motivada pela miserabilidade e é autor da infração, colocando suas vítimas em risco de segurança pessoal, quando exerce criminalidade.

A violência, no ambiente doméstico e nas ruas, é interiorizada e gera condutas violentas.

Esse processo de interiorização é fundamental, para se compreender a conduta de um jovem, com prática de delitos.

A análise que Bernardi elabora sobre o adolescente infrator, utilizando-se do referencial teórico de Marlene Guirado (1988), ressalta

unesp

o processo de exclusão social, colocando nele, à priori, as causas da delinqüência. Assim para a autora:

> Sua ação é determinada pela ilimitude da impulsividade e ambigüidade e pelas leis internalizadas (...) não reconhecem sua carência a não ser pela falta de dinheiro no início da vida ou a precariedade da moradia. Nenhuma outra carência é reconhecida (...) Definem a vida e a identidade pela marginalidade e se reconhecem retirando daí a condição de suprimento interminável de uma falta que não pode se apresentar como falta a ser suprimida, mas como a onipotência de meios e recursos para a ação. Um suprimento imaginário (...) Em todo movimento, portanto, a lei que o infrator não dá limites, não elimina a ambigüidade. Uma lei que sanciona os opostos. Uma lei que re(produz) a onipotência. (Bernardi, 1991-92, p.85)

Segundo essa autora, o jovem possui uma interioridade psicológica, envolvida com a marginalidade; é um "ser unitário", totalizador das violências – vítima e ator. É um ser que não reconhece carências, faltas. A lei introjetada no Édipo é falha, pois não resolve sua ambigüidade.

Violante (1985, p.22), tentando compreender a produção de identidades em menores infratores, percorre os labirintos da FEBEM. Para tanto, faz uma análise do processo de marginalização social. E afirma que:

> Marginal é o tipo de inserção no mercado de trabalho destes segmentos da população trabalhadora. Caracteriza-se pelo subemprego, pelo

unesp

emprego intermitente e pelo desemprego. Marginal não é um braço de personalidade como a psicologização do miserável faz crer.

As causas da marginalidade não podem, por isso, ser procuradas no mundo próximo do indivíduo, nos fatores pessoais e psicológicos, mas na estrutura social. As variáveis causais essenciais para a compreensão da marginalidade são os processos econômicos.

Entretanto, no nível ideológico, produz-se uma explicação do fenômeno da marginalidade, de modo a encobrir as verdadeiras relações de força que o produzem, isto é, relações entre classes contraditórias.

Para a autora, o problema da marginalização está na estrutura social e não nos indivíduos. Critica as análises psicossociais, comprometidas com interesses dominantes que jogam as manifestações da marginalidade no caráter do indivíduo que, segundo ela, é uma vítima. Então, contrapõe-se o conceito de estrutura social e o conceito de estrutura do indivíduo.

Afirma que:

Considerar a marginalidade como um fenômeno psicológico individual e o indivíduo o seu portador, constitui uma das condições para sua reprodução. Isto porque, na medida em que se toma a marginalidade por suas manifestações, perdem-se de vista suas raízes, encontradas nas condições estruturais da sociedade. (1985, p.28)

Como ela compreende o jovem infrator:

Conceber o menor como síntese de múltiplas determinações implica considerá-lo não como uma entidade única, peculiar e fechada em si

unesp

> mesma, mas como ser social, no contexto das condições marginais de sua existência, condições essas que refletem as contradições básicas da sociedade. (1985, p.30)

O adolescente infrator é o ponto central ou o reflexo das contradições sociais. Como já mencionamos, produz-se a marginalidade, justificam-se e legitimam-se as intervenções para a integração social. Por um lado, o modo capitalista de produção leva a se criar a marginalidade; por outro, criam-se entidades para "reintegrar" o "menor" marginalizado.

As instituições que visam a reintegrar o "menor" produzem a transformação do menor em indivíduo "mal ajustado" ou "anti-social", culpando a vítima por sua marginalização. Aponta-se, nesta análise, a reafirmação do discurso dominante (única voz), apropriado do discurso pseudo-científico.

Uma vez criado, esse indivíduo anti-social legitima os métodos corretivos, racionalmente justificáveis:

> As formas concretas do exercício do poder adquirem, assim, legitimidade, fazendo-se cumprir através das entidades assistencialistas-correcionais, no caso a FEBEM, aqui, a dominação se reproduz através do assistencialismo-repressivo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> A institucionalização da marginalidade do menor deve-se ao modo dominante de interpretar as manifestações de suas condições marginais de sobrevivência – o trabalho não produtivo de seus familiares, o alcoolismo, a prostituição, o abandono, a separação do casal, e, neste contexto os comportamentos do próprio menor (Violante, 1985, p.40)

Violante, embora faça uma crítica consistente em relação à produção desse adolescente infrator, paradoxalmente, busca *nele próprio* o entendimento da problemática, à medida em que usa a categoria identidade para compreendê-lo.

Essa categoria, no nosso entender, remete-se a uma relação de interioridade, de essencialidade; mundo das representações, lugar de territórios fixos embora a análise critica a ordem social que produz esse indivíduo, a autora busca entender como o adolescente em conflito com a lei totaliza as relações sociais, através da produção de sua identidade (identidade do menor infrator).

Ferreira Rosa (1980), ao analisar as expectativas e os valores de menores marginalizados afirma que:

> Na existência de rejeição por parte de um dos membros da família em relação à criança, o afeto, a compreensão, a orientação, que lhe são devidos e necessários, não são suprimidos por outros adultos, mesmo que não sejam membros da família, que a criança poderia encontrar, por exemplo, na vizinhança, na Escola (1980, p.34).

unesp

Diz ainda a autora que o "menor" é socializado em condições desprovidas de satisfação das necessidades básicas, como: material, afetiva e emocional. Produz-se e é produzido, apesar de todas carências econômicas/afetivas, etc, da seguinte forma:

> Sentimento de medo e insegurança, confusão na representação de si, dificuldade de organização de um mapa cognitivo que lhe permita referenciar-se no mundo e ambivalência de seus sentimentos a respeito de si mesmo e dos outros (...) (Ferreira Rosa, 1980, p.35).

Define o "menor" como ser carente, conseqüentemente, tendo uma interioridade em desfalque, ou seja, é "a priori", um ser não preparado para a vida, pois, *faltam-lhe* todas as condições necessárias que o torná-lo apto a viver em sociedade.

Em sua conclusão nos diz que:

> a liberdade de ação e locomoção desses menores é aparente; ela encobre uma realidade de medo e insegurança. A vida desses menores é calcada no medo, na violência, na tensão, na provisoriedade e na solidão. Dentro desse contexto, a fim de sobreviver física e psicologicamente, o menor é levado a ser individualista, imediatista, desconfiado, ao ter que conviver com a violência em todos os níveis. (Ferreira Rosa, 1980, p.47)

Além de ser um indivíduo que foi rejeitado pela família (não encontrou lares substitutos), o adolescente não teve afeto, nem

unesp

condições básicas de existência. É colocado nas ruas, tornando-se senhor dos medos, das violências, da solidão.

Bierrenbach (1987) faz uma análise política-econômica e social da produção dos "menores". Para tanto, utiliza-se de dados estatísticos e vai anunciando, a cada momento da história política do país, como era percebida e compreendida a questão dos "menores".

Afirma a autora:

> (...) os menores não votam, não são fatos de poder no país, como também é o caso dos idosos, dos doentes mentais, dos presos, dos deficientes físicos. Mercadorias sem valor de troca no mercado capitalista (...). (1987, p.26)

Volta-se à questão do processo de miserabilidade da população brasileira, que em 1987, 70 milhões de pessoas oscilam entre a estrita pobreza e a estrita miséria; produz a marginalização social – contribuição para a produção da delinqüência, do menino da FEBEM, do "trombadinha", etc. (Bierrenbach, 1987)

Diz a autora que esse processo é o:

> Genocídio que não somente elimina excedentes do mercado, perigosos para o patrimônio, como possibilita que a dramatização da criminalidade se desenvolva, ao mesmo tempo como um processo que canaliza a atenção pública para os atos contra a propriedade privada - os chamados "crimes contra o patrimônio", deixando de lado aqueles que afetam a

unesp

> propriedade pública ou integridade de um povo, como os acidentes de trabalho, a contaminação ambiental, ou das pessoas individualmente - como as violências contra mulheres, as crianças, os negros e os índios (Bierrenbach, 1987, p. 26)

Barros (1980) diz que:

> (...) a única criminalidade que aparece como perigosa é aquela onde se manifesta uma ruptura com a ideologia dominante, ou seja, o roubo de veículos, por atentar contra a propriedade privada; o uso de bebidas, à produtividade; a liberdade sexual; às estruturas familiares; às leis de submissão. (1980, p.14).

Associa-se a miserabilidade à delinqüência, apontando para um entendimento de produção de uma cultura que traz em si ou que está no seu bojo a violência. Levando a autora a se interrogar quem são os agentes e as vítimas da violência. Contra que e contra quem se luta?

Diz a autora:

> (...) relegados à uma orfandante política, a incapacidade de se constituírem como sujeitos de suas lutas (...). Assumir sua condição de dominados e discriminados, os menores junto com os doentes mentais não foram até agora capazes de dar esse passo emancipador inicial (Barros, 1980, p.16).

No plano macro-social, não se percebe ou são invisíveis os movimentos microssociais. A autora, parece-nos, aponta para a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

necessidade de que esses indivíduos (doentes mentais e "menores") se organizem, tal e qual a política vigente. Ou seja, são eles, os responsáveis, pela transformação em sujeitos não dominados.

Comenta a autora que:

> (...) um jovem considerado infrator pela justiça normalmente, está imerso nessa cultura da violência em que seu processo de socialização gradual, de reconhecimento paulatino da existência do outro, de convivência, conflito e solidariedade é substituído pela lei de força. Ele se desenvolve sob o impacto da violência que dá o direito de posse de tudo o que ele tenha e que lhe tira tudo o que perdeu, por meio da força. Violência dos pais, dos irmãos, polícia, violência na escola, na FEBEM, nas ruas, um universo que ensina e prepara para a guerra de todo contra todos, complemento indispensável de um estado repressivo que "zela" pela sobrevivência de "todos" como o Leviatã, o monstro bíblico (Barros, 1980, p. 30).

O problema agora é a violência que faz parte da nossa cultura, que, como o retrata a autora:

> A criança infratora não se conformou com a pobreza, a miséria, a provocação e a expropriação da sociedade de consumo, a arbitrariedade policial e judiciária, os muros fechados das instituições sociais. Não se conformou e foi a luta, com os meios que encontrou disponíveis, à falta de organizações sociais e políticas adequadas para que os setores pobres e majoritários da infância e da juventude lutem de forma organizada e plenamente consciente por seus próprios interesses. (Barros, 1980, p.33)

E ainda, que:

> O aumento da criminalidade e sua extensão à faixa de idades menores faz parte de uma rebelião da pobreza, de uma guerra cada vez menos surda pela sobrevivência, para não serem incluídos nas centenas de milhares deles que morrem vítimas do genocídio, que os perversos mecanismos do capitalismo brasileiro engendram e reproduzem. (Barros, 1980, p.38)

A autora também coloca, na problemática da criança infratora, a produção da violência na sociedade; porém, o que eclode dentro do indivíduo não são as contradições sociais, como apontou Violante, mas uma doença, uma enfermidade geral do corpo social que a engloba.

Então, vivemos numa sociedade doente, enferma...

Almeida Júnior (s/d) enfatiza, também, a importância dos primeiros anos de vida, analisando a criança como perversa, polimorfa, dando ênfase ao conflito edipiano, na produção de agentes infratores.

O delinqüente seria, então, aquele indivíduo que o material recalcado (incesto/parricídio) pode vir à tona, por uma intensa presença do super-ego. O sentimento de culpa pré-existe ao crime e, atormentado pelo super-ego, busca alívio na prática da transgressão, obtendo, com isso, um duplo efeito: o de descarregar, através de ato menos censurável, seus impulsos edipianos (incesto/parricídio) e, ao mesmo tempo, o de atrair para si, o castigo reclamado pelo super-ego.

unesp

O crime, para a Psicanálise, é um ato que derivou, unicamente, do indivíduo que, por sua vez, se originou de outro crime fundamental que fundou a civilização. Segundo o autor, é necessário o castigo, para os que satisfazem os desejos reprimidos pela Lei (Pai) e, qualquer instinto que se exterioriza em ato é infração da Lei.

O crime é ainda um sintoma.

A criminologia, utilizando-se do referencial da Psicanálise, remete-se ao indivíduo (sua constituição psíquica) e, a ele somente, a responsabilidade (ou ao inconsciente) pelas suas ações delituosas. O sujeito é o sujeito do inconsciente e a sua trajetória de vida implica passar pelo conflito edipiano. Dependendo de como elaborou suas renúncias, supera ou não o Édipo – ou, no pior dos casos – a não superação leva a atos delitosos, pois não tem introjetado a Lei da Cultura ou a Lei do Pai (representante da Cultura).

Para Brito (1988), os primeiros meses de vida da criança e sua mãe são fundamentais, para produzir ou não um adolescente infrator, ou seja, produzir uma construção "a priori", psi do indivíduo infrator. Esse adolescente infrator é fruto das relações de rejeição, de internalização do ódio que se projeta nas suas relações na sociedade. É destrutivo e destruidor de si mesmo.

Brito diz que:

unesp

> A partir de uma ordem cronológica percebe-se que desde a gestação já existe uma vivência constante de exclusão, rejeição e abandono dessas pessoas. (Brito, 1988, p.235-37)

O dossiê dessa criança é construído antes do seu nascimento e após ele, determina-se uma infância de pseudo-abandono, uma socialização inadequada, até os primeiros contatos com a polícia e o Juizado de Menores, onde a denominação "menor" traduz e solidifica as vivências anteriores de rejeição e marginalidade. Os vínculos afetivos iniciais são geralmente inadequados, parecendo iniciar-se aí sua desestruturação de personalidade. A inadaptação familiar e em maior extensão, a social, foram características constantemente observadas nos menores em questão.

A autora estudou 100 adolescentes que estavam sob a medida sócio educativa, levantando muitos dados; citamos este, por fazer sentido dentro das teorias que estamos discutindo.Utilizando-se do referencial teórico Kleineano e afirma que o adolescente infrator já é gestado no útero materno, e que a "culpa" é da mãe que o rejeita já que o feto capta esse desamor.

Novamente, vemos colocado o problema da transgressão às leis, na criança e no adolescente. Nessa teoria, ele já tem um destino, uma vida desenhada, enquanto feto.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A partir desses autores examinados por nós, pudemos perceber que as diferentes elaborações remetem-se sempre à:

- teorias sociológicas que associam a produção da miserabilidade (gerada pelo modo de produção capitalista) à marginalização e, conseqüentemente, à delinqüência;

- teorias psicossociais que se remetem-se ao processo de exclusão social da população marginalizada, gerando um processo de violência que atravessa a família é visível na criança, tornando-se, posteriormente, infratora, pela "violência interiorizada".

- teorias psicossociais, tendo em vista a colocação anterior, acrescentando o referencial teórico da psicologia, através da categoria identidade, onde, apesar de criticar a ordem vigente que produz os transgressores, retoma a problemática, estando ela nesse indivíduo;

- teoria psicanalítica, onde se busca justificar as infrações ou delitos no desenvolvimento psíquico do sujeito, na resolução edipiana;

- teoria kleineana, onde o futuro adolescente infrator é gestado, já no útero materno.

Enfim, temos teorias referentes a estrutura do indivíduo, estrutura da sociedade e conceito de sujeito e, este, ora é sujeito, da consciência, ora é sujeito descentrado no inconsciente ou na classe social.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

c) "Adolescente em conflito com a lei" e "criança em situação de risco pessoal e social": atributos a serem problematizados.

Bem o sabemos, a sociedade moderna define modos de existência, objetivando uma homogeneização, tornando os corpos pouco permeáveis às diferenças, mantendo seus territórios fechados (Batista, 1992, p.65).

Tendo transgredido a Lei ou os valores de uma sociedade, os indivíduos são territorializados como infratores ou apresentando risco pessoal ou social. Neste plano molar, são sobrecodificados como deliqüentes, perigosos, assassinos frios, abandonados, carentes, vítimas.

São essas vidas trajetórias de mão única?

Este é de que partimos; indagando continuamente sobre os modos de existencializacão dos "adolescentes infratores" e das "crianças e adolescentes, em situação de risco pessoal e social". Quais são as Instituições que os engendram, como se agenciam no plano coletivo, quais são as máquinas disparadas na produção de territórios e nos movimentos de desterritorialização, como se conectam com os fluxos, se seu corpo é afetado ou não, de que forma rompem com a história, em sentido único (após aberto um processo e sentenciado como infrator sua vida tem destino). Quais são as bifurcações, como inventam, criam e marcam diferenças e escapam ao código dominante?

unesp

Na verdade, o indivíduo habita fatos, gestos, formas de pensar e de sentir. A subjetividade está circulando nos conjuntos sociais e é assumida por indivíduos em seu modo de existência particular.

Sujeitos e indivíduos são efeitos da serialização capitalística que investe o desejo, como sendo ele, o do indivíduo. Porém, a noção de subjetividade aponta para uma ruptura com essa noção unificadora do indivíduo, já que a subjetividade é produzida por um coletivo e nesse sentido, falar em "adolescente infrator" e "crianças e adolescentes em situação de risco", seria apenas afirmar atributos.

A subjetividade é produzida num coletivo (não é grupo, não é comunidade):

> Com efeito o termo coletivo deve ser entendido aqui como que no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como aquém da pessoa, junto à intensidades, pré-verbais derivando de uma lógica de afetos mais do que de uma lógica dos conjuntos bem circunscritos (Guatarri, 1986, p.10).

Falar da produção da subjetividade, em grupo de "adolescentes infratores" e de "crianças e adolescentes, em situação de risco pessoal e social", implica problematizar a construção desses objetos e as sobrecodificações atribuídas a eles.

unesp

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é, como já o dissemos, o de problematizar como essa criança ou adolescente adjetivados como, em situação de risco pessoal e social e em conflito com a lei, produzem sua existência no plano coletivo.

De forma diversa de medidas saneadoras, o objetivo foi o de ouvir, num espaço grupal, como esses sujeitos que se situam na periferia dessa sociedade, pensam a respeito do seu lugar social, como se comportam, quais os sentidos que dão à vida, ou seja, o modo de produção de subjetividade.

Para darmos encaminhamento ao trabalho, consideramos dois planos teóricos de problematizações: o primeiro deles enfatizou como os grupos têm sido pensados historicamente e, num segundo plano, situou o referencial que orientou nosso trabalho, como sendo a utilização dos encontros em grupos, experienciados como dispositivo que pudessem dar passagem a modos de subjetivação, que desmontasse as identidades estratificadas destes sujeitos como marginais. Ou seja, promover movimentos de ruptura, no discurso linear e a-histórico.

Passaremos agora a cartografar as principais teorizações sobre grupos. Explicitaremos o referencial utilizado por nós, de forma a problematizar o processo grupal e os movimentos de subjetivação.

unesp

IV. O dispositivo grupal. Teorias que utilizamos para nossas reflexões

a) Etimologia da palavra grupo

O dispositivo grupal foi escolhido para permitir que vários sujeitos, pertencentes ao mesmo universo cultural e com experiências comuns, pudessem contar suas vidas, o que poderia virtualizar, nos integrantes do grupo, a produção de novas histórias.

Há muitas formas de pensar e definir o que seja um grupo e muitas formas de proceder o trabalho em grupo. Escolhemos teorias que nos deram possibilidades de problematização do lugar do sujeito para, a partir dessas teorias, problematizar esse núcleo de vivência.

Nesse capítulo, pretendemos fazer uma breve cartografia acerca do objeto teórico; o grupo, com o qual temos por objetivo mostrar qual é o entendimento teórico de grupalidade que utilizamos em nosso trabalho. Para tanto, iniciamos nossas reflexões, a partir da origem etimológica da palavra grupo.

A etimologia da palavra grupo remete-se a duas linhas de força: nó e círculo.

unesp

O termo círculo deriva de uma tradição celta: os cavaleiros da mesa redonda que, com a ordem dos templários retoma a sua concepção com a idéia da igualdade. Para Anzieu (1971, p.18-9):

> El sentido primero del italiano *groppo* era "nudo", ‘, antes de llegar a ser "reunón", "conjunto". Los lingúistas lo relacionam com el antiguo provenzal grop=nudo, y suponem que deriva del germano occidental Kruppa=masa redondeada. Parece además , que groupe y croupe (grupa) se originaron en la idea de círculo.
>
> La etimología nos proporciona, asi, dos líneas de fuerza que voveremos a encontrar a lo largo de la reflexión sobre grupos, el nudo y círculo. El sentido primero de nudo poco a poco se reproduce en grupo hasta connotar el grado de coheeesión entre los miembros. En cuanto a círculo, designó mui tempraanamente, en el francês moderno, una reunión (...) de personas o, para conservar la misma imaagem , un círcculo de gente (...).Ainda:"es aquí la idea del grupo de iguales. Debería hacerse un estudio sobre su itinerario histórico y su valor simbólico: se trataria de una tradicion celta ‘(los caballeros de la Mesa Redonda), retomada por la orden de los Templarios (el altar de sus iglesias tenía forma circular para que los caballeros estuvieram todos en la primera fila durante la misa, y todos a la misma distancia de Dios).

Fernandez (1989, p.32-3) discute a origem etimológica da palavra grupo e argumenta sobre a modernidade do vocábulo, afirmando que o mesmo coincide com a nuclearização da família, com as novas práticas sociais e com as temáticas do privado e público, indivíduo e identidade pessoal.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Esta referência etimológica é importante, considerando-se o sentido epistemológico, pois permite um avanço na teorização dos grupos, o que resgataremos posteriormente através da leitura de Cueto (1985). Disso, decorre um certo entendimento de uma cartografia que se esboça no grupal, como sendo um intermediário entre indivíduo e sociedade.

Neste sentido, o grupo será uma unidade, uma totalização e produzirá uma certa identidade nos indivíduos que o compõe: "aliados na crença em suas unidades e na luta por suas identidades, indivíduo, grupo e sociedade eram apenas expressões de um mesmo modo de subjetivação" (Barros, 1994, p. 9).

b) A revisão teórica proposta por Cueto e Fernandez

As autoras Cueto e Fernandèz (1990) construíram, na década de noventa, um interessante artigo sobre grupalidade. Este foi produzido, no momento em que elas voltaram para a Argentina, após um período de exílio; perceberam então que os textos utilizados na universidade já não coincidiam com aquilo que elas pensavam sobre a problemática grupal; que os profissionais que trabalhavam com grupos, criaram muitas técnicas mas sem teorizações.

Pensaram sobre o grupo, como sendo mais que um objeto teórico e o entenderam como:

unesp

> um campo de problemáticas, onde se produzem múltiplos atravessamentos impossíveis de serem abordados somente por uma disciplina. Nos grupos reais se produzem permanentemente efeitos de atravessamentos de inscrições desejantes, institucionais, históricas, sociais, políticas, etc. Para tanto pensamos que poderemos avançar em sua teorização se o enfocarmos na ótica da transversalidade (Cueto e Fernandez, 1990, p.15).

Isto implica renunciar e não pretender abarcar os acontecimentos grupais, a partir apenas de um corpo teórico. Neste sentido, as autoras sustentaram a questão da antinomia, indivíduo/sociedade, como questão a ser recolocada. Pensaram ainda sobre "grupos como espaço tático onde há a produção de efeitos singulares e inéditos" (Cueto e Fernandèz, 1990, p.16).

Retomando a etimologia da palavra, pensar um grupo como um nó - não existindo dentro e fora - é entendê-lo como um complexo entrelaçado de múltiplas inscrições que estão presentes em cada acontecimento grupal. Grupo é um lugar da multiplicidade de acontecimentos.

Dispositivo grupal é: tempo, espaço, número de pessoas, algum objetivo, sendo pois uma virtualidade na formação do grupo ou não.

Fernandez e Cueto (1990) concordam com a teoria sartreana de grupos, no sentido do movimento inacabado, como totalização em curso. Afirma que o momento dialético do juramento é o momento do enquadre, do contrato, da juramentação explícita e implícita (produção de formações imaginárias

unesp

próprias e únicas de cada grupo). Nesse sentido, um grupo se estrutura como tal, mas que, por sua tarefa, vai consolidando um aglomerado de representações imaginárias comuns: redes de identificação cruzada, ilusão, mitos grupais e instituição, como disparadores do imaginário grupal.

A autora dialoga com Pichón Riviere, considerando que o grupo se estrutura sobre a base de um interjogo de mecanismos de assunção e adjudicação de papéis. Define papéis, como modelo organizado de conduta, relativo a uma certa posição do indivíduo na rede de interação ligada à expectativa própria e a de outros.

Cueto e Fernandez (1985, p.25) resgatam a concepção de papel na sua tradição antropológica, sociológica e psicologia social funcionalista. Apontam-nos que, na tradição dramática, o papel é um modo de se identificar, imaginariamente, com um personagem que existe, independentemente, de um ator particular que a encarne.

Na sociedade, papéis pré-existem e os indivíduos assumem uma função, de acordo com a sua posição. Etimologicamente, papel (francês) *role* (latim) esses termos referiam-se a um papel *role* onde se anotavam coisas, significando na época medieval troca de mercadorias, *rollo* era o papel que os atores deveriam recitar no parlamento. No século XVIII, papel assume sentido figurado, ou seja, uma função social.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A teoria do papel (funcionalismo) está relacionada ao conceito de posição. Dessa concepção, denomina-se papel como desempenho real de uma pessoa em uma situação dada, dependendo de sua relação com os outros e de sua posição. Dessa definição, surge o conceito de papéis formais e de papéis informais.

Cueto e Fernández (1990) consideram as teorizações pichonianas, reafirmando o conceito de interação de Pichón, levando em conta a história individual e a forma de inscrição do sujeito no grupo. A tarefa que o grupo se dá é convocante, mais que estruturante, com base no explícito e no implícito. O explícito é o objetivo que esse grupo se dá (seja recreativo, terapêutico, de aprendizagem). Nesse sentido, Cueto postula que os acontecimentos grupais são os mesmos, muda apenas o modo de coordenação. O implícito é a elaboração das ansiedades básicas, ou seja, medo da perda (ansiedade depressiva) medo do ataque (ansiedade paranóide).

Essas ansiedades configuram a situação básica de resistência à mudança. Pichón (1985, p.27) fala do interjogo de papéis, nos quais este teria um caráter estruturante no grupo. Postula três papéis que são protótipos de determinados acontecimentos grupais; papéis de porta voz, líderes, sabotadores e "bode expiatório". Porta voz é um membro que denuncia o acontecimento grupal, as fantasias que os movem. Articula-se uma fantasia inconsciente e individual, entrecruzada com o acontecer grupal. "Bode expiatório" seria, então, a

unesp

depositação em um membro do grupo dos aspectos negativos, atemorizantes dele mesmo ou da tarefa. O lugar de líder seria o de depositação dos aspectos positivos do grupo. Ambos os papéis, "bode expiatório" e "líder" estão numa relação de dependência um do outro, pois um surge para a preservação do outro, em virtude do processo de dissolução que todo grupo entrega. Sabotador é o sujeito que vai apresentar a liderança de resistência à mudança.

O papel do coordenador, para Pichón, é o de esclarecer, através de apontamentos e interpretações, os comportamentos estereotipados que dificultam a aprendizagem e a comunicação. Toda interpretação deve favorecer o nível de operatividade do grupo, deverá incluir os níveis horizontais e verticais do acontecimento grupal que permitem a ruptura do estereótipo.

Cueto e Fernandez (1990, p.29) repensam as colocações pichonianas, acrescentando que o interjogo de papéis é uma leitura do grupo; porém, com o efeito de uma latência grupal na qual as produções imaginárias grupais vão se consolidando. Ao invés de falar em análise da verticalidade e horizontalidade, apontam para a noção da transversalidade, postulando que todo grupo tem uma inscrição social e histórica, fundante da dimensão inconsciente.

A dimensão inconsciente está relacionada às formações imaginárias grupais, à serialidade do grupo, com a consolidação das mesmas. Esses processos imaginários podem ser lidos no processo de devir grupal e que falam

unesp

de sua conformação; possibilidade de criação, rede transferencial, inscrição e história desse grupo.

Como já o mencionamos, o grupo produz suas formações que são: rede de identificação cruzada (e a rede transferencial), as ilusões grupais, os mitos do grupo, a instituição (como disparador do imaginário grupal). Essas formações grupais atravessam, permanentemente, o grupo e dão a identidade única e exclusiva para esse grupo.

As autoras explicitam as formações imaginárias (Cueto e Fernandèz, 1990, p.31). Matriz grupal é a possível organização libidinal dos membros do grupo e essa organização está baseada em laços libidinosos que os membros têm entre si e o coordenador. A matriz básica tem a ver com permanência dos membros; estes, comprometidos uns com os outros, como rede afetiva, circulando entre os membros do grupo. Essas redes de identificações são flexíveis e são matrizes de identificações, uma matriz identificatória; rede de identificações cruzadas, sendo definida como motor da vida dos grupos, transferências que possibilitam as identificações. Transferência é o processo, mediante o qual os desejos do sujeito se atualizam sobre certos objetos e em relação a eles. E identificação será o processo psicológico, mediante o qual o sujeito assimila aspectos, um atributo do outro, e se transforma.

unesp

O coordenador do grupo não pode propor-se como objeto de amor, de admiração como pai, mãe, protetor, nutriz, tampouco, colocar-se no lugar de liderança.

As autoras postulam que, para que a rede de identificação se produza, é necessário que, em sua base, esteja organizada uma rede transferencial, concomitantemente, no sentido de que tenha a possibilidade de repetir circuitos de relações arcaicas.

Ilusão, para as autoras, é aquilo que o grupo crê que é, aquilo que ele acredita que possa realizar, criando condições para que os membros do grupo desenvolvam um laço de pertencimento (Cueto e Fernandèz, 1990, p.45). Mito grupal relaciona-se com a ilusão grupal, na medida em que formam uma novela grupal. O grupo procura resgatar ou constituir a sua história, e essa história está atravessada pelo momento histórico político que esse grupo formou, suas características e objetivos, momento institucional (real e imaginário), tempo do organização do grupo, entrecruzado com as histórias individuais. Nesta fantasmática grupal, constituem-se os mitos grupais.

O grupo se inscreve em um sistema institucional e, ao mesmo tempo torna-se parte das instituições. As mesmas operam num grupo, através das normas de funcionamento, contrato e tipo de coordenação.

Cueto e Fernandez, ao esboçar seus entendimentos, acerca da grupalidade, recolocam a importância da visão satreana e criticam a teoria

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

pichoniana, apenas no que diz respeito à análise que faz dos fenômenos, produzidos pelo grupo, através do nível vertical (história do indivíduo) e horizontal (história do grupo), optando pela transversalidade. Apostando na transversalidade, parecem resolver a antinomia indivíduo-sociedade ou grupo, como intermediário entre indivíduo e sociedade. Propõe que este seja pensado, como campo de problemáticas, onde a noção de atravessamento se coloca como ferramenta.

Isso dá-se pela ampliação da inclusão dos grupos. E estes, remetendo-se a um pertencimento institucional. Incluir o grupo nas instituições quebraria a visão de grupo; ilha forjada pela dinâmica de grupos, a fim de neutralizar a antinomia indivíduo e sociedade.

A noção de transversalidade implica rompimento das dimensões horizontais e verticais. Como diz Barros (1994, p.370):

> ultrapassá-las pela transversalidade implicaria certamente, uma ampliação do campo de análise, mas... em que direção? Segundo nosso entendimento ..., a direção seria a da desnaturalização, ou seja, a da inclusão, no campo da análise, da própria instituição da análise e de seus dispositivos. Melhor diríamos, então, 'trabalhar na transversalidade'. Isto significaria não tomá-la apenas como "mais um eixo" para o grupo ser pensado, mas enquanto algo que o configuraria de outra maneira - como processualidade. A transversalidade seria uma espécie de nomadismo de fronteiras, desmanchamento incessante dos territórios cristalizados.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Cueto & Fernández (1990) utilizam-se também do método dialético, com a lógica do incabado, proposto pela leitura de Lapassade da teria Sartriana sobre grupos, que estudaremos a seguir.

c) A teoria sartriana esboçada por Lapassade

Lapassade (1983), em *Dialética dos Grupos, das Organizações, das Instituições*, esboça a teoria sartreana, mostrando o método dialético na formação de grupos. Entende dialética como sendo uma lógica do inacabado, da ação sempre recomeçada, excluindo, portanto, a idéia de maturidade dos grupos.

Lapassade (1983, p.227) afirma que:

> existem grupos esclerosados, reificados. É a antidialética de um universo humano no qual os objetos fabricados, as coisas oriundas da práxis humana transformam-se diz Sartre, em ordem prático-inerte. Na ordem dos grupos humanos, o conceito fundamental utilizado por Sartre para descrever a reificação dos grupos é o conceito de série (e o conceito dele resultante, da serialidade).

O que é série? é uma forma de coletivo que recebe do exterior a sua unidade. As relações na serialidade são permeadas pela alienação, onde cada indivíduo busca a satisfação de seus objetivos, sem levar em conta os demais. Na serialidade, os seres humanos são substituíveis e estão coisificados. Porém

pode, segundo Sartre, esse coletivo se rompe com a inércia, produzindo um salto qualitativo, diante de um perigo comum, por exemplo.

Esse salto qualitativo gera a fusão onde, segundo Lapassade (1983, p.229): "o grupo forma-se no interior e por meio da fusão da serialidade: essa fusão é liquidação, desreificação, ou ainda descristalização (...)" .

Neste sentido, o grupo é uma instituição que se conecta a outras, está em relação com outras o tempo todo. A noção de processualidade está ligada ao devir, as invenções e criações que são instituídas a cada encontro do grupo.

Na leitura de Lapassade (1974) do texto de Sartre, *Crítica à razão dialética*, o autor esmiuça a teoria sartreana de grupos e do nascimento do poder, através de uma gênesis ideal, utilizando o método dialético, contribuindo para nossa compreensão dentro do objetivo proposto.

Partindo do conceito de serialidade que se configura como sendo um conjunto humano, as relações são permeadas pela alienação, onde cada indivíduo busca a satisfação de seus objetivos, podendo, segundo Sartre, haver um movimento que arranca da inércia o coletivo, ou seja, que em determinado momento, pessoas se juntam para lutar contra um perigo comum.

> A série é uma forma de 'coletivo' (quer dizer, um conjunto humano) que recebe do exterior a sua unidade. A vida quotidiana oferece-nos múltiplos exemplos da série: as filas de espera (por exemplo a fila do ônibus) constituem um exemplo privilegiado porque nela se pode ver a ordem da seriação que encontra a sua 'razão' numa causa externa a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> esse meio de transporte coletivo (...). Esse conceito é útil para designar todo conjunto humano sem unidade interna. (Lapassade, 1974, p.227-8)

Movimento dialético, onde há um salto qualitativo nas relações, todos os sujeitos são iguais e possuem o direito de fala, onde o poder circula, onde todos são soberanos, onde cada um é o meio pelo qual somos 100, 50. A todo momento, esse movimento de formação de grupos terá no seu bojo uma tensão, motor da dialética dos grupos: serialidade (volta a dispersão) e a totalização em curso, inacabada.

> No grupo em fusão, cada um é em toda parte o mesmo; cada um é, assim, soberano; cada um pode decidir por todos sem tornar-se o chefe. Pois não há chefe nesse primeiro momento do grupo. Esse 'nós' que não é 'prático e não substancial' é o conjunto das liberdades práticas reunidas na 'brusca ressureição da liberdade' (p.425) erguidas contra a prisão 'perpétua' do mundo prático-inerte. (Sartre apud Lapassade, 1974, p.234).

Para conter a volta à serialidade, esse momento de fusão das pessoas, - que é instituinte, utiliza o juramento (negação no bojo da dialética), onde cada um tentará cercear a liberdade dos demais. O grupo em fusão acorda, cria regras, cria valores.

> Ninguém pode instaurar uma pressão de grupo contra a sua liberdade. É contra esse risco de ruptura de grupo que cada um deve fazer um

> juramento: jurar-se-á contra toda força 'centrífuga', contra o próprio risco da liberdade que interessa a cada um na medida em que é atraído para outra parte, por uma outra dimensão de si mesmo. O juramento será 'ditadura do mesmo em cada um' (Lapassade, 1974, p.235).

Nessa práxis instituinte, as pessoas juramentadas organizam-se para alcançar seus objetivos (totalidade). Sartre afirma que o grupo é ato, é existência, não tem essência, e é pautado na auto-análise, auto-crítica e auto-sugestão. O conceito de grupo para Sartre é como o conceito de liberdade; só existe comprometida com um ato.

> O grupo é, portanto, o inverso da serialidade. Ele constitui-se por meio e no interior da dispersão que precede o grupo; ele mantém a sua existência graças a uma luta permanente contra uma volta, sempre possível, dessa dispersão. Essa luta é uma primeira característica do grupo. Uma segunda característica, igualmente inacabada, é a totalização que constitui o grupo, sem que isso resulte na constituição de um ser-do-grupo que transcenda os indivíduos grupados. O grupo, com efeito, define-se não como um ser mas como um ato. Esse último é o ato do grupo sobre si mesmo: o grupo se trabalha incessantemente; uma práxis comum, virada para o exterior, só é práxis de um grupo se aqueles que a efetuam juntos estabelecem uns com os outros as relações que constituem o grupo. Um grupo só é verdadeiramente tal se for fundado, de maneira permanente, ao mesmo tempo na auto-gestão ou na auto-determinação, e na auto-crítica, ou na auto-análise (Lapassade, 1974, p.228-9).

unesp

O grupo é o terceiro membro; "se trabalha para trabalhar". Há a livre interdependência das funções. Cada membro do grupo faz sínteses para o mesmo. Existe espaço para a criatividade e, nesse momento, Sartre fala do nascimento do poder. O grupo é devir, movimento inacabado, só acabado para a morte. Não se busca eternizar vínculos, quando o grupo alcança seus objetivos, morre e busca outras metas.

O grupo busca a unidade de um ser vivo, só que nunca alcança um equilíbrio, pois as contradições sociais estão presentes nele, alimentando-se delas, para sua superação. Nessa práxis, novamente, vê-se ameaçado pela possível volta à serialidade. Então, rememora o juramento, quando estão vivendo um momento de fraternidade e terror: nesse movimento dialético, o grupo vai se tornando impotente (impotência do terceiro membro), à medida que suas práticas vão sendo corroídas, pela relação de alteridade.

Vamos dar um novo passo: "Essas contradições exprimem-se por uma nova transformação do grupo; a organização transforma-se em hierarquia, os juramentos fazem nascer a instituição" (Lapassade, 1974, p.267). No entanto, é necessária uma rememoração de método e de intenção, no momento, em que se poderia acreditar que este 'estágio', essa 'passagem', traça novamente um porvir histórico real, uma gênese das sociedades. (Lapassade,1974, p.247)

O homem vai se tornando ferramenta da instituição. Segundo Sartre, o momento da Institucionalização é o da auto-domesticação do homem pelo

unesp

homem. Nessa dialética, ao se institucionalizar, o grupo perde sua fonte de vida, de luta, porém, pode se institucionalizar como *práxis* ou como *coisa*. Como *práxis*, é quando a Instituição está aberta às mudanças, à transformações e, como *coisa*, se a instituição, estiver esclerosada, no prático inerte.

O objetivo de se trabalhar com grupos é o de entendê-los como práxis, circulação de poder, apropriação de cada uma das suas potencialidades e, por fim, potencialize-se a história e as instituições. Essa leitura de grupalidade também nos leva a pensar sobre a postura política do coordenador; do lado do instituinte, como criador do novo, de vida; do lado do instituído, com práticas repetitivas, negando o novo.

d) A teoria freudiana sobre grupo

Em oposição a essa teoria sobre grupalidade, analisaremos agora a obra *Totem e Tabu* (1912), de Freud, onde se postula a função do inconsciente na produção de atos coletivos.

O autor, utilizando-se da hipótese de Darwin, dos estudos antropológicos e de casos clínicos, constrói, através da gênese ideal, o nascimento da civilização e as novas formas de organização social, ocorridas após o parricídio cometido pela horda primeva. Desse ato inicial, pautado na antiga proibição totêmica: da proibição do parricídio e do incesto, surgem todas as organizações sociais, inclusive a produção de uma nova subjetividade,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

agora pautada na culpa. Vejamos uma síntese das principais idéias contidas nessa obra.

Segundo o autor, o homem primevo vivia em grupos relativamente pequenos, dentro dos quais o ciúme do macho mais velho e mais forte impedia o acesso às relações sexuais com as mulheres. Havia a luta e a disputa pelo domínio se dava de maneira tal que o pai expulsava os machos que cresciam, estabelecendo-se num lugar totêmico e num lugar de ego ideal. A horda patriarcal teve um fim, na medida em que os irmãos expulsos se reuniram e, juntos, mataram e devoraram o pai. Fizeram um grande festival e festejaram e lamentaram, pelo ato proibido coletivo. O sentimento de ambivalência para com esse pai, ou seja, o ódio; este era um obstáculo ao objeto de desejo e anseios sexuais; inveja e admiração por sua força, fizeram com que o ato de devorar o pai adquirisse o pleno significado de identificação.

Todos os irmãos comeram juntos a carne do pai, tentando incorporar o poder do pai, ao mesmo tempo que compartilham a culpa, por terem cometido um ato proibido. Pelo sentimento de culpa filial, surge então uma nova organização, à medida que, embora os irmãos se reunissem em grupo, para derrotar o pai, todos eram rivais uns dos outros, em relação às mulheres e nenhum deles teria tanta força, a ponto de assumir o lugar do pai com êxito. Assim, a alternativa encontrada foi a de proibir aquilo que o pai proibia

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

enquanto vivo. Proibiram, então, o incesto, isto é, renunciaram às mulheres, criando a exogamia; engendraram a proibição do parricídio.

Desse sentimento filial de culpa, surgiu a religião totêmica; tentativa de mitigar o remorso pelo ato cometido. Inscreveu-se nessa nova ordem social, o aparecimento de reis e sacerdotes, numa espécie de tentativa de colocar, no circuito das relações, a autoridade paterna e a obediência adiada. Não só foi expressão de remorso e tentativa de expiação que caracterizava a religião totêmica, ela também adquiriria um sentido de recordar o triunfo dos filhos sobre o pai. Vemos assim o aparecimento, após esse ato, de uma nova organização social, uma nova subjetividade pautada na culpa; a proibição contra a morte do totem, juntou-se a proibição do parricídio.

Continuando a análise, tendo como referência o cristianismo, Freud vai postular que esse pai fora idealizado, chegando a ocupar o lugar de Deus e que Cristo, ao dar sua vida no sentido de expiar os demais irmãos da culpa pelo ato parricida, não o conseguiu, mesmo dessa forma, redimir os demais irmãos da culpa e do pecado. Nessa época, existia a lei de Talião, ou seja, que o homicídio só poderia ser reparado através de outro homicídio.

Desse ato culposo cometido pelo grupo (nossa grande culpa, por isso o batismo), fundou-se uma nova sociedade, uma nova forma de organização social que repousará sobre os tabus: renunciar a matar e proibir o incesto. Tem-se, então, o ensaio de uma sociedade democrática, em que os filhos desse

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

homem, agora simbólico, divinizado em objeto de culpa, seriam irmãos e iguais e inventariam a justiça entre eles e o respeito recíproco pela vida. A eficácia do assassinato em comum serviu para unir o grupo e produzir uma nova subjetividade, pautada na culpa e na neurose, bem como todas as organizações sociais. Dessa leitura de Freud, compreende-se que o nascimento da civilização foi produto de um ato coletivo, em relação ao pai que ocupava o lugar totêmico, ou seja, lugar de ego ideal, lugar de exceção e de legislador dos desejos. Dessa leitura, podemos refletir que qualquer movimento do grupo pode ser solapado se o coordenador ocupar esse lugar, outrora ocupado pelo pai. Nessa teoria, também se postula a noção do inconsciente, permeando gerações e comportamentos coletivos. Carregamos até hoje uma culpa que nos constitui, que faz parte de nossa personalidade. Por mais que tentamos redimi-la, ela está recalcada em nosso inconsciente. Dessa forma, prefigura-se uma organização psíquica universal.

Freud, em sua obra publicada em 1922, intitulada *Psicologia de Grupo e Análise do Ego,* introduz sua fala, afirmando que

> Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual nesse sentido ampliado, mais inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (Freud, 1922/1973, p.13).

unesp

O autor procura, através de Le Bon, Tarde e McDougall, explicar o que é um grupo. Como ele adquire capacidade de exercer influências decisivas, sobre a vida mental do indivíduo e qual a natureza da alteração mental que ele força no indivíduo.

Vejamos o Le Bon entende por grupos: diz ele que, quando um grupo psicológico se constitui, verificam-se alterações no indivíduo, ou seja, há um afloramento dos instintos primitivos que jamais, sobre coerção, afloraria, caso esse indivíduo estivesse isolado. Esse fato ocorre quando os indivíduos se encontram em grupo, emerge dessas relações, uma espécie de mente coletiva que faz com que esses indivíduos pensem, ajam e sintam, de maneira diferenciada daquela situação, caso estivessem sozinhos. O fato de estarem em grupo, conduz os indivíduos a um certo estado de anonimato, fazendo com que o sentimento de responsabilidade desapareça. Segundo esse autor, nossos atos conscientes são produtos de um substrato inconsciente, criado na mente, principalmente, por influências hereditárias.

Ao se constituir enquanto grupo, emerge uma mente coletiva e o que é homogêneo desmancha-se no que é heterogêneo, de modo que as funções inconscientes, comuns a todos, acabam sendo expostos à vista. As características que o grupo adquire dizem respeito às manifestações do inconsciente, onde tudo que é mal na mente humana, já está lá, contido como uma predisposição.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para este autor, o grupo é efêmero e bastará o caráter numérico para que o mesmo se imbuía de tais características:

> Um grupo é impulsivo, mutável e irritável. É levado quase que exclusivamente por seu inconsciente. Os impulsos a que o grupo obedece, podem de acordo com as circunstâncias, serem generosos ou cruéis, heróicos ou covardes, mas são sempre tão imperiosos, que nenhum interesse pessoal, nem mesmo da auto preservação, pode fazer se sentir. Nada nele é premeditado, embora possa desejar coisas apaixonadamente, isso nunca se dá por muito tempo, porque é incapaz de perseverança. Não pode tolerar qualquer demora entre o seu desejo e a realização do que deseja. Tenho o sentimento de onipotência: para o indivíduo num grupo a noção de impossibilidade desaparece. (Le Bon, apud Freud, 1973, p.23).

Freud concorda com algumas idéias de Le Bon e afirma que qualquer reunião de pessoas pode se tornar uma revivescência da horda primeva, pois o inconsciente possui conteúdos semelhantes que afloram e a diferença entre pessoas que desaparece. Prevalecem-se as emoções e um rebaixamento intelectual. Freud não concorda com o conceito de mente coletiva e utiliza o conceito de inconsciente para a discussão da grupalidade.

Para explicar esse comportamento grupal, Freud utiliza-se do conceito de identificação, postulando que a identificação "é um laço mútuo existente entre os membros de um grupo ... baseado numa importante qualidade emocional comum." (Freud, 1973, p.58) e "A identificação é conhecida pela

unesp

psicanálise como a mais remota expressão de uma laço emocional com outra pessoa." (Freud, 1973, p.55), ou seja, a identificação é um processo onde o sujeito assimila aspectos da subjetividade de outros, de modo inconsciente.

Na questão de líderes, Freud pensa de modo diferente de Le Bom. Não concorda com a idéia de que o líder desperta nas pessoas a fé e as ilusões. O que permeia a relação do grupo com o líder é a ilusão de todos serem amados da mesma maneira pelo líder. Este líder seria o representante paterno, no qual o grupo projetaria nele o seu ideal de ego. Para Freud, o grupo necessita dessa ilusão e através dela, estabelece-se um certo laço com o líder e um processo de identificação entre os iguais. Como grupo psicológico, Freud postula ser aquele onde existem as relações emocionais e é um processo identificatório entre os membros, diferente do laço com o líder.

Na questão da grupalidade, nas duas obras citadas, o que temos são relações derivadas de processos inconscientes e, neste sentido, o homem está condicionado a replicar, com seus líderes, a relação que tiveram com suas primitivas figuras parentais.

O grupo apresenta-se, como que preso, subordinado ao Ideal de Ego, ao seu líder e, nesse sentido, a possibilidade de transformação da realidade está acoplada aos mecanismos inconscientes, direcionados ao líder.

Nessa questão dos líderes, Freud fala de uma ilusão, ilusão de ser amado da mesma maneira pelo líder, em que o grupo, entre si, entra num processo de

unesp

identificação e, ao mesmo tempo, estabelece um laço com alguém que esteja, numa posição superior. O que mantém o grupo unido é essa ilusão de todos serem amados da mesma forma. Esse lugar é ocupado pelo líder, antigo representante paterno, no qual o grupo projeta nele o seu Ideal de Ego.

Essas análises elaboradas por Freud, pressupõem um inconsciente herdado filogeneticamente, passado de gerações a gerações, impondo ao coletivo uma busca para preenchimento de uma falta constitutiva de todo ser humano.

Quando Freud e outros autores falam da intensidade afetiva do grupo, tendo em vista que o inconsciente emerge do rebaixamento intelectual dos mesmos, Freud não vê o grupo como atravessado ou transversalizado por outras instituições, ou melhor, por uma multiplicidade de instituições. Não dá espaços para a compreensão do grupo, enquanto rede, modulando novas formas de subjetivação.

e) Bion e sua teoria de grupo

Bion, na obra *Experiências com grupos* (1970, p.48-9), afirma que, o grupo regride às fantasias e mecanismos primitivos, tais como se apresentam os postulados de Melanie Klein.

Segundo Baremblitt (1990, p.50-1), Melanie Klein postula que existem sentimentos inconscientes, desde os primórdios do nascimento até a vida

adulta. Alguns desses sentimentos acompanham as características das posições esquizoparanóide e depressiva.

> Os sentimentos característicos durante a posição esquizoparanóide, são: a *Avidez* - vontade de esvaziar, incorporar completamente o objeto e assim anulá-lo, eliminá-lo; a *Voracidade* - que é também um sentimento de incorporação em que a destruição não está dada porque a incorporação é exaustiva, senão "desgarrante", desarticulada do objeto como se fosse mastigá-lo; o sentimento de Inveja - vontade de colocar todo o mal do sujeito no objeto, porém não com o fim de possuir o bom que o objeto detém, e sim com o fim de destruí-lo.
>
> Com a entrada da posição depressiva aparecem outros sentimentos: o *Ciúme* - vontade de possuir um objeto valioso que o outro possui e não, necessariamente, vontade de destruí-lo; a *Culpa* - dor ou remorso pelos danos que se pode, eventualmente, ter causado (real ou imaginariamente) ao objeto; o *Medo* - não tanto o medo da vingança, da retaliação, do revide do objeto persecutório, porém o medo de causar-lhe dano pela agressividade e hostilidade do sujeito. Surge a *Angústia* que não deve ser confundida com a ansiedade (característica de todas as posições), própria da posição depressiva. Aparecem também sentimentos de *Reparação* - vontade de curar, de consertar e construir, tanto no que diz respeito ao self e ao objeto, e ainda o sentimento de *Nostalgia* - capacidade de lembrar o perdido ou destruído com o sentimento de *Saudade*, ao mesmo tempo, resignada e, relativamente, gostosa. Finalmente, aparece, com maior clareza, o sentimento de *Amor* - anseio do bem absoluto para o objeto e para si mesmo. (Baremblitt, 1990, p. 50-1)

unesp

Respaldado pela teoria da personalidade de Klein, Bion (1970) afirma que o movimento inconsciente dos grupos acompanha os sentimentos das posições esquizoparanóides e depressiva, tal como, os detectados por Melanie Klein.

Nesse sentido, há um movimento no grupo, seja qual for ele, que é o de destrutividade e morte, sendo o mesmo responsável pela quietude, improdutividade, destruição, fragmentação, que se combinam com o movimento que leva à atividade, junção, união, organização, direcionamento das forças etc....vida.

Para que um grupo possa se organizar, é necessário que, combinados entre si, os dois instintos predomine o instinto de vida e coloque o instinto de morte a seu serviço.

Bion postula conceitos como, por exemplo, o de mentalidade grupal, da cultura de grupo e das suposições básicas de dependência; luta e fuga, acasalamento, tendo como suporte teórico as concepções de identificação projetiva e introjetiva.

Por mentalidade grupal Bion (1970, p.57) afirma que é:

> a expressão unânime da vontade do grupo, à qual o indivíduo contribui por maneiras que não se dá conta, influenciando-o desagradavelmente. Sempre que ele pensa ou se comporta de um modo que varie de acordo com as suposições básicas. Assim, trata-se de uma maquinaria de

intercomunicação que é construída para garantir que a vida de grupo se ache de acordo com as suposições básicas.

A cultura de grupo, segundo Bion (1970, p.57), define-se como

> uma função do conflito existente entre os desejos do indivíduo e a mentalidade do grupo. A cultura de grupo apresentará sempre sinais das suposições básicas subjacentes. Acrescentando mais uma suposição básica de que o grupo se reúne para obter segurança de um indivíduo de quem depende.

Para Bion, esse conceito inclui a estrutura adquirida pelo grupo, em um momento dado, as tarefas que se propõe e a organização que a adota para a realização das mesmas. A cultura de grupo é fato observável, dentro do contexto da situação grupal que pode ser descrita pelo observador, levando-se em conta a observação, a conduta dos integrantes do grupo, os papéis que desempenham, os líderes que atuam e o comportamento do grupo como totalidade.

As suposições básicas, segundo Bion (1970) são emoções intensas de origem primitiva. Sua existência determina, em parte, a organização que o grupo adota e o modo pelo qual encara a tarefa que tem de realizar. Por este motivo, a cultura de grupo deixará sempre transparecer evidências dos supostos básicos subjacentes ou de determinados supostos básicos ativos nesse momento.

unesp

Para ele, em relação aos impulsos emocionais subjacentes ao grupo, as suposições básicas expressam as fantasias grupais, do tipo onipotente e mágico, relacionadas com o modo de se obter fins ou satisfazer seus desejos (irracional em seus conteúdos). Têm uma força e uma realidade que se manifesta na conduta do grupo. As suposições básicas são inconscientes, e muitas vezes, opostas às opiniões conscientes e racionais dos membros.

O termo grupo, sob determinado suposto básico, refere-se à estrutura particular e à organização adotada pelo grupo, em função do suporte básico em atividade. Oposta a esta organização está aquela que se baseia no grupo de trabalho.

Dos três supostos básicos num grupo (dependência, acasalamento, luta e fuga), Bion conceitua o suposto básico de dependência (Grinberg, 1973, p.19-35).

Nesse suposto básico, o grupo sustenta a convicção de que está reunido, para que alguém provenha a satisfação de todas as suas necessidades e de todos os seus desejos, na procura de alguém de quem o grupo depende, de uma forma absoluta. A crença coletiva é de que existe um objeto externo, cuja função é prover a segurança do grupo. É a crença, em uma deidade protetora, cuja bondade, poder e sabedoria não se põe em dúvida.

À medida que a cultura aparece, surge o desconforto - surgimento do sentimento de culpa e voracidade, ressentimentos, ciúmes, mas não desperta o medo, pois há a suposição básica de que alguém proteja o grupo.

O suposto básico de ataque e fuga, para Bion, consiste na convicção grupal de que existe um inimigo e de que é necessário atacá-lo ou dele fugir. Em outras palavras, o objeto mau é externo e a única atividade defensiva, diante dele, consiste em destruí-lo (ataque) ou evitá-lo (fuga).

Já o suposto básico de acasalamento fundamenta-se na crença coletiva e inconsciente, de que sejam os problemas e as necessidades atuais de um grupo, um /fato futuro/, /ser para nascer/, o acasalamento os resolverá. Essa esperança irracional e primitiva é fundamental para definir o suposto básico de acasalamento. Muitas vezes, a esperança é colocada num par, cujo filho ainda não está concebido mas que será o salvador do grupo. O importante nesse estado emocional é a idéia do futuro e não a resolução do presente. Em termos religiosos, é a esperança na aparição do Messias.

São o equivalente, para o grupo, de fantasias onipotentes a respeito do modo pelo qual serão resolvidas suas dificuldades. As técnicas de que se utilizam são mágicas. Todos os supostos básicos são estados emocionais intensos e primitivos, tendentes a evitar a frustração inerente ao aprendizado por experiência, aprendizado que implica esforço, dor e contato com a realidade.

unesp

As semelhanças dos traços das suposições básicas com os fenômenos descritos por Melanie Klein, em suas teorias a respeito dos objetos parciais das ansiedades psicóticas e das defesas primitivas, permitem supor que os fenômenos de suposto são reações grupais defensivas, diante das ansiedades psicóticas, reativadas pelo dilema do indivíduo, dentro do grupo e ao regresso que lhe impõe esse dilema.

No grupo, acontece também o fenômeno da valência que consiste na menor ou maior disposição do indivíduo, para se combinar na atividade de suposto básico. O terapeuta do grupo também participa desse nível de funcionamento e enfrenta no grupo um dilema que é o mesmo, ou pelo menos parecido, com os dos demais integrantes.

De acordo com Bion, os grupos de suposto básico ou grupos básicos têm formas típicas de se organizarem no que se refere a comportamento e à liderança.

Para ele, a cultura chamada de grupo de dependência, organiza-se na busca de um líder que cumpre a função de prover a sua necessidade. Tem um significado de expectativa irracional. O grupo de dependência comporta-se em relação ao terapeuta como se estivesse persuadido de que todo o trabalho deva ser realizado por ele - perda quase total do juízo crítico, a passividade.

O terapeuta, comprometido com essa situação emocional do grupo, percebe, ao realizar sua interpretação, um desconforto associado à frustração

unesp

das expectativas grupais que não satisfaz. Assinala, como fantasia grupal, retirando-se do lugar de provedor - o grupo pode reagir diante do perigo que o ameaça de modos muito diferentes. Uma resposta possível é que o grupo (mantendo seu suposto básico) busque encontrar uma outra pessoa ou idéias, o líder deificado. Às vezes, é o membro mais doente do grupo ou da instituição. Em outras, a liderança se coloca na história do grupo, a bíblia do grupo - memória - que se opõe a evolução de qualquer idéia nova.

Outra vicissitude que pode passar o grupo é a substituição do suposto básico com a correspondente mudança de clima emocional, liderança e papéis. O terapeuta, com sua interpretação, pode fazer com que o grupo reaja criando uma nova forma de organização, a qual necessita da participação de algum grupo externo (é chamada forma aberrante), que consiste, caso do grupo de dependência, no propósito de pressionar, através da ação sobre algum grupo externo, a fim de influenciá-lo ou ser por ele influenciado - modificações da técnica - em dar interpretações ao indivíduo, dentro do grupo como totalidade. Todavia, isso contribui para que a crença coletiva que, ele terapeuta, é uma espécie de divindade (resposta emocional do terapeuta), de dificuldade para manter, no nível científico de trabalho em grupo, perturbado com o de suposto básico.

unesp

Em relação a cultura do grupo ataque-fuga, o líder encontra-se em personalidades paranóides, pois alimenta a idéia de que existe um inimigo dentro ou fora do grupo de quem é necessário se defender ou fugir.

Sua organização é aquela em que se destaca a atividade, para evitar qualquer manifestação do inimigo ou responsabilizar qualquer pessoa ou sub-grupo e atacá-lo em conseqüência disso. Quando o terapeuta é considerado o "inimigo", o grupo comporta-se, ignorando suas intervenções ou demonstrando seu desprezo, através de palavras e atos. A hostilidade pode assumir a forma aberrante, como atividades tendentes a tomar posse da figura do terapeuta ou de grupos externos, ou a ser possuídos por um grupo exterior, suas idéias ou opiniões.

Na cultura de grupo de acasalamento, para Bion, o par pode estabelecer-se entre dois integrantes que dialogam. O grupo estimula essa relação, desde o momento em que esse par seja considerado como contendo a esperança messiânica do nascimento de um futuro líder que salvará o grupo - idéias - ou uma pessoa libertará o grupo de seus sentimentos de ódio, destruição ou desespero (parta que isto aconteça, esperança messiânica não deve ser realizada nunca). O terapeuta pode também participar da esperança messiânica, com a conseqüente perda de sua eficácia como observador. A forma aberrante deste tipo de grupo é a cisão.

unesp

O nível primitivo do suposto básico coexiste com o grupo de trabalho. A mentalidade grupal e a cultura diferentes requerem de seus membros capacidade de cooperação e esforço e isto não se dá por valência e sim por um amadurecimento e treinamento para participar dele. É o estado mental que implica contato com a realidade, tolerância e frustração, controle das emoções (é análogo ao ego), habilidade refinada do indivíduo é ligada a uma tarefa, métodos racionais e científicos.

A teoria bioniana, ao postular que o grupo regride no nível psicótico das relações objetais e, sendo este movimento necessário para se entrar em contato com a realidade (que o autor chama de nível T, ou grupo de trabalho,) recorre às formações secundárias das posições esquizo-paranóide e depressiva, descrevendo um grupo fechado em si mesmo, totalizado e dotado de uma essencialidade que ele próprio não tem domínio.

Ao elaborar os conceitos de mentalidade grupal, cultura de grupo, suposição básica de dependência, luta, fuga e acasalamento, acaba por fazer uma dicotomia entre indivíduo e sociedade, grupo e sociedade, configurando um grupo como ilha, centrado em si mesmo, intenso em intimismos, sem análises das instituições que atravessam ou transversalizam um grupo.

unesp

f) Conceito de sujeito que informa as teorias de grupos

As teorias anteriormente expostas, embora comportem divergências, mantêm constante, alguns pressupostos: grupo como intermediário indivíduo/sociedade; grupo como uma totalidade - estrutura/unidade; como objeto de investigação a ser conhecido; uma abstração que o antecede aos indivíduos que o compõem.

Poderíamos afirmar que apreender os grupos segundo esses enfoques, significa privilegiar um modo específico de subjetivação, qual seja, aquele que tem o indivíduo como único expoente da subjetividade.

Como diz Barros (1997, p.185):

> Um grupo, entretanto, pode não ser visto apenas em sua configuração molar. Ele é um composto, um emaranhado de linhas.

Em nossa forma de pensar grupos é que estes são acontecimentos, criando outros modos de experimentação da vida, desmontando territórios cristalizados. São pensados ainda como dispositivos, como máquinas abertas à conexões e multiplicidades. Nesse sentido, não podemos concordar com as teorias anteriormente expostas pois, nelas estão presentes as antinomias indivíduo/sociedade, singular/coletivo. O grupo quase sempre é visto como uma totalidade, tendo uma essencialidade, ou mesmo predisposições latentes para determinadas ações.

unesp

Deleuze e Guatarri (1976, p.61) pronunciam-se da seguinte forma:

> Não acreditamos mais em uma totalidade original, nem numa totalidade de destinação. Não acreditamos mais no acinzentado de uma insípida dialética evolutiva, que arredonda suas arestas. Só acreditamos em totalidades ao lado. E se encontramos uma totalidade assim ao lado das partes, é um todo dessas partes, mas que não as totaliza, uma unidade de todas essas partes, mas que não as unifica, e que se acrescenta a elas como uma nova parte composta à parte.

Apostamos nos eixos transversais, de modo que as conexões são permanentes e não sucessivas umas as outras, mas são possíveis os engendramentos, pois, o grupo só pode ser tomado pelo meio onde há um modo rizoma, ou seja, aquele modo em que não se sabe onde começa e onde termina; porém, pode-se acompanhá-lo pelas conexões que vão se montando.(1994, p. 8)

Neste sentido, abre-se a perspectiva com os grupos dispositivos o qual está inserida a proposta ético-estética-política, estando em questão os modos de produção de subjetividade, direcionados não para os modos indivisos privados/íntimos, mas sim, para modos-grupos-múltiplos-coletivos. A questão ética que se coloca é a busca da afirmação dos devires que tentam ganhar expressão. A opção estética é que vai garantir modos de criação invenção permanentes. A opção política implica em estar conectado com esse coletivo-múltiplo, onde as diferenças que se expressam não param de se ramificar.

unesp

No trabalho em grupo, é o confronto com outras matérias de expressão a invocar a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-máquina-trocas múltiplas que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se re-singularizar. (Guattari, 1992 apud Barros, 1994, p.431)

Barros afirma em sua tese de doutorado (1994), que grupos, indivíduo e a sociedade funcionam no mesmo registro: modo totalizante, individualizante e o grupo, gerido pelo "modo indivíduo" vive os conflitos do indivíduo e, com ele, torna-se conflitante. "Modo indivíduo" e grupo acabam por ser pretendentes ao lugar de verdade, na busca de uma identidade. Com isso, acaba por ser capturado ao mesmo modelo dicotômico indivíduo e sociedade que, há anos, vem sendo produzido.

Diz Barros (1994, p.432):

> Mas se apontarmos para um além/aquém -indivíduo, o grupo aparecerá como uma das formas -funcionamentos de subjetividades possíveis. Destituído também o grupo do caráter universal e unificado, vislumbra-se a emergência de devires outros, grupos-não-todos, grupos devires, cartogafias grupais. Quando desmanchamos a equivalência subjetividade/indivíduo, também o grupo-indivíduo se desmancha, criando condições para que se montem, autonomamente, novos territórios com os componentes de subjetivação. O grupo-substancializado só faz sentido se reconhecemos o modo-indivíduo

como único, isto é se acreditamos que o ser se esgota em algum de seus modos.

Nossa trajetória indica posição de se falar em cartografias grupais, entrelaçamento de várias cartografias também grupais por si só, pois são múltiplas porque são coletivas.

Nessa proposta, o que fazemos é, "acompanhar os movimentos coletivos do desejo" (Barros, 1994, p.434), apontando as naturalizações e nos colocamos no lugar de intercessores - lugar este que dá passagem aos devires. A intercessão está ligada aos processos de criação e esta é a via estética. Esta via leva-nos a problematizar. Põe-nos a pensar e a criar outros modos de subjetivação, onde se afirma a diferença. "A diferença é o que se produz no mundo como capacidade de provocar outras diferenças e é aquilo que se consegue escapar da fala única" (Barros, 1994, p.434-5).

O grupo transforma-se em rizomas, quando singulariza as diferenças, de tal modo que a intercessão aconteça entre os estranhos em mim, em contato com os estranhos no outro. "A dimensão estética é a da composição/recomposição de universos de subjetivação" (1994, p.435).

> Não se trata [para ela] de transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimento de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência. (Guatarri, 1992, p.31).

unesp

O grupo, entendido como dispositivo, ou seja, como aquilo que põe a funcionar os modos de expressão de subjetivação, produz processos de individualização. É esta a nossa ferramenta política.

> Máquina de decomposição de verdades absolutas, de noções tomadas como naturais e universais, o grupo dispara confrontos entre expressões do modo indivíduo vigente. Ao tomar os enunciados como remetendo não a sujeitos individuais, mas coletivos, a percorrer os caminhos maquínicos do desejo que não se esgotam nas vivências individualizadas, o grupo dispara desconstruções dos territórios enclausurantes da subjetividade. Entrar em contato com as multiplicidades que flutuam, não almejando equilíbrios, mas a invenção de bifurcações de um tempo que é maquínico - tempo das intensidades -, eis a via política de nosso paradigma. Grupo-dispositivo, grupo máquina: via entrada que nos faz entender as armadilhas de um modo serializado de produção do indivíduo e do grupo. Dispositivo-instrumento que nos auxilia a por em questão a problemática da economia do desejo sob nova óptica, escapando à idéia de falta jamais preenchida, dado que o que se quer é expansão. Máquina-instrumento que se conecta a outras máquinas: técnicas, ecológicas, sociais, semióticas. (Barros, 1994, p.436)

O grupo ou a entrada grupal, como designa a referida autora para a qual o paradigma ético-estético-político nos abre é a de uma subjetividade

> que experimenta, arrisque-se em outros modos de composição; a de uma subjetividade que se produza heterogênea, sendo ao mesmo tempo heterogenética; a de uma subjetividade que esteja comprometida com os processos coletivos que a produzem. (Barros, 1994, p.436-7)

É, portanto nessa perspectiva que trabalhamos teoricamente os grupos, como sendo coletivos em intercessão, num plano rizomático, produzindo diferentes modos de subjetivação.

O grupo será entendido por nós como um entre transversalizados pelas três linhas, dura, flexível e de fuga, com suas respectivas máquinas acopladas aos agenciamentos. Buscaremos extirpar de nosso trabalho, atos de classificações que transformam experiências de vida, em processos de vitimizações, criando categorias de normais e desviantes, bem como de cidadãos de bem e outros.

Com diz Rodrigues (1998, p. 74 - grifos do autor), que para pensar, praticar de outro modo,

> é imprescindível este *pensar pelas pontas*, instalando-se, às custas de muito esforço entre ou no meio. Aqui pensamos que a subjetividade pode aparecer como algo da ordem do produzido por componentes heterogêneos, como eminentemente social, em permanente construção/processualização. Tomar pelo meio é prática interventora, intercessora, minimamente aberta às virtualidades ilimitadas das forças em suas composições e decomposições, desaprisionada de modos pré

unesp

> determinados ou pré inscritos e previsíveis (ou redundantes) de subjetivação.

Pensando desta forma, estaremos indagando, a todo momento, como esse grupo funciona; se funciona, através de inquietações, rachaduras, produzindo devires, ou se funciona de modo intimista, territorializado, acoplado às subjetividades, produzidas pela ordem dos equipamentos coletivos que gestam modos únicos de pensar e ser.

Para isso, dizemos que portamos uma caixa de ferramentas que são mais que referenciais teóricos, pois vão nos nortear no que funciona, como assinala Coimbra (1998, p.75):

> Menos para si mesma que para martelar, aplainar, aparafusar e desparafusar, conectar e desbloquear, etc, as forças e formas componentes do socius. O conhecimento das ferramentas que a caixa contém não pode, por conseguinte, preexistir a seu trabalho enquanto dispositivo de narrativa/figuração/subjetivação.

O que significa dizer que não há um "a priori", conceitual universal imposto aos acontecimentos produzidos pelo grupo e sim, que os conceitos serão produzidos no meio deles, entre eles (acontecimentos). E que esses conceitos têm como utopia ativa, abrir canais para a multplicidade e para os devires.

unesp

V. Modos de subjetivação: considerações teóricas

O conceito de produção de subjetividade, usado por nós, reporta-se a Guatarri que aponta para os modos de como pensamos, de como sentimos. São esses modos atravessados por processos disruptivos no campo da produção do desejo, movimentos de protestos, de questionamentos, da criação e da afirmação de outras sensibilidades e percepções, de outras formas de estar no mundo.

O processo de subjetivação traduz-se como um campo aberto, criativo e múltiplo. Produzido no registro do socius, está na relação direta com a contingência sócio-histórica que afeta o indivíduo. Assim sendo, não se centra no interior do sujeito, mas, seu campo são todos os processos de produção social e material.

Conforme Guattari (1994), a subjetividade é produzida pela concorrência de diversos registros semióticos. Os componentes da produção de subjetividade são diversos: gestuais, plásticos, dos fenômenos de mass-mídia, da informática, da telemática, discursivos etc. "A subjetividade está em circulação, nos conjuntos sociais de diversos tamanhos, ela é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares"(Guatarri & Rolnik, 1986, p.33) . Nesse sentido, "tudo é processo, devir, agenciamento de forças de todas as partes, que se reúnem para dar

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

origem à forma sujeito-indivíduo, ou a forma sujeito-coletivo" (Guatarri & Rolnik, 1986, p.69).

Contra a amarração sujeito-indivíduo, a influir sobre todo o pensamento ocidental, Guattari diz que:

> a subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é individuação no corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos de subjetivação. (Guatarri e Rolnik, 1996, p.32)

Sair deste plano de focalizar no indivíduo a produção de subjetividade implica pensar na multiplicidade dos agenciamentos de subjetivação: a subjetividade é essencialmente um registro social.

Por multiplicidades, entendemos: movimentos de *singularidades*, suas relações que são devires (não se confunde com a história); a seus *acontecimentos* que são *hecceidades* (quer dizer individualizações sem sujeito); seu *espaço-tempo* – que são espaços e tempos livres); *a seu modelo de realização* que é o rizoma; *seu plano de composição*, que contribui platôs (zona de intensidade contínua) e *vetores que as atravessam* e que constituem territórios e graus de desterritorialização.

Problematizamos o modo de produção da subjetividade como algo da ordem da processualidade, devires, modos de subjetivação/objetivação.

Guatarri assegura-nos que somos atravessados por três tipos de linhas e três tipos de máquinas abstratas. Há uma multiplicidade de dimensões, linhas, direções, no seio de cada agenciamento, de cada conexão que se faz.

As linhas estão sempre imbricadas umas nas outras: a de segmentação dura que corta por dicotomização: bom/mal, normal/sadio, etc., as flexíveis que traçam pequenas modificações, que desviam dos códigos totalizadores das primeiras e as linhas de fuga que nos conectam com o imprevisível.

O que caracteriza um agenciamento de segmentaridade dura depende das máquinas binárias dualistas e dicotômicas. Seus segmentos implicam certo dispositivo de poder que fixam os códigos aos territórios, de tal forma que os sobrecodificam o tempo todo, assegurando homogeneidade. Esta máquina abstrata concretiza-se em agenciamentos. A segmentaridade dura implica, também, um plano de organização que opera em verticalizações e horizontalizações, exemplo: aparelho do Estado como efetuador da máquina de sobrecodificação de nossa sociedade.

Nos agenciamentos de segmentação flexível, a máquina é mutante, as conexões se fazem por múltiplos desdobramentos, rizomaticamente. O plano aqui implicado é o de imanência ou de consistência e o que percorre nestes agenciamentos é o devir.

Também as linhas de fuga são rizomáticas. Elas escapam das dualidades e formam planos de consistência. As linhas de fuga ou de ruptura conjugam

unesp

todos os movimentos de desterritorialização e não se deixam capturar por movimentos de reterritorialização como, às vezes, acontece com as linhas flexíveis. A máquina de guerra é o seu modo de funcionamento. É a oposição mais radical ao aparelho de Estado.

Posto isto, afirmamos que não existe então enunciado do indivíduo. Todo enunciado é o produto de agenciamento maquínico, quer dizer, dos agentes coletivos de enunciação (que não são povos etc, mas multiplicidades).

Com isso, também queremos dizer que a noção de subjetividade não pode ser confundida com a de indivíduo.

A subjetividade, enquanto processualidade (rupturas-rizomas, devir), faz-nos pensar sobre um inconsciente maquínico que se manifesta, incessantemente no modo de se orientar, se organizar, produzir o real, num mundo. É pura expressão de desejo, comportando "todas as formas de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores" (Guatarri e Rolnik, 1996, p.215).

Estamos falando da ordem molecular onde há fluxos, devires e intensidades que são operados por diferentes agenciamentos que se chama transversalidade.

unesp

Chamaremos, agora, as noções de territorialidade, desterritorialização e reterritorialização para nos auxiliar, no entendimento da subjetividade, enquanto processualidade:

> Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se 'sente em casa'. O território é o sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (Guatarri e Rolnik, 1996, p. 323)

O território pode-se desterritorializar, isto é abrir-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir.

> A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. (Guatarri e Rolnik, 1996, p.323)

A reterritorialização consiste na tentativa de recomposição de um território, engajada num processo desterritorializante.

unesp

O território é uma espécie de porto seguro, lugar onde o indivíduo é definido ou se define, elabora projetos e ações articuladas, com seu modo de experimentar o mundo.

A desterritorialização é a fenda, lugares desconhecidos que são ou não enfrentados. Novas percepções, sensações e afetos são disparados, há aqui uma certa perda de sentido.

Recompor um território engajado num processo desterritorializante é a noção de reterritorialização, movimento relacional, de enunciação da diferença, que tem a ver com a noção de singularização (movimentos de protestos, de questionamentos, de irrupção do novo).

Devemos ressaltar que o movimento do capitalismo tenta recapturar os processos de desterritorialização e impedir os de singularizações, na ordem da produção e das relações sociais, numa tentativa de controlar todas as pulsões processuais (ou phylum maquínico) que operam na sociedade.

Esses movimentos de território estão ligados, ou entrelaçados, dentro da análise da micropolítica do desejo, em três linhas: 1) linha dura das centralizações, dos significados já prontos, um certo plano homogeneizador capturante; 2) uma linha flexível: dos movimentos, acontecimentos, dos devires, rizoma, mulitiplicidade, rupturas, máquinas mutuantes se acoplando e produzindo o novo, a invenção e 3) linha de fuga: virtualidades de invenção, criação, potência de vida. Pode-se constituir também como um movimento

unesp

incessante de desterritorialização que pode levar à paixão pela abolição. Tudo depende dos fluxos que estão sendo agenciados num determinado plano.

Essas linhas interpenetram-se, cruzam-se, agenciadas por determinadas forças que vão ganhando expressão e intensidades num determinado momento, e influindo nos movimentos de formação de território, movimento de desterritorialização e reterritorialização (que pode sofrer uma ação sobrecodificante).

A sobrecodificação traduz um movimento de reterritorialidade que implica uma generalização e um esquadrinhamento.

> Implica num estabelecimento de padrões de normalidade desvio-padrão, valores definidos por uma 'central', funcionando nos modos de produção sucessivas e intermitentes, funciona no registro de troca de equivalência. (Barros, 1994, p.280)

A idéia do rizoma tem a ver com o desejo. O desejo é político, pois é processo de produção; forças de produção de determinadas práticas, ato de produção é um ato político. Nesse plano, pensar campos de forças como de criação da própria vida rizomaticamente, com múltiplos devires.

Modos de subjetividade são então, processo construído no campo social, onde pode imperar modos de subjetivação tipo indivíduo (linha dura), onde a dicotomia indivíduo/sociedade permanece - a dualidade corpo/mente, indivíduo como totalidade, transcendente etc.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A subjetividade é, então, produzida no socius, onde não existe um dentro e um fora, onde o modo de existência vai se processando por uma multiplicidade, por corpos impressos e impressores, pela virtualidade dos devires (diferenças), agenciamentos de desejos (só são produzidos num campo político-coletivo), num plano ou de organização (marcada por sobrecodificações das linhas sedentárias – duras dominantes) ou de consistência (algo que se monta) numa rede de conexões cujo acesso é através de recortes (ponto de encontro), pois o plano é de variações contínuas.

São linhas de fuga – linhas de criação, invenção, produção - tem a ver com a noção de singularização: capacidade que temos (não desconectando do coletivo) no engendramento das diferenças, fluxos que se apresentam como formas que ganha atualidade, ou seja, ganha visibilidade - que está disponível o tempo todo (ligado ao plano virtual). Devir, emergentes de outras conexões.

Corpos que se conectam por afecção, possibilidade da singularidade, emergir desse acontecimento virtual e apresentar-se de uma nova forma autopoeticamente, incessantemente criadora.

unesp

VI. Método

Pensar, indagar, sobre a produção da subjetividade, em crianças-em–situação-de-risco-pessoal-e-social e em adolescentes-em-conflito-com-a-lei é nos deparar com o "modo indivíduo-desviante"; engendrado por uma máquina de sobrecodificação de sentidos, produzidos pelos equipamentos coletivos: Estado, Escola, FEBEM, que podem eles próprios, sobrecodificar processos identitários do jovem, com práticas de delitos em identidade de infrator.

Apontamos neste múltiplo campo de forças: infância, criança, adolescência, violência, infração, códigos penais, história, política. Nele, poderemos tocar na fratura, naquilo que venha a se romper com regras, com a história linear, com a marcação de história pessoal ou social.

Estamos hipotetizando que criança- em- situação- de- risco e adolescente-em-conflito-com-a-lei são máquinas-dispositivo, o que faz atravessar determinadas forças que estão se dando no campo social. É marcação de uma diferença. Arriscamos dizer que o mesmo é agente coletivo de enunciação e que, através de seus modos de existencialização, rompe com valores e regras sociais.

Cartografamos um plano de ramificação infinita aos desejos que se processam, como: processos de produção, forças de produção de determinadas práticas, atos de produção política, campos de forças de criação, sempre no

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

plano da multiplicidade, nos movimentos de enunciação e de engendramento de diferenças; a produção da subjetividade como autocriadora.

Crianças-adolescentes-em-situação-de-risco-pessoal-e-social-e-infrator, pura superfície, visibilidade. Não há que se buscar uma interioridade, uma história pessoal, familiar, política-econômica-social, como determinantes de seu modo de existencialização. Afirmamos ainda que, atrás de aparência não há uma verdade oculta, uma origem a ser buscada – os planos são dos corpos sociais, como se dão as conexões, os acoplamentos, o desejo, o plano rizomático dos acontecimentos num devir.

Indagamos, como este corpo funciona num encontro com outros corpos, se é por agenciamento num plano de organização, marcada pela linha dominante ou não. Se a capacidade de afetar e ser afetado afirma sua virtualidade rizomática, em outras palavras, estamos atentos às intensidades do que se pluga e do que se vaza, do que se avança para produção de novas forças ou não.

Portanto, nesse trabalho, o discurso proferido nas relações grupais são sempre enunciações coletivas, onde não há privilégio de um sujeito único, detentor de verdades. O discurso é sempre produção coletiva que, num determinado momento de confluências e de fluxos, pode singularizar-se, ou seja, dar passagem através de um corpo, por um sujeito.

unesp

Estamos atentos ao processo de acontecimentos do grupo, privilegiamos analisadores que são, segundo Baremblitt (s./d., p.152)

> dispositivos inventados e implantados pelos analistas institucionais para propiciar a explicitação de conflitos e sua resolução. Para tal fim, pode-se valer de qualquer recurso (procedimentos artísticos, políticos, dramáticos, científicos, etc.), qualquer montagem que ponha de manifesto o jogo de forças, os desejos, interesses e fantasmas dos segmentos organizacionais. Ou também são analisadores de fato, produzidos 'espontaneamente' pela própria vida histórico-social-libidinal e natural, como resultado de suas determinações e de sua margem de liberdade.

Ou seja, no desenvolvimento do nosso trabalho, utilizamos tanto os analisadores construídos quanto os espontâneos.

Tomar, em consideração, os discursos produzidos no grupo significa, para nós, não buscar as origens dos acontecimentos e sim, determinadas intensidades que ganham expressão, como por exemplo os afetos (não no sentido de sentimento). Estes circulam e vão ganhando visibilidades, ora em linhas flexíveis num processo de desterritorialização, ora em linhas de fuga (resistências ao modo de subjetivação capitalístico) e uma multiplicidade de outros modos, para se territorializar nas diferentes linhas que se intercambiantes num mundo de jogos de ofertas, de modos de ser.

unesp

Com afirma Santos (1989, p.13):

> Dizer é o momento de produção de afirmação, que surge no bojo do movimento ... Dizer é um momento feroz, Dizer é momento, momento em que se quer o que se pode, e já se pode o que se quer. momento que se diz para se poder e se quer mais, mais ainda, muito mais.

Por isso é que dizemos que pensar não é explicar, nem revelar a transcendência, o oculto, é embarcar no devir, nas criações que estão no plano da visibilidade.

Traçar uma cartografia do movimento grupal de crianças e adolescentes, em situação de risco pessoal e social e infrator, é colocar em questão os fluxos em composição com multiplicidade de sentidos, em que o devir e a vontade de potência e a afirmação da vida estão podendo ser conectados, num plano de imanência.

Traçar linhas que estão compondo um determinado território e, também, dele escapam, é produzir desterritorialização. Traçar linhas que estão se recompondo, é produzir reterritorialização. O que se cartografou foram os processos de composição e decomposição de territórios, mapeando as linhas que predominavam em cada território, as máquinas que estavam operando.

Nessa proposta, estivemos atentos aos modos de expressão que se territorializam, desterritorializam e reterritorializam, nas três linhas da vida, linha dura, linha flexível e linha de fuga, dependendo dos fluxos (sociais,

unesp

políticos econômicos, desejantes, institucionais que atravessam o sujeito coletivo).

Esses movimentos ganham determinados planos de organização ou de consistência, entrelaçados, ora na linha dura (capturado num plano semiotizador dos Equipamentos Coletivos de Enunciação), ora na linha flexível, de territórios. Eles se desmancham, compondo rupturas, infinitos agenciamentos, ora na linha de fuga que podem constituir possibilidades de invenção, criação, ou até mesmo, de pura desterritorialização (corpos que se conectam por uma paixão pela abolição).

Nosso objetivo foi o de traçar as cartografias que foram sendo desenhadas, através da história de vida dos nossos sujeitos coletivamente, transmitida a nós, através de anunciações coletivas a serem pensadas.

Neste sentido, estivemos atentos e cartografamos os movimentos e as semiotizações, produzidas nos movimentos de construção dos territórios: familiares e institucionais (família, escola e outros) que atravessam, cortando os sujeitos, nos seus modos de existencialização da mesma forma que os afetos vão ganhando sentido e expressão.

Como diz Coimbra e outros (1986, p.15):

> O olho produz. Nosso olhar sobre o campo social pesquisado visa produzir intervenção e fissuras nos processos de binarização agenciados pelas redes produtivas de sentido do capital. Processos que dicotomizam os movimentos do real em pólos opostos, excludentes e segregadores:

unesp

homem/mulher, questão/resposta, bom/mau, capaz/incapaz, criança/menor, incluído/excluído...

Olhar um campo de pesquisa como espaço de cartografia impõe que o percebamos como um campo de forças em luta. Forças que vem de todos os lugares mas que nem por isso perdem sua maneira 'própria' de ser , de se singularizar. Neste sentido, para captar seus traçados e riscos, é preciso que alarguemos e refaçamos, a cada momento, nossos horizontes de escuta para os desejos, experiências e práticas dos personagens que o habitam. Requer um olhar que não se prenda e satisfaça com o que pode ser captado por ele – o que nos remeteria a identificações e representações – mas em deixar-se afetar e ser afetado pelos encontros, transitando pelos terrenos das intensidades e buscando entender os processos de subjetivação capitalísticos e suas conexões. É fundamental atentar para os processos de singularização que 'tomam de acesso' o cotidiano pesquisado.

Foi com esse olhar que utilizamos, para produzirmos as cartografias dos modos de subjetivação das crianças em situação de risco pessoal e social e adolescentes em conflito com a lei. Passaremos agora a enunciar o procedimento por nós utilizado.

unesp

a) Procedimentos

O Conselho Tutelar nos encaminhou 68 crianças e adolescentes que, segundo os conselheiros, seriam aqueles em via de serem mandados para alguma instituição. Essa população perambulava pelas ruas, drogavam-se, prostituiam-se, furtavam e a maioria tinha uma história de evasão escolar.

Como montar um projeto de intervenção com o objetivo de formar um grupo, com todas essas crianças e adolescentes, a fim de problematizar o processo de produção de subjetividade?

Foi um artigo publicado na Folha de São Paulo (07/02/95) que orientou nosso percurso. Uma reportagem sobre o mestre do cinema contemporâneo Abbas Kiarostami. Ele dizia que gostava de se perder em São Paulo e andava como se fosse uma câmera subjetiva, como se estivesse filmando com os olhos. Em uma dessas vezes, passou a seguir uma menina de rua, negra, entre 12 e 13 anos. Ele dizia também, que ficou impressionado com a desenvoltura e a elegância do andar da garota. Em uma das suas aproximações, a menina comeu restos de um hambúrguer no lixo de um "fast-food" e, em outra, ela achou uma revista feminina, num lixo de escritório. Ela folheou a revista, separou algumas páginas e continuou andando.

Kiarostami voltou ao seu quarto de hotel e começou a chorar e a escrever o que viveu e sentiu. Começava a nascer "The Good, Good Citizen".

unesp

A partir daí, pensamos que nosso objetivo seria criar um campo no qual fosse possível às crianças e aos adolescentes expressarem o sentido que, para eles assumia a transgressão, mais do que nos preocuparmos com um projeto de intervenção, cuja finalidade era o de normatizar esses sujeitos. Queríamos compartilhar, na medida do possível, dos mecanismos que esses sujeitos, ditos de rua, utilizam-se, para sobreviver na sociedade que os marginaliza.

Visitamos e tentamos estabelecer vínculos com todas as crianças e adolescentes, indicados pelos Conselheiros. Marcamos um dia, hora e local, para nos encontrarmos (local era um antigo e desativado teatro que existe na periferia da cidade).

No dia combinado, apareceram três adolescentes. Combinamos com eles encontros grupais, uma vez por semana e explicamos também que o material produzido pelo grupo, garantido o anonimato, poderia ser utilizado, por nós, para possíveis pesquisas.

Pedimos autorização para gravar as sessões, no que concordaram. É interessante comentar que, após cada encontro, os jovens pediam para ouvir a gravação e acrescentavam novas idéias ou suprimiam algumas que, segundo eles, não havia sido devidamente explicada. O material também servia como disparador para que lembrassem novos fatos de suas vidas.

Foi colocado também o problema da distância, pois a favela onde moravam situava-se a 15 km do teatro. Discutimos, então, a possibilidade de

unesp

pedir à Prefeitura, condução para trazê-los aos encontros. Conseguimos uma perua para conduzi-los ao grupo e levá-los para casa.

Nos outros encontros, mais crianças e adolescentes apareceram. Refizemos o contrato do trabalho em grupo, dissemos a eles sobre a gravação e sobre o sigilo e que nossos encontros tinham, como objetivo, discutir o cotidiano de suas vidas, a escola, a família, a sexualidade ou outras questões sobre as quais quisessem conversar. Reafirmarmos que o espaço grupal poderia ser utilizado como desejassem, desde que não quebrassem o material, não levassem para casa objetos do teatro e não colocassem em risco a segurança física de nenhum membro do grupo.

A cada semana, elaborávamos uma pauta para a semana seguinte.

O espaço físico do encontro grupal levou as crianças e os adolescentes a organizar as sessões grupais, como uma peça de teatro, cujo enredo seria a vida de cada um deles.

Nestes encontros, usamos algumas vivências psicodramáticas, com o objetivo de colocar em cena, o cotidiano vivido e sentido pelos personagens.

Para a pesquisa, selecionamos alguns encontros, os quais consideramos serem importantes analisadores sociais.

Acordos éticos foram firmados ao longo de nossos 30 encontros, como por exemplo; não divulgar as histórias gravadas e não veicular as histórias-informações, junto ao Conselho Tutelar, Fórum e família.

unesp

Também acordamos que as fitas gravadas lhes seriam devolvidas, após a transcrição. Feita a transcrição, passamos o texto produzido a eles, para que pudessem alterá-los de acordo com os seus desejos.

Os sujeitos enunciaram suas histórias do modo como desejaram. Passaram informações conforme os sentidos que deram aos acontecimentos, às suas vidas.

Outra razão para a escolha desse procedimento foi o fato de haver possibilidade para problematizarmos os múltiplos acontecimentos que atravessavam o grupo, os afetos que ganharam intensidade e expressão nos agenciamentos coletivos: momento em que esses sujeitos puderam exercer seus saberes e seus poderes. Consideramos, ainda, que seus discursos, ao serem proferidos, têm relações com o desejo e o poder.

Nesse sentido, foi nos possível criar os analisadores: formas de sobrevivência, sexualidade e os conceitos de criança e adolescente, os quais serão cartografados a seguir.

unesp

VII. O dispositivo grupal, funcionando para que o grupo falasse de suas formas de sobrevivência

a) Estratégias de sobrevivência: "bater cascudo", "fazer fita", "jogar chamego", "fazer mula"

Cenário: O grupo reunia-se num teatro desativado na periferia da cidade. É um espaço grande com palco, cortinas velhas e vários móveis e imagens religiosas. Localizado ao lado de uma igreja, serve como depósito de coisas e objetos que não são usados.

Presentes, nesse encontro, estavam: Carlos, Claudio, Rafael, Marcelo, Rodrigo, Eder, Nei, Gisela, Vera, Cristina, Inês, Saulo, Carla, Neguinho, Maurício, Silmara, Léa, Rosa, Helena, Cleison, Daniel, Chico[2].

Este não era o primeiro encontro, pois os personagens já tinham se apresentado em outras ocasiões.

Chegaram e foram adentrando, abrindo gavetas dos móveis, ou seja, explorando, avidamente, o lugar como se já não estivessem estado ali antes. Uma das garotas foi logo deitando num dos sofás.

---

[2] Os nomes dados são fictícios a fim de preservar a identidade dos sujeitos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Durante várias sessões, percebemos que eles chegavam e se amontoavam nos sofás, cochilando e, do nosso ponto de vista, não querendo produzir nada. Mal entravam no teatro: *" Tô com fome fessora. sic."* (Carlos)

A apatia, a sonolência, os corpos deitados nos bancos, no sofá, no chão, nos incomodavam. Por mais que tentássemos colocar analisadores construídos e tocássemos na questão da peça teatral, nada despertava o interesse. Sentíamos, naquele momento, atravessados pela impotência em relação a esse grupo, até que, no desespero dessa sensação caótica, decidimos que, " Já que querem relaxar vamos fazer um relaxamento".

Aí executamos a técnica do relaxamento e eles nem se dispuseram a sair do local onde estavam. Quando terminamos a sessão, um deles disse:

"Nossa senhora a fome até passou, que louco! O psôra ensina a gente este troço prá gente fazer sempre que tiver fome". (Saulo)

Resolvemos então problematizar que fome era essa que, ruidosamente, nos incomodava, em todos os encontros e que poderia ter sido pensado como algo totalmente sem importância, que aparece agora como enunciador de uma situação vivida. Aí escutamos e perguntamos: Que fome é essa? Então, disseram:

"De comida, de comida, os ratos comeram a comida de casa, já não agüento mais ir pro mato e comer manga verde", a comida lá em casa acabou faz quinze dias".

Perguntamos então por que não tinham comida e aí eles começaram a relatar suas histórias de vida, transversalizadas por outras histórias. O relato foi o seguinte:

"a gente mora num barraco perto da favela do Bonfim, e perto de um posto na rodovia, este barraco foi minha mãe e meu padrasto que compraram, não foi minha mãe que comprou quando saiu do hospital de gente que não bate bem da cabeça. Ela foi pra esse lugar porque meu pai tinha amante então lá em Paraguacú, ela tirou nóis cinco de dentro da casa e botou fogo. Nóis tudo fomo parar na casa das crianças, só meu irmão menor foi morar com a madrinha. Ficou lá uns nove anos, quando saiu buscou todos nois mais o Silvio que não tem nem pai nem mãe, e nosso irmão mais novo ficou com a madrinha dele, quando saiu de lá encontrou o Indio, ele tem cabelo até no pé, e foi morar com ele e com nóis. Ele trabalha de guarda na casa de um rico aí e minha mãe vai com o Claudio junto com ele, porque tem medo dele arrumar mulher pra dormir na cama com ele. Durante o dia ele carpe quintal com o Claudio; vai pro bar beber e jogar sinuca. Tudo o que ele ganha ele compra comida, quando tem comida é pra todos. Nestes dias lá um travesti que é namorado do Marcelo, comprou comida mas acabou. Minha mãe mesmo não entendendo muita coisa, ela deixa esses caras morarem lá desde que comprem alguma coisa".

unesp

Desse relato, pudemos desenhar uma casa aberta para fora, sem intimismos, sem privacidade onde circulam nômades, andarilhos, travestis, homossexuais que fazem programa no posto de gasolina. A regra que Janete impõe ali é: "roubar galinhas do vizinho não pode nem que esteja passando fome".

Essa casa, bem como esses sujeitos, convivem com os estrangeiros e, desse lugar, constróem seus lugares de filiação e seus modos de subjetivação sendo que, nas suas falas, não há julgamentos morais. É de um outro lugar que se colocam de um lugar ético-político.

Bem, mas o que fazem para sobreviver e quais estratégias e táticas utilizam?

Disseram-nos que

"a gente faz fita (furtos), "bate cascudo" (pedir esmolas), "faz mula" (tráfico de drogas), é assim, antes de bater cascudo a gente olha pra pessoa e manja se ela tem cara de que tem dinheiro e é boazinha, ai a gente pede, a gente gosta de pôr as meninas para pedir, pra menina todo mundo dá mais pra moleque não. "Quando as pessoas dão comida numa vasilha e manda comer na porta eu morro de vergonha, de humilhação" eu peço porque não tenho onde ficar, pouso na rua, quando me da fome vou e peço.

Explicaram-nos o " bater cascudo":

" A gente se sente humilhada em pedir, a gente põe as meninas pra pedir e se esconde (...) A gente tem que inventar história de vó doente, por tragédia, coisa triste na história, daí a pessoa dá bastante coisa, do contrário não dá nada"

Ou então placa de surdo-mudo:

" A gente vai para o centro da cidade com uma plaquinha escrita 'sou surdo mudo me dê um real', aí é manha, na hora que a pessoa lê ela já dá uns trocos" (Maurício)

" a gente pega uma caixa de sapato, rasga e faz uma tabuleta e pede para alguém escrever: sou surdo-mudo me dê um real. É pegar dinheiro na certa, só que tem que ficar bem esperto porque tem gente que desconfia e tenta tirar palavra da boca da gente". (Maurício)

Não há somente essas estratégias de sobrevivência, outras aparecem, como,

"quando não tem o que comer em casa faço chamego em velhos e peço um real ou um maço de cigarros, velho não dá trabalho, jogar chamego em véio não é prostituição, é prostituição na cabeça de vocês " (Vera)

"Chave de buceta em moço"

" Tem uns cara aí que de carro aqui e pega as menina nova, daí a gente sai com ele, às vezes tá passando fome, e é por uma cesta básica. A

gente faz eles gozarem bastante vezes e finge que tá gozando e que quer mais, na verdade a gente dá cansaço neles e eles pra não ficar por baixo e com medo que a gente fale que é viado, e para vir procurar a gente mais veis, é técnica nossa. A gente também dá chave de buceta, cruza as pernas e prende o pinto na vagina, eles gostam disso e pagam legal." (Helena)

"Eu escolho pra fazer xamego, moro lá na Favela das Cabritas e por lá passa um cara vedendo frutas e verduras numa perua véia. Se tô com fome e não tem nada pra comer, eu pego uma bacia e espero ele passar. Quando ele chega junta um monte de gente em volta da perua aí eu olho firme nele encaro mesmo, não tiro os óios mexo com a boca dando bejo pequenininho no ar, empino a bunda, encosto na perua com jeito de quem não quer nada mas quer tudo, daí é só esperar sair um pouco do povo e ele enche a minha bacia de coisas e pergunta "Tem jeito?". "Eu respondo: hoje não" e entro pra dentro com a bacia cheia de coisas pra comer que até sobra."(Sara)

"Eu não vou de cara lavada e pergunto: "Tem fruta acabada aí? "Se tem dá pra mim que tô com fome loca"(Rosa)

Marcelo diz:

"eu namoro com a Kátia que é um travesti, porque ela me sustenta, já que não tenho pai nem mãe, nem trabalho."

Vários garotos dizem:

"eu pego bicha só se for em troca de dinheiro"

"Comer bicha dá nojo, mas a gente ganha uns troco. Ou eles ficam gostando da gente e pagam tudo, mas a gente só sai com eles em último caso"

Envolvido nas questões colocadas pelo grupo, Neguinho de repente fala

"agora vou contar a verdade meu pai não é aposentado, e eu joguei 171 na cabeça de vocês, minha mãe não é pedreira de fazer casa, como vocês acreditaram, ela e meu pai usam drogas, bebem em me fazem de mula, se eu não quero faze isso ele me bate de cano. Mas eu gosto deles e não que contem pra ninguém isso porque tenho medo do Conselho Tutelar me tirar dele e pôr na FEBEM. Eles quando se drogam eu que cuido deles se vem polícia eu corro enterrar o crack, a maconha, e a cocaína, e depois pulo um muro com a enxada que eu mesmo não acredito que pulei".

"Descobri um jeito de fazer a mula sem ser pego pela polícia, se é crack, eu compro um monte de chicletes e mistura a pedra, se a polícia fizer batida em mim nunca vai descobrir as pedra no chiclete, ou então eu faço um arranhão no joelho no asfalto e vou no posto de saúde e jogo um xaveco na enfermeira para ela fazer um curativo com bastante esparadrapo, daí eu colo a farinha, o pó dentro e vou fazer a entrega, eu não sou bobo não, não quero ir parar na FEBEM"

"Fazer a fita" é roubo ou furto, porém

"Do vizinho nóis não roba nada, mas quando a fome aperta a gente vai pra outras vilas, não de gente rica, de pobre mesmo, rouba um tênis, por exemplo, vende por um dois real, já dá pra comprar pão e dividir, mas não é só tênis, é qualquer coisa que esteja dando mole" (Nei)

"Fui numa chácara, roubei, foi roubar a chácara, sabe? E pra mim pensei... O rapaz falou pra mim que na chácara tem bastante coisa, tal, tinha vídeo, tal, né? Fui com certeza do vídeo, né. Chegamos lá não tinha nada. Primeira coisa que eu fui, eu fui na geladeira, entendeu? Fui na geladeira, peguei, abri a geladeira, peguei carne, peguei arroz, peguei feijão, farinha, sabe? Tudo. Peguei bastante coisa mesmo. Peguei leite, peguei um galão de leite cheio assim, ó."(Saulo)

"Peguei duas coberta, né? Falei se eu pousar na rua mesmo, onde que eu vou pousar, né? Peguei, fui lá no Clube São Paulo, lá tem um tipo de sobrado assim. Pegava, subia a escada assim, entrava embaixo assim, era tudo aberto, sabe? Pegava, forrava uma coberta no chão e me cobria com outra. Daí ficava lá, dormia, ninguém ia encher o saco, sabe?" (Saulo)

"(...) 'A senhora não tem um pedaço de pão pra arrumá pra mim?' Tem pessoas que falavam: 'Eu não tenho, tenho pão duro só.' Pão de dois, treis dias, sabe? Pão... Às vezes assim eu ia lá... Arrumei uma garrafa assim, um galãozinho que eu tinha roubado, né? Pegava enchia d'água, assim ia

unesp

tomando água com pão duro. Então, imagina. Ichi! O tanto que eu sofri. Chegava a bater em porta, pedir comida, quando eu morava na rua... Pousava na rua aqui. Depois eu falei: 'Ó, que saber de um negócio, vou começar a roubar pra mim me sustentar', né..."(Saulo)

Este grupo enunciou seus discursos, falando das forças que os atravessam, que também geram práticas de sobrevivência. Mesmo em condições, absolutamente, adversas eles lutam para manter-se vivo, "são resistentes" ou insistentes. Impregnados dessas forças molares, que elas tentam impor a eles um modo de subjetivação e, num território duro, eles criam movimentos instituintes em suas práticas moleculares. Desenvolvem certo conhecimento sobre o outro, com um certo olhar de estrangeiro em terra comum, mapeiam o rosto, as formas caricaturais de bondade e somente depois é que deflagram uma fala. Há sempre um controle do olhar sobre o outro.

Deste lugar periférico:

"ninguém dá emprego pra gente porque fala que nóis é maloqueiro porque mora na Vila Progresso,

Da escola também já foram banidos...

"um dia nois tava brincando de "tudo por dinheiro" e a professora falou que a gente tava fazendo anarquia e fazendo besteira deu suspensão, levou para a diretoria, depois disso a gente perdeu a vontade de ir lá com

aquela professora. Não entendi nada, porque na televisão pode fazer e nois não pode "

"não gosto da professora ela olha pra mim com desprezo e fala que eu não tenho modos de menina".

"eu não gosto porque não tenho sapato, roupa e material e vou lá passar vergonha".

"não adianta estudar, tem tanta gente estudada e sem emprego".

"eu sou o melhor aluno da classe e tenho dois empregos e nem por isso tenho o que comer em casa".

A Instituição Escolar apresenta-se como sendo uma instituição a mais a excluir e a produzir estigmas. Essas crianças e adolescentes, provenientes de uma população empobrecida socialmente, encontram dificuldades para se incluírem nas Instituições, porque já criaram uma série de preconceitos e desvios a ela (população) relacionados.

A instituição escola, com seus agentes, marginaliza as crianças e adolescentes que não se vestem ou não se comportam, de acordo com os valores estabelecidos. O grupo produz um conceito de escola, pautada na observação e vivência cotidiana: ou vêem as pessoas que estudam, desempregadas e outras que estudam e não têm o mínimo para sobreviver. A escola para eles não é vista como uma possibilidade de ascensão social, ou mesmo, garantia de emprego.

unesp

Pensamos que a prática escolar e os conceitos, relacionados a ela, estão interligadas, num círculo vicioso, num território duro. A escola sutilmente usa de práticas de expulsão, criando dossiês de desvios e, assim, os sujeitos acabam também por exclui-la da vida deles.

Para que este grupo específico possa inscrever-se novamente numa instituição escolar, toda ela teria que ser transformada, principalmente, os chamados educadores e diretores de escola que não estão preparados para trabalhar, com a maioria da população de crianças e adolescentes do Brasil. Atuam com essa população, a partir de um modelo ideal, de forma a criar objetos desviantes e marginais.

Desse lugar, encontram dispositivos como beber, dançar, ouvir música (embora não tenham rádio ou aparelho de som), transar , esmolar, prostituir e outras atividades.

As instituições que tentam normatizar e capturar essas formas de subjetivação estão fadadas ao insucesso, haja vista, que eles produziram um modo de viver a vida não permeável a certos controles sociais. Seus valores e suas regras de condutas são produzidas, numa outra ética que poderíamos apontar com respeito às diferenças e ao convívio fraterno com elas. Estes sujeitos são permanentemente atravessados por registros molares e, incessantemente, tranversalizados por agenciamentos instituintes. Criam novos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

códigos, outros nomes, mudando o que está posto, numa ordem capturante e normalizante.

A cartografia que se desenhou ou se insinuou é a de um grupo de crianças e adolescentes que possuem "lugares de filiação". Esses lugares de filiação, estremecidos pela loucura, pelo uso das drogas e pelo desemprego, são lugares em que esses sujeitos estão territorializados e, muitas vezes, ainda são portos-seguros.

Desses lugares de intensidade afetiva, que também são lugares virtuais de desterritorialização, os jovens produzem modos de subjetivação numa linha flexível. Suas relações moleculares os incitam a criar formas de sobrevivência, que é o criar de fato, pois se reporta à história do Neguinho que descobriu modos de levar drogas aos usuários, de tal forma que se fosse pego pela polícia, esta dificilmente perceberia a droga, bem como o caso de outros como a tabuleta de surdo-mudo, o jogar chamego.

Enfim, esses ensaios de sobrevivência relatados pelos adolescentes têm algo de instituinte, que a própria condição sócio-histórica engendrou, pois eles criaram outros sentidos, para tais atos e outros códigos Exemplo: "jogar chamego em véio não é prostituição, é prostituição na cabeça de vocês". Esse modo de pensar e de sentir a vida apresenta outros códigos que não os aprisionam em território fechado como a prostituição; desejo e implicação com a vida não se dão na esfera daquilo que é normatizado pela sociedade. São

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

formas de viver a vida também sob a violência, violência dirigida para baixo, para cima e para todos os lados. Territórios flexíveis em que os sujeitos praticam bricolagens, produzem modos de subjetivação que são atravessados por uma ética que os instiga a viver.

Há necessidade de sobreviver a qualquer custo, às vezes, usando o corpo como instrumento de negociação, como objeto de transporte, como corpo que pede, que rouba, que incita e que investe, que seduz. Máscaras e máscaras são criadas nesse movimento de desterritorialização.

Interessante acrescentar que, quando as conexões vão se dando no grupo, as histórias individuais são tranversalizadas pelas outras histórias, não havendo uma homogeneização nas falas e nos atos. Relatam suas histórias sem sofrimento "psíquico", falam de seus cotidianos como se fossem "naturais", chegando a banalizar as condições de existência.

A força que os dobra é para fora. O que importa é o momento presente, e estes atos produzidos pelos adolescentes não são efetivados em todos os momentos de suas vidas; entre outras coisas, perambulam pelas ruas, decifrando a cidade hostil e estranha, mas que eles enfrentam com resistência. Da periferia para o centro exercem suas forças dispersas no plano social.

Voltando em nosso exercício de pensamento, necessário faz-se recolocar a enunciação trazida por Sara. Percebemos que ela usa, como estratégia política, a máscara de sedução, insinuando um grande encontro amoroso.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Instiga o desejo do outro para apropriar-se de alimentos, necessários a sua sobrevivência: exercício de defesa de si, da linha de força dobrada para si; não necessita de humilhar-se ou sujeitar-se ao desejo do outro. Entre ela e o verdureiro, cria-se um espaço de interlocução, onde uma certa política ocupa as entrelinhas dos espaços do afeto. Como produz e o que produz é uma potência de agir, de exercer a força; uma força delicada no cortejar da paquera.

Modo de subjetivação, dentro e fora ao mesmo tempo, seduz pelas bordas, dona de si e de seu desejo. Encontro de jogos de sedução, onde se lançam flechas de encantamento ao outro, dando visibilidade ao domínio da situação. Máquina de guerra numa vida que é luta permanente, por onde caminha pelas vias do mundo, sem querer ordená-lo. Mestre de si, "*eu escolho quem eu quero jogar chamego, sou livre não sou como as mulheres que trabalha para os homens"(Sara)*.

Uma linha possível de problematização dos modos de subjetivação é disparada pelas enunciações coletivas: domínio de si, força dobrada e duplicada para si. Aprenderam que seus corpos podem funcionar sem exercício da violência, mas através da máscara usada no jogo da sedução. Seduzindo sem sucumbir ao desejo do outro, obtém as coisas de que desejam. O outro é sentido como alguém manipulável, encarnado o desejo sexual e as garotas, livres para usar essa força para si.

unesp

Sua ação tem ressonância política, pois é afirmar-se no seu desejo de não ser capturada pelo outro que lhe quer a carne. Ela não quer a carne, nem o espírito, quer parte do lucro que ele, vendedor, teria naquele dia.

Devir mulher que rompe e afirma o padrão machista. Rompe porque lhe devolve o que nem tudo é possível e afirma, na medida que depende dele, o mínimo necessário para sobrevivência.

Máquinas de guerra, numa linha de fuga, por onde inventam modos de domínio do objeto que pensam tê-las capturado. Vivem nas bordas, nas fronteiras da subversão e da transgressão. Manter a vida é mais importante do que qualquer código moral. Dão visibilidade à autonomia e à liberdade para expressarem suas forças, do modo como lhes convém: modo de processar movimentos de singularização.

Certo é que os modos para que esta população se mantenha já estão postos no circuito social (prostituir, esmolar, roubar). Essas ofertas de modos de ser já estão postos, os modelos identitários também estão, mas no plano micropolítico de como exercem as relações de força, essas crianças e adolescentes dão visibilidade a criações e a invenções, no jeito como lidam com essas ofertas. O modo deles afetarem-se nas relações são diferentes das crianças e adolescentes, definidos pelos saberes da Psicologia, Pedagogia, Psiquiatria Infantil e Psicanálise. Não "grudam" nas pessoas por "carência,

unesp

falta". São composições de forças, num determinado momento de suas vidas, cuja efemeridade pode se atualizar.

Nessas discussões sobre as formas de sobrevivência, impõem-se problematizar a questão da cidadania e da subjetividade. Para tanto, utilizamos as idéias de Suely Rolnik (1995). Esse grupo produz acontecimento, dentro e fora, ou seja, é uma dobra do fora. Suas materialidades são as virtualidades das expressões do modo de viver a existência. Todas as formas de ações, enunciadas no grupo, implicam uma relação de encontro com o outro, ou seja, o estabelecimento de uma relação de alteridade: deparar-se com o outro igual a si mesmo, mas que causa um certo estranhamento, pelo modo de viver a vida diferente. Puro embate de diferenças e de forças que entram em desequilíbrio. Nesse sentido, a subjetividade, em sua dimensão consciente, é a de ativar o homem da moral, das noções de certo e errado ou ativar a subjetividade, em sua dimensão inconsciente, dado que possui um vetor que aciona os afetos – o homem da ética.

Essa relação com o outro é de intensa turbulência, pois produzem acontecimentos, para manter o corpo de sujeitos morais e éticos ao se constituírem como sujeitos éticos, no sentido de produzir uma vida que merece ser vivida. Estamos afirmando que esses sujeitos são também homens da moral, na medida em que estão no mundo, determinados valores também

permeiam suas vidas. São sujeitos éticos, na medida que afirmam as diferenças existentes.

O grupo, composto por agentes coletivos de enunciação, traz problematizações tais como: de que forma funcionam? Que afetos circulam nessas relações? Lutam pelos direitos civis, como sujeitos morais? Ou como sujeitos éticos?

Em nenhum momento, eles se colocaram como agentes que lutam por "melhores condições de vida", diante da perspectiva de se inscreverem no corpo social. Com a máscara de trabalhador, é impedido por um conjunto de forças que os puxam para outros lugares.

As práticas sociais, produzidas por crianças e adolescentes, levam a nos deparar com outros corpos, com outros olhares. O inconsciente sai da sombra e os incita a se manterem na batalha. Podemos pensar também que a relação de alteridade está ameaçada, quando envolve uma docilidade de corpos, diríamos, uma certa perda de potência, na prática de pedir esmolas, que é revitalizada no momento do furto e do roubo. Nesse momento, tem de ser potentes, criativos e ágeis. Devemos afirmar, ainda, que o roubo, o furto são práticas políticas, pois o objetivo não é para se ter mais bens materiais e sim, para se garantir a sobrevivência do presente.

Falar de cidadania e dos direitos civis, em relação à essas crianças e adolescentes, é paradoxal. Contudo, à sombra dessa cidadania está a

unesp

alteridade, o reconhecimento e o respeito pelo outro. Entre eles, há o reconhecimento das rupturas, dos atos disruptivos que exercitam no campo social. Não há espaço para o julgamento moral. Estão no mundo e seus corpos estão disponibilizados aos grandes jogos de ofertas, de modos de se comportarem. Ao mesmo tempo, eles são vedados à maioria das instituições que compõem o equipamento coletivo do estado.

Nesse lugar de luta para sobreviver, a enunciação coletiva agenciada não é dos discursos; o mais lamentoso e o mais vitimado. A situação desse movimento grupal é problematizada, como na fala do garoto que disse ter dois empregos e ser o melhor aluno da classe. Todavia, isso não lhe dá a garantia de levar alimentos para casa.

Nesse momento da fala, houve intensa ruptura no grupo. Nós mesmos ficamos tomados por esse relato. Como intercessores, vimo-nos diante de uma situação até mesmo "constrangedora"; situação cujo efeito foi o caos, a "tomada de consciência", cuja subjetividades encarnam ou coporeificam as turbulências, sem se desmancharem.

O efeito foi o de produzir o território, perpassado por linhas flexíveis e por linhas de fuga.

Foi um ato singular, esse do grupo. Movimento racional e afetivo. Contudo, o agir no mundo de forma diferente torna-se questão ainda não pensada. Daí a se ter de pensar e refletir sobre um processo de subjetivação,

unesp

em que os fluxos sejam capitalísticos. Outros fluxos atravessam o grupo, de modo que se impeça o devir homem-ético, acoplado a um inconsciente que age nas sombras produzindo-se intensamente.

Dissemos que estão produzindo uma subjetividade, atravessada também pelas linhas de fuga acopladas a uma máquina de guerra, pois a cada encontro com o outro, seja para esmolar ou jogar chamego, exige deles um embate de alteridades e de criações. Nesse sentido, o "bater cascudo" exige a formação de certas rostidades de uma máscara, para o enfrentamento com o outro, diferente dele. Essa máscara e esta rostidade conferem as condições para se fazer um mapeamento psicológico desse outro. Assim sendo, não é para qualquer pessoa que se pede esmolas.

Pensando em outras linhas, quando Gisela mexe nos armários empoeirados e tira a bandeira nacional da gaveta, enrola-se ao som do "Brasil mostra a tua cara!" Pensamos que os direitos sociais, garantidos pela constituição, não chegam até eles; são discursos vazios ou seja, não há ressonância em suas subjetividades. As práticas de transgressões podem também ser compreendidas, como resistência aos fluxos capitalísticos e, nestas ações, são cortados por várias linhas e por várias máquinas.

Acontecimento que produz efeito no grupo, no sentido de que ele pára de dançar e pára de discutir, para ficar vendo a menina dançar. Problematizamos então que país era esse em que vivíamos. Ouvimos: "Estudar

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

não adianta, nunca vi ninguém estudar e ficar rico" (...) "Estudar pra quê, se professor apanha até de polícia".

Ao se enrolar na bandeira brasileira, no meio das discussões, sobre as formas de sobrevivência e ao som de "Brasil mostra a tua cara!", questionamentos acerca do país, levou-nos a pensar ser esse o ato disruptivo. Forma de protestar, dado que o inconsciente sai das sombras e agencia novos fluxos e, nesse caso, os sujeitos dobram a força para si próprios, numa forma de resistência. As palavras são atos, os gestos são atos e atos são políticos.

O Brasil aparece para eles, como uso da violência contra aqueles que possuem algum conhecimento. A escola e a educação formal, dada através dela, desvalorizam-se ao limite. Assim, não há porque respeitar o símbolo da nação. A bandeira é um pano sem sentido algum...., é um pano qualquer.

O grupo, nesse encontro, enunciou vários acontecimentos, propôs-se a rachar a ordem e os valores. Saiu de uma certa serialidade, de um modo prático-inerte, para problematizar a sua existência. Deu passagem à visibilidade de suas formas políticas de resistência e de contestação. Deixou vazar o campo aberto virtual, para o devir criança e o devir adolescente, de forma que o inconsciente maquínico pudesse forjar um devir, em que a existência pudesse ser vivida, de maneira estética.

Acrescentamos ainda que os acontecimentos saltavam uns sobre os outros. O encontro e as enunciações coletivas não se deram de forma linear e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

contínua. Foi a todo momento, rachando e compondo novas forças, tecendo novos planos de consistência.

b) O grupo narra as suas aventuras sexuais: encontros dos corpos vibráteis

(..)- Pede pra eu cantar e não lembra, não? Não, mas que nem a gente tava falando...Eu nem lembro o que a gente tava falando...

S- De dançar e cantar, que vocês vão na casa do V.

Si- É isso... Às vezes , né?! Por que esses daqui gostam mais de ficar junto lá com as meninas que é colega deles lá..(...) Esse Qui dorme na casa da namorada.(...) Tem que dormir né? (...) Dormir em casa sozinho não vira não (risos)

S- Quantos anos ela tem?

R- Onze anos. (...) Ela tem onze anos, mas já está do tamanho dela aí. (...) Durmo com ela.

S- E você usa camisinha?

(risos)

V- Uso nada.

R- Eles enche a camisinha com a boca.

S- Mas V., você não acha melhor usar? Daí, você não engravida. Já pensou você ficar pai com 14, 15 anos ?

R- Se ele for pai ele quer que a mulher trabalhe e fica deitado comendo as coisas (risos) (...) O pai dela largou da mãe dela e agora ela só tem mãe só. (...) Eu durmo com a outra também. (...) É, cada um tem uma lá. Tem 2 para mim escolher lá. Meu irmão também tem uma pra ele. (...) Tem uma grandona, e tem duas que é namorada dele. É a mesma coisa, tem onze anos também.(...) Ah, só agarro lá.(...) Ah têm duas para eu escolher.

Si- É, uma é namorada dele. E, ele (R.) tava chamando ela pra vir, só que ele (V.) não deixou.

S- Não, ele (R.) dorme com a irmã da namorada dele (V.)

Si- Não, as três são irmãs.

Si- As três são irmãs. Ele (V.) namora uma, e aquele R. namora outra, e tem outra que também é namorada dele (R.)

S- Com qual você dorme?

Si- Com a de 14. (...) É durmo com a Silmara e com a P.(...) É, dorme todo mundo lá com a Silmara, etc.

R- Durmo com as duas, porque senão a pequena chora se eu não durmo com ela. (...) Agora eu só estou dormindo com ela.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

M- E você também não usa camisinha?

V- Esse aqui (Si) dorme com aqueles bichas lá do fundo de casa.

R- É, só na hora que tem que apertar a pontinha da camisinha, né?

V- Quero ver cabê...(...), o meu cabe certinho.

R- Ah, o meu também cabe, né!

S- É, mas não tem nada a ver, viu? Porque a camisinha pode sobrar..

R- É, a minha camisinha também sobra.

Si- Eu já estudei isso daí, esse negócio de sexo.

R- Ah!, eu sei que na hora dá um negócio lá (risos) (...) Quando o negócio tá entrando lá, ela põe a mão assim pra ver se tá entrando tudo (risos) (...) Mas, às vezes, ela pergunta se entrou tudo, porque, às vezes excita ela, deixa ela com mais vontade de fazer amor. (...) Se ainda sobra um pouquinho ela fica toda a hora pondo a mão. (...) Ah! Ela geme lá (risos)

S- Você já transou com as duas?

V- Ele já tirou a virgindade da pequena, lá. Mas a menina que eu namoro é quase do seu tamanho assim.

S- Mas tem 11 anos.

R- Tamanho de mim.

V- Amham. Ah, tem que tirá (a virgindade) né? Eu durmo com ela. A namorada dele mija na cama (risos)

unesp

R- Tô brincando, só tirei (a virgindade) da irmã da namorada dele.(...) Ah, da outra finge que é apertada, mas é um poço (risos)(...) A gente coloca assim e ela diz. "Aí, tá doendo.."

V- a gente sabe quando ela tá fingindo.

R- A gente nem coloca o pinto, e ela já tá gemendo "Tá doendo, tá doendo..." é larga mesmo. (...) Oh! Mexe pra caramba.(...)Mas, ela fica rebolando assim, oh!

R- A mãe dela vai para o Guarani, daí a gente vai e faz tudo (risos)

Si- Até a mãe delas também dança, transa.

M- Com quem? Quem transou com ela?

V- Foi o Si.

S- Você também já agarrou a mãe delas?

Si- Não, eu agarrei a mãe delas porque fui obrigado.(...) É porque eu tava bêbado, senão eu não tinha agarrado um bicho daquele.

S- Você agarrou também, ou não?

R- Agarrei

S- Mas, por que agarrou?

R- Oh, meu ela tava facinha...

M- Tava facinha?

Si e R- Tava na fissura.

S- Tava na fissura? E aí transou com ela também?

unesp

R- Oh! Tinha mais dois ainda, um colega dele tava comigo, aí ele saiu fora.

Si- Eu tava bêbado, agarrando a mulher, né! Eu tava muito ruim... Daí eu paguei e fui embora. Daí ele ficou com ela.

R- Não, você tava com ela, fui e passei, não vi mais você, aí eu perguntei e a P. disse que você tava com a mãe dela e eu fui lá ver e o Si ainda tava beijando ela. Aí, Si saiu fora e eu fui lá.

Si- Eu tava mal, peguei e saí fora.

S- Você transou com as mães e com as filhas?

R- Foi

V- Vichi! Tem um monte ... Também de bicha que tem lá.

V- É, o Si não sai de lá da casa deles, das bichas.

Si- Eu não. Não converso com eles, não vou na casa deles. Já briguei com eles.

R- Eles deram dinheiro para eu transar com eles.(...)É, mas eu não fiz nada com eles não. Eles deram pra mim porque eles qué.

R- Oh! Eles que quis. Eles gosta de mim lá.

Si- Não é sério. Eu tava pensando naquele rolo lá. Lá da sua casa dos homens...

V e R - Oh! A gente vai todo dia lá!

V- Todo dia e toda hora vamo lá fazer sexo. (risos)

R- E perto da mãe dela.

R- Nossa! É panela véia que faz comida boa (referindo-se á mãe da garota) (risos) Mocinha nova não tem muita habilidade, mas essas mais de idade sabe mais ainda, fica mais...(...)É mais gostoso.

S- E vem cá, vocês não pensam, por um acaso, se uma delas engravidar, o que vocês vão fazer?

R- Ah, eu trabalho e sustento o meu filho lá, né?

V- Eu faço assim olha! Tuff (deu um chute) E vou atrás de outra..

S- Mas não é melhor pôr uma camisinha?

V- Ah, camisinha não vira não.

R- Camisinha rasga.

Si Eu já usei uma e rasgou.

M- Depende como você põe, Si. Tem que deixar um espaço na frente sem ar.

Si- Mas eu botei? Ainda e rasgou

R- Ah, com isso não é gostoso não, esquenta rapidinho.

Si- Rasgou a ponta, não adiantou nada.

R- Esses dias lá pus o Cl. (9 anos) para a Ana (namorada de R.). ensinar ele a transar. Mandei ela ficar nua e abrir as pernas e mandei ele enfiar o pinto na buceta, ela reclamava mas o pinto dele ainda é pequeno, ele mal consegue.

unesp

Cl- Ah, consigo sim, é que sou novo.

N- Quando bebo fico tarado pra caramba, o Neguinho também ....

Clau- Professora eu já peguei uma menininha...

Clau- E eu subi na árvore da amora assim e eu beijei na boca (..)

Clau- Esses dias eu fui dormir na casa da minha avó e ela apagou a luz lá, a minha prima de 14 anos, minha prima e, falou assim pra mim: "Vamo transa" eu falei "não sei nem o que é isso". Ela falou um negócio aí, tirou a roupa dela e tirou a minha e enfiou meu pinto na buceta dela.

S- E aí.

Clau- daí paramos

S- Por que?

Clau- Porque já estava quase amanhecendo já.

V- É claro, dele não sai nada, fica direto ali naquela fissura.

R- Professora sabe quando a menina quer dar para mim eu fico fazendo (mexe com a língua) assim nos peitinhos dela e chupando a orelha dela, e a menina já sorta.

Todos juntos: Desde pequeno pegamos um monte de menininhas!

Clei- Eu e o Clau pegamos uma menina já.

Clau- Estava voltando para casa daí fomo na construção estava escuro. O Clei foi ver se vinha vindo gente (três vezes) uma vez de cada um...

S- E o que fizeram com a menina?

unesp

Clau- Eu peguei na mão, pus a mão na buceta dela, daí ela parou, levamos ela na casa dela (...)

Todos juntos: Não houve nada!...

L- Ô professora, a menina fez assim pra mim (jogou um beijo).

R- A Ana agora eu não tô comendo ela porque ela não agüenta, quando tô dando outra ela não agüenta.

R- Tinha uma garrafa de vinho, uma de pinga, uma de conhaque nós bebemos eu fiquei taradão, tinha uns 10 cara lá em casa, minha mãe tinha ido com meu padrasto e o Clei tava em casa.

N- Ela tava assanhada, se não tivesse nóis lá ela pegava qualquer um. Começou a agarrar o V.

R- Ela tava dando pro Neguinho, daí falou pra mim vem cá, que pintão, ela pegou assim com as duas mãos. "Ei cara que pintão", colocou assim, doeu ela falou que não queria mais não, pediu para eu ficar passando assim, ela não sente nada professora, eu enfiei na boca dela, uma hora ela deu uma mordidinha e eu enfiei os dois dedos nos zóio dela, eu gozei na boca dela, ela chupou o Alemão e o Neguinho chupou a buceta dela e ficamos nós três assim (Fazem pose) em cima dela, o Neguinho comendo o cú dela, eu a buceta o Alemão a boca.

N- Eu também gozei na boca dela.

unesp

Clei- Eu tava assistindo, mas não quis ir lá não, eles me chamaram mas eu não fui.

R- Tinha uns dez moleques lá em casa e ela falava "Vem tudo".(...) O neguinho tava lá dentro com ela jogaram a roupa tudo quanto é lado.

N- Eu tirei meu carção.

R- Eu peguei os peitinhos dela. Ela falou "coloca esse pintão na minha boca". Ela mexia com a língua, daí eu falei agora é o Alemão deixa ele também, pus na buceta dela ai "tá doendo", eu tirei só tinha posto a cabeça e começou a chorar, a buceta dela é bem pequenininha. Daí ela falou "Vem tudo". Os meninos que tinham as namoradas lá não foram.

V- A Leda estava lá.

N- Peraí, peraí, A Helena começou a rezar lá, parar, começou a rezar e puxamo ela pra cama.

R- E ela falou você vai ter que comer meu cú. Daí eu pensei na buceta já não agüentou, eu vou é estuprá ela, não vou não.

V- Eu levei uma lata de óleo de cozinha lá pro R.

R- Foi duas latas eu e o Alemãozinho.

Ela tava tarada. Todo mundo assistiu lá.

Clei- Eu pus meu pinto na buceta da Chica que é tarada, na construção ergui toda a roupa dela. Eu tenho fimose professora.

S- Tem que operar.

Clei- Não é só pegar um menino virgem e enfiar no cú dele que acaba.

V- Eu e o R. tiramos nossa fimose na unha.

R- Peguei uma mulher esses dias, beijei o pescoço dela e comecei a dar uma reboladinha e ela falou "ei menino você vai me matar assim".

Clei- Sou taradinho pra caramba

Todos falam juntos

R- Antes as mulheres chegavam lá e só queriam o V. e nosso pinto era pequenininho.

S- Vocês aprenderam com seu irmão mais velho.

R- Depois fomo desenvolvendo e ficou grandão e agora o nosso é maior que o dele e as mulher chega lá e quer dormir com nós.

N- O dele é bitola, é grosso.

V- O dele é assim e grosso

R- A menina chega lá, nós manda ficá de quatro e come o cú dela.

R- Só pra senhora ver qual é a do Clei né, eu tava com a Ana lá e deixei ele, "eu vou dar um banho de língua nela, só que vai depois de mim", ele foi lá, começou lá fez um monte de coisas na Ana, só cascando o bico, chupou os peitinhos dela, eu falei deixa ai a Ana.

V- é namorado dela e deixou..

R- Eu falei assim, deixa o cara aí ele nunca fez esses bagulhos aí, daí ela falou "eu quero ocê" e eu falei "não agüenta nenhuma". Daí ela falou então eu deixo então, daí o Clei foi lé, pegou os peitinhos dela.

N- Fez ela de pirulito.

V- Chupou toda ela.

Clei- Fiquei tarado.

R- Colocou o pintinho lá, mas falou "mas tá muito pequeno R."

Clei- O R. falou que eu não ia cheguei lá fiquei meio quietão, e ela falou "Vem cá Clei, vem cá fazer". Ela pelada, R. ficou com inveja porque eu tava tarando ela.

R- Chamei o N. e falei vamos ver agora é a sua vez. Daí ele subiu lá em cima com a Ana, daí ele fico, daí eu falei que nada tá pensando que a mina é minha. Mina é o que? Ele ficou chorando lá, "também quero, também quero" Eu falei "quer o quê? N. começou a chorar porque queria chavecar, porque eu não deixei (quatro vezes)

S- Ronaldo você ama a Vera?

R- Ah..

N- É só prar meter só.

R- Não faz meu tipo não professora, fala a verdade não faz meu tipo não, o loco, a menina só fica uma aguinha lá e eu tenho que ficar me

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

matando, fica que nem uma tauba só eu se mexendo, e só agüenta uma vez e depois eu tenho que ficar na mão (bater punheta).

S- O que é isso sortando aguinha?

V- É bem fraquinho, só veio uma vez pra ela soltar o organismo junto comigo, senão fica ruim o movimento.

V- A gente enjua as vez. Tem que pegar outra mulher, empapuça, enjua

V- Leda você não enjua de um pinto só? Ou você gosta de um pinto só. Pode falar a verdade. Eu falo mesmo enjua cara (...). Elas não enjua não professora porque é só abrir as pernas.

R- Eu monto em cima da Ana e ela paradona, não tô transando mais ela..(...) A Ana não faz o meu tipo.

S- Porque não termina com ela?

R- Porque não namoro ela.

V- Não namora bosta. A menina dele deu uma mijada nele.

R- Eu só durmo pelado e ela com sainha bem larga, o dia que ela mijou em mim eu tava de carça, esse dia ela ficou com medo eu tava de carça, mijou em mim, eu fui pro lado dela, e vi assim moiadão e cheguei assim, a saia dela estava assim moiada debaixo do outro colchão, tava fedida.

V- Se ela não cuidar vai ficar histérica.

S- Histérica? O que é isso?

Clei- Porque veio uma vez pra ela e nunca mais veio.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

V- Já era pra ter descido pra ela, para a Leda já desceu.

S- mas elas têm apenas 11 anos (...)

V- Nada a ver professora, a menina do tamanho do Clau, já desceu pra ela.

R- Eu gosto de meter todo dia. A Silmara ficou um monte de cara lá e nunca consegui, daí o V. conseguiu, e eu já transei com ela, agora ela tá com um camarada às vezes ela quer vir comigo daí eu falo que ela já tá com o camarada lá.

M- A Silmara tá com um camarada de vocês e o V. tá com a Patrícia e com a Leda...

R- Eu sou arisco de meter. Não vou com qualquer uma assim, prefiro bater punheta do que ficar comendo qualquer um aí.

Ao enunciar seus encontros sexuais, o grupo dá visibilidade a composição de forças que ganham consistência, nas formas de se relacionarem uns com os outros. Se busca o prazer a qualquer hora, sem regras, sem limites, imperando a lei do vale tudo. Indiscreto, público, visível, sem normas, sem regras.

É um grupo que nos parece não produzir valores morais de certo e errado, que não cria para si preconceitos. Falar do exercício da sexualidade, não como um exercício de constrangimentos e sim, um certo exercício de

poder e saber - mostrando e exaltando o poder que dizem possuir sobre outros corpos. Falam com desenvoltura das trocas de parceiros e trocas sexuais de namorados.

São atos subversivos porque deslocam o amor romântico e, desde cedo, apostam no corpo a corpo feroz, não importando se a relação será mantida no tempo ou não. São indivíduos relacionando-se com indivíduos e, nesta prática, não há culpa, não há pecado, não há remorso, não há "sofrimento psíquico" ou "dor de amor". É esta também uma forma encontrada pelo grupo, para conduzir sua existência. É ato, acontecimento, é encontro para compartilhar o prazer.

Essa forma de exercício da sexualidade do grupo, ao mesmo tempo, oposta a dos outros grupos sociais, questiona a idéias de amor romântico e se aproxima, guardando as devidas proporções, às grandes orgias romanas.

Este grupo, quando enunciou suas vivências sexuais, pareceu-nos haver uma rede de amizade e de afetos entre eles. Falou de suas intimidades, de suas experimentações sexuais, sem que tivéssemos proposto a discutir tal tema; porém, acreditamos que o ato confessional, relativo ao sexo, já é ato posto no circuito social.

Pelas discussões, percebemos que eles se iniciam sexualmente ainda na tenra infância. Não há limite, nem regra que impeça o exercício do prazer. A regra, parece-nos ser a do vale tudo. Há uma erotização do corpo ainda na tenra idade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A relação que se estabelece com as(os) parceiras(os) é uma relação de prazer, em todos os sentidos possíveis. Diferentes do padrão moral burguês, vale então "transar" com a mãe, com a filha, ensinar o irmão mais novo "transar"com a namorada, "transar" com homossexuais, vale a "transa" de três garotos, com uma garota, todos juntos no mesmo espaço.

São atravessados, por um modo de exercer a sexualidade, afirmando um outro jeito de funcionamento de modo disruptivo ao modelo vigente.

Enfim, torna-se visível, através das enunciações, que as práticas sexuais se mostram, através de crianças "transando" com crianças e adolescentes. Não aparece a figura da família, como limitadora das ações. Parecem ser crianças adolescentes que estão "soltos no mundo sem eira nem beira", livres, sem impedimento de nenhuma ordem, para suas brincadeiras sexuais. Nômades em suas práticas.

O mundo adulto quando surge é misturado com as aventuras. Nesse sentido, crianças e adolescentes vão aprendendo, concretamente, a exercer seus prazeres, sem que haja a figura de um adulto que dite regras e valores, e que, de certa forma, não haja a necessidade dele. Essa busca de prazer, parece-nos ser dionísiaca, máscara para a transgressão, para o movimento, para o prazer e a alegria. São corpos à disposição do mundo, exercendo suas liberdades num sentido ético de ampliar as virtualidades de uma vida alegre.

Enfim, a produção de si, e os modos de subjetivação estão ligados às forças ilimitadas no jogo do acaso, disponíveis no mundo e, ao mesmo tempo, rompendo com o modelo burguês familiar de amor, família, modo de morar, modos de "transar".

Entre as bebedeiras, "transam" de vários modos possíveis. As experimentações os tornam sujeitos, cujo elo de intercessão com o mundo é a relação de amizade. Amizade esta criada no coletivo, no campo da multiplicidade, propiciando a eles, o inventar novos modos de sobrevivência e de existência. A capacidade desse grupo em efetuar determinadas modificações, para se transformar e produzir para si, uma forma desejada de existência, é algo que não escapa ao bio-poder, pois este atravessa corpos e populações. O que desejam é ter liberdade para "transar", do modo como quiserem e liberdade para demarcar e viver, do modo como aspiram.

Esse modo disruptivo de se relacionar, onde não há espaço para o amor romântico, ao contrário com o prazer nas relações, sejam de que forma for; com diferentes parceiros, põe em circulação novas formas de subjetivação. Não há necessidade da máscara do amor, da paixão para se afetarem com outros sujeitos. Estão no mundo, agenciando-se como interlocutores disponibilizados em campo aberto.

É a busca de uma vida cheia de acontecimentos, em que as relações de alteridade não estão corroídas. Conectar-se com o outro é um ato ético, pois

unesp

estão dando novo sentido à existência. Nesse grupo, não é o homem da moral que aparece e busca conexão com o outro.

As forças que vão se compondo e se virtualizando são as dos agenciamentos, para tornar a vida prazeirosa e intensa. Transpõem a linha de força (que impõe formas de relacionamento homem-mulher), ultrapassa o poder, faz com que ele mesmo se afete (seus modos disruptivos de agenciamentos): uma dobra, uma relação de força consigo próprio, resistindo às formas de amor intercâmbiadas no corpo social. Corpos que resistem ao papai e mamãe, às máscaras de noivinhas e noivinhos; escapam dessa rostidade e virtualizam um modo de viver a vida diferente – nômade, dispersa e múltipla.

O plano é o da consistência de forças e de fluxos, de turbulências de transformações nos corpos. Rompendo com o ideal do amor romântico, as máscaras vão ganhando visibilidade, havendo conexão no aqui e no agora; não há passado, não há futuro. Têm-se que viver intensamente o que está disponível e, neste sentido, a sexualidade será vivida, enquanto campo de experimentação dos prazeres.

Como funcionam estes corpos? O que agenciam? Corpos à deriva, ao sabor das experimentações num entre, pelas bordas, pelas fronteiras. Rompem com todo o saber da sexualidade de crianças e adolescentes. Esta é, para eles, um dispositivo, um modo de agenciamento com o outro.

unesp

Fluxos que se entrecruzam, ora em desequilíbrio ora combinando-se máquinas abstratas, inconsciente maquínico e diversos phylum, engendrando-os, como indivíduos desregrados. O desejo é do corpo vibrátil, quer seja criança-criança, adolescente-adolescente, adolescente-mulher mais velha. A lei que vale é a da multiplicidade dos agenciamentos possíveis. O modo como exercitam a sexualidade é algo disruptivo no campo social, não há intimismo, segredinhos, confissões, culpa e pecado. As práticas são escancaradas e públicas, fazendo desse exercício, a virtualidade de uma vida cheia de histórias, cheia de acontecimentos que não são lineares.

Suas ações são políticas, são semiotizações, de múltiplos sentidos, pois rompem com o esperado de uma criança e adolescente ideal. Insinuam, nas entrelinhas, o modo de viver; o corpo a corpo é vivido com intensidade, com a vida sempre à deriva.

Entre a multiplicidade dos atos que exercitam, seus olhares não operam de forma dual. O feio e o belo, o bom e o mau não são olhares binarizados em relação ao outro. O outro é a ponte que os liga aos afetos, ao mundo, não importa a paisagem. O plano que ganha consistência é rizomático, pois não se sabe onde e quando as coisas se originam; estão entre os acontecimentos.

Composição de fluxos e partículas conecta com outros fluxos e partículas, desenhando novas composições e formando novos diagramas, onde a desestabilização está sempre posta. Corpos desterritorializados, máquinas de

guerra em suas linhas de fuga. Rachaduras no campo social que não conseguem disciplinarizar, normatizar estes corpos em indivíduos úteis ao Estado.

Não são corpos frágeis de se quebrar, são corpos, um devir outro, em que assinalam diferenças, no modo de amar e pensar a vida, que vão se engendrando, a partir de suas ações no mundo, onde se fabrica o real social.

O que esses corpos produzem?

Um modo de viver diferente; não há lugar para o corpo, dócil do trabalhador, do aluno passivo em sala de aula; são corpos que desmacham constantemente o instituído. Porém, nada nos garante que não serão capturados pelos equipamentos coletivos do Estado, territorializando-se como indivíduos úteis ao sistema, pois este propaga um conjunto de fluxos, objetivando a ortopedia social. São muitos os agentes do bio poder.

Portanto, falar da produção do grupo e dos seus modos de subjetivação implica por pé no presente e na multiplicidade dos acontecimentos que os engendram; atentar para as relações de força, pois estas não se reduzem à violência, constituem ações sobre ações, como por exemplo incitar.

Assim sendo, desnaturalizam o objeto criança-em-situação-de-risco-pessoal-e-social-e-adolescente-em-conflito-com–a-lei, por meio de suas práticas discursivas e não discursivas. Assim, o menino de nove anos é

unesp

ensinado a praticar o ato sexual com a menina de onze, que é a que "fica" com o irmão dele de doze. Isto é a materialidade dos modos de subjetivação.

Nesse encontro-aprendizagem de corpos disponíveis ao prazer, percebe-se que os jogos sexuais ainda não lhe dão o prazer que os outros lhe falam "sou pequeno ainda". Relacionar-se também com a mãe da menina (com quem fica) não é motivo de constrangimento e desconforto, é vivido com plena intensidade.

"Transar" três garotos com uma garota é a expressão de busca de um prazer infinito. Parece-nos brincadeiras de crianças com crianças, cujos efeitos são o de desmanchar o território de crianças resignadas.

Devir criança-adolescente é enfrentar o mundo, alimentado pelas experiências amorosas. Assim, não necessitam de médicos para operar a fimose: "é arrancada na unha ou na 'transa' com menino virgem".

Devemos dizer que não há o ritual de passagem do mundo infantil para o mundo adulto. Isso é feito aos saltos, simultâneamente, mas não linearmente. Entre tantas turbulências, a sexualidade é um modo de expressão de máquina de guerra, ativada em vidas, cujos fluxos dão pinceladas de alegria.

Vivenciar a linha de fuga virtualiza a criação da relação de alteridade, da amizade e dá passagem aos afetos (que são devires).

A cada encontro entre os corpos, novas experimentações são agenciadas e novas forças os engendram, na busca do novo, do inédito, do diferente, na

unesp

relação. Movimentos de rupturas, de desterritorialização estão presentes a cada abertura para o novo encontro. Nesse sentido, o agir neste mundo é político, é ético por estar privilegiando a alegria da vida, tornando-a gostosa de ser vivida.

c) Conceitos de infância e adolescência: desconstrução desses conceitos na experimentação no mundo

"(...) encontrei ele lá no jardim Eldorado, aí virou aquela confusão.
(...) desde os nove anos já tava com ele. Eu era daquelas meninas safadas, vixê...
(...) já tava na Febem, já tava com ele, já morava junto.(Rosa, 14 anos)

"Meu marido chega do trabalho e vem bater, nem pego nada, se pego taco. Eu já furei ele duas vezes com faca, ele veio bater em mim e quebrou(...)De vez em quando aviso ele, quando ele ergue a mão para me bater, sempre foi avisando quando ele vem me batendo, mas eu não agüento, tenho aquele sistema de nervos, não agüento desaforo, vou levando, levando a pessoa, naquela calma, falo; pára com esse negócio de chegar nervoso e bater em mim, uma hora você vai quebrar hem! ele

fala, então pega a faca, quando eu pego a faca ele sai fora (...) se ficar eu mato.

(Rosa, 14 anos)

"É com 9 anos comecei brigar, comecei a brigar né, daí conheci uma pessoa mais velha que eu, fui embalar, andei com ela comecei a roubar, a assaltar, roubei um três oito, com 9 anos num posto de gasolina depois quis matar o guarda do posto, me pegaram fui para a Febem, fugi, mas me pegaram não teve explicação depois tirei um bom tempo lá, depois voltei (ri) (...)

Rindo, conta-nos que quis matar o guarda

"(...) eu atirei no mesmo dia que roubei..."(Rosa, 14 anos)

"Mesmo tempo que eu tava na Febem eu no mesmo dia que roubei ele tentei matar ele." (Rosa, 14 anos)

"É, só, mas tinha um monte de processo, é briga, é paulada, monte de coisa. E roubo não, só esse. Sim, foi. Assalto a mão armada com 9

anos. (...) o tiro não pegou, não fez nada, antes tivesse matado porque assim eu não tava na Febem e isso tinha acabado. Então, acho que ele tem medo de me ver, de me ver ele já fica assustado, ele mora lá em cima, quando me vê fica assustado, assim (...)

(...)

Eu roubei o revolver dele... Ah! Eu estava com estilete (rindo), fui por cima dele, não tinha como ele reagir, levei ele para o banheiro, daí enfiei a cabeça dele dentro do vaso e dava descarga. Quase matei ele afogado (rindo), aí ele levantou, eu tranquei ele no banheiro, ele escapou daí foi pôu, foi de raspão. Aí peguei o revolver dele e fugi, aí cedinho a polícia foi em casa, eu tava com a mala arrumada para sair, falei agora foi levantar, escovar os dentes, lavar o olho, aí a polícia em frente de casa. (Rosa, 14 anos)

"Ih! Usei um monte, cocaína, maconha, crack, usava todo tipo de droga, só pico que não Sempre aparecia alguém para fumar junto, mas comprar nunca comprei não, entrei nesse embalo aí, do vício com outra amiga" (Rosa, 14 anos)

"(...) Daí a pessoa ia lá arrumava tal a água, né? 'A senhora não tem um pedaço de pão pra arrumá pra mim?' Tem pessoas que falavam: 'Eu não tenho, tenho pão duro só.' Pão de dois, treis dias, sabe? Pão... Às vezes assim eu ia lá... Arrumei uma garrafa assim, um galãozinho que eu tinha roubado, né? Pegava enchia d'água, assim ia tomando água com pão duro. Então, imagina. Ichi! O tanto que eu sofri. Chegava a bater em porta, pedir comida, quando eu morava na rua... Pousava na rua aqui. Depois eu falei: 'Ó, que saber de um negócio, vou começar a roubar pra mim me sustentar', né..."
(Daniel, 11anos)

"Tem estelionato, furto e de drogas, só. Peguei treis cadeias. (...) Lá em Candô Mota, que eu tava cumprindo pena daqui e me transferiram para Candô Mota..."(Daniel, 11 anos)

"Pegava o carro dela ia até em casa, pegava a droga, voltava, deixava dentro do carro, daqui a pouco as pessoas tudo sentado na mesa, normal, entendeu? Como se nada tivesse acontecendo. Era dinheiro pra cá, droga pra lá, entendeu?"(Daniel, 11 anos)

"Não, não. Vichi! (...) Lá era um dos melhor lugar pra traficar porque se você quer ganhar o dinheiro, você não pode... Entendeu? Você pegou

freguesia, você não pode abandonar freguesia, você tem mais é que segurar freguesia, se a pessoa chegar e fala: 'Ó, quero coca aí.' Se você não tiver na sua casa, você vai nas bocas aí, e fala: 'Ó, eu quero um tanto de coca aí, tal e tal, pesa aí.' Pegou já leva." (Daniel, 11 anos)

"Dentro da delegacia, lá na sala. Daí eu peguei e falei: 'Tudo bem. Pode continuar me batendo, cê vai me matar, só que tem uma eu não sei de nada, não, esse furto aí, e não sei, não. Daí eles falaram assim: 'Dá um pau de arara nele'. Daí, né meu? Pegaram 4 algemas lá, colocaram uma aqui, colocaram outra aqui, travaram aqui assim , ó? Travaram aqui, algemaram assim na mão, sabe? Na mão e o pé e na perna, algemaram assim, daí depois pegaram um pau, passaram debaixo do braço aqui, entende? Por baixo assim, atravessa assim. Daí pegaram em dois, ergueram o pau, eu virei de ponta cabeça, né? Então eu virei de ponta cabeça, assim e algemado assim, daí eu virei, conforme eu virei, eles começaram a dar cacetada na minha coluna, assim, sabe? Pegaram enrolaram um jornal assim, porque jornal não deixa marca, molharam o jornal e davam, e davam, e davam. Daí depois, falaram assim: 'E esse aí não vai nem falar, não'. Daí eles pegaram assim, pegaram minha mão que tava aqui, ó? Pegaram assim, pegaram a algema assim, colocaram o choque aqui, encostaram assim, fecharam mais mais minha perna assim, ó? Encostaram e começaram a dá choque, choque na

algema, eu tremia assim, sabe? Daí depois pegaram e enfiaram uma agulha aqui assim." (Daniel, 11 anos)

"Foi uma vez que eu estava brigada com meu irmão e ele me chutou no estômago, eu fiquei branca na hora, sem ar e peguei dei uma mordida nele daí ele foi lá, fez corpo delito, aí uma vez eu briguei com meu pai, me arrependo até hoje, eu fui para cima dele com uma faca, daí sei lá" (Léa, 14 anos)

"Briguei, toquei ele(o marido) ele me chutou, me esmurrou, aí peguei uma faca porque ele falou que ia para Delegacia fazer o B. O. e eu fiquei cutucando com a a faca as meninas que estavam dormindo (filhas gêmeas) e quando ele veio tirar a faca eu enfiei nele , não acertei (...) minha vontade é matar as meninas e me matar, não agüento mais sofrer..."(Léa, 14 anos)

"Que é um monte de dinheiro que foi nosso aí, era pra nóis tá vem. Era pra mim tá bem. Meu pai que dava de tudo, tinha conta aberta, fechei a conta, eu peguei todo o dinheiro, nóis pegamo todo o dinheiro, minha mãe ia lá, tirava: 'Eu quero comprá um negócio'. Mentira. Era tudo mentira, era pra comprá droga, era pra gastá dinheiro em droga,

qualquer negocinho, qualquer coisinha de cocaína por aí, vixe Maria! É um dinheirão, um dinheirão. É aonde a pessoa se acaba. A pessoa vai: 'Ah, não, faz isto, faz isto, faz isto, então eu vou exprimintá pra vê'. Porque eu nunca, ninguém falô pra mim quando eu era pequeno que não era pra mim usá droga. A não ser minha mãe e meu pai, mas quando eu peguei 11 anos eu já fui incentivado pra usá. 11 anos eu usei, usei maconha, aí depois de um tempinho parei, aí eu usei cocaína, só cocaína, só usava cocaína, depois usei maconha de novo, aí depois da maconha... Usei esse monte de cocaína, que põe um monte mesmo, 25 grama de cocaína, deu uma overdose ne mim. Eu fiquei fui, eu fiquei com o olho prá cima assim, o braço todo duro e a boca travada, a língua ia enrolando já, pra morrer mesmo, que se a língua enrola tampa aqui o ar (...)" (Carlos, 16 anos)

"Fui pego em flagrante assaltando um cara dentro do carro, estava com o meu irmão, tínhamos uma arma, a polícia registrou como seqüestro, mas nóis queria era roubar o carro." (Carlos,, 16 anos)

"Por causa de um rolo de papel higiênico, levei o maior pau. E esse pavilhão não era de galinha, era pavilhão que tinha que tê disciplina,

ordem, tudo certo, tinha que tê conversa, diálogo o dia todo, não podia ter molecagem, não. Ficamo eu e meu irmão nesse pavilhão, onde só tinha seqüestro, assalto a banco, homicídio, assalto seguido de morte. Tem pavilhão lá que tem moleque que fica de joelho. Os cara acorda todo mundo de madrugada, maior sono, os cara acorda todo mundo pra batê. Teve um dia nesse primeiro pavilhão, nóis todo dormindo, sei lá que deu nos homê lá, que eles falaram que era tentativa de fuga, não sei o que aconteceu. Eu sei que eles colocou todo mundo no corredor, mandou abaixar a cabeça, assim, ó? Fica com a cabeça no meio do joelho assim, que as costas vai doendo tudo. Aí eles vem com pedaço de pau, taco de baseboll, pau, nas costas. Uns já caem no chão, fica caído perto deles. É onde eles vêm com o pé. Esses caras sofrem, e gostam de ir pra Febem, o problema é esse, tá?"(Carlos, 16 anos)

"Quando saí da Febem fiquei assustado de ver as pessoas no metrô, eu não sabia mais enfiar o bilhete, desaprendi tudo. E quando eu estava na Febem eu olhava aquele muro e meu pensamento não funcionava." (Carlos, 16 a nos)

"Foi a maconha. Já cheirei cola, já bebi, já cheirei cocaína, só não tomei baque, o resto já usei tudo. Até chá de lírio já tomei. A gente vê

coisas que não existe. Você pensa que essa mesa aqui é um bicho, uma coisa. Você conversa, você bate na mesa, você fica assim com os objetos, com uma pedra, com qualquer coisa. Teima que tá mexendo com você, que quer briga com você. Eu usei pra esprementá, os outros falava que era bom, não sei o que, e expremente i. E vai indo, vai indo, vai indo, aí acaba o dinheiro, vai tênis, vai relógio, vai ropa. E assim vai desfazendo, quando não tem mais nada, rôba." (Carlos, 16 anos)

"Se eu tinha vontade de comer alguma coisa eu catava na rua, ou praticava estelionato."(Carlos, 16 anos)

"Eu fui pego roubando num mercado, só que o homem ficou com tanta dó que ele deu, ele deu, o que eu roubei, ele ia tomá, eu ia mandá pra rua, ixê! Fez a maior chantagem, falou que ia levá pra Febem, que eu ia varrê o mercado inteiro. Depois ficou com tanta dó d'eu falá, d'eu conversá que... Nesse tempo aí, meu pai tava separando de minha mãe, eu peguei um queijinho, desse tamanho, assim ó, e um salame. Aí eu peguei, roubei, o homem veio, pegou eu na hora que eu tava saindo do mercado. Ele levou eu lá pra sala e falou que ia me levá pra Febem. Mas eu comecei a conversar com o homem (...) 'Ó, tô com uma fome, meu, tenho irmãzinho novo em casa, meu pai tá separando da minha mãe e não tem dinheiro em casa'. O homem ficou com tanta dó que ele

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

pegou e deu, ele falou: 'Ó, eu vou dá isto pra você, mas você some da minha frente'. Os outro guarda lá embaixo querendo pegá pra batê. Um par de guarda com os cacetetinho (...)"(Carlos, 16 anos)

"Quando eles ponhava (droga), fazia de conta que tava prendendo, né? Pegava a gente e levava prum mato, onde não tinha movimento, eles já tinham transformado amigo da gente. Outra, a gente falava que tinha parado, não tava fumando nada, ele ponhava pra gente. E quando a gente tinha a gente ponhava pra eles (...) A gente usava com ele e ele usava com a gente. Os policiais todos usavam, todos roubam. Eles sim são os maiores ladrão, porque a farda deles é um disfarce, sabe? É como eles pode tá bem mais livre pra por o cano na cara de quem eles quisé, isso mesmo, eles pode chegar e por o revólver na sua cara a hora que eles quisé, ninguém, nenhum outro policial não vai parar não, eles cata de você, se achar que você é errado, eles cata de você o que eles quisé e pro uso deles mesmo. Cê tá pensando se me pará com maconha, cocaína, se eles catá, não vai entregar na delegacia. A gente tinha apoio alí com a polícia. Eles conhecia a gente, né, já sabia. Então se via a gente na rua, deixava passá (...) Eles sabia que a gente sabia de alguma coisa deles, e eles sabiam de alguma coisa nossa. Então, ele não podia prejudicá a gente, porque se ele prejudicasse a gente, é lógico, o menor

não tem nada que perder, eles iam perder a farda, né, que é o principal deles." (Carlos, 16 anos)

" (...) A gente era pobre meus irmãos eram pedreiros, meu pai era pedreiro, tinha dificuldade de ir na escola, não tinha dinheiro para comprar o material, era muito difícil tanto é que larguei da escola para ir trabalhar com meu pai, porque não tinha condição de passar bem porque, era bem difícil, aí abandonei a escola (...) Depois fiu jogá bola e me envolvi com drogas" (Chico, 17 anos)

"Comecei a fumar maconha, quer dizer, já tá no crime, se te pega com um cigarro de maconha, vai para baixo assinar o artigo 16, crime, o maconheiro já está no crime, aí deixa eu ver, fui conhecendo pessoas que faziam outras coisas (...) Pessoas que faziam furtos para usar drogas, por fim entrei nesse embalo também, fiz muitas atrapalhadas na cidade, peguei muitas coisas dos outros. Roubava muito toca-fitas, teve uma época que entrei mesmo (...) Em 93 não tinha crack, era cocaína, injetei muita cocaína na veia, pouca gente sabe, mas fiz isso muito, o crack é uma droga (...) é uma coisa do diabo, o cara não tem controle, depende da correria o número de pedras que fumo." (Chico, 17 anos)

unesp

"A gente como fala na nossa língua, a gente faz correria, de você peço dois reais, se você tiver condições você arruma, a gente conversa, a gente sai vendendo as coisas da gente, vende roupas, sapatos, eu acabei com tudo o que eu tinha, eu tinha muita roupa, sapato mocassim (...), relógios, correntes de ouro, vendi tudo pela pedra. Tem dia que a gente fuma três, fuma cinco, tem hora que você tá sentado assim, não tá nem pensando nisso, daqui a pouco chega um amigo, fala "vamos fumar?", você não sabe falar não, é uma droga que não sai da sua cabeça, você não sabe falar não.

Sou chamado rei do 171, é o pessoal fala que eu vendo mais do que a Brasimac, vai vendo só, é pode juntar todos os vendedores da Brasimac que não vende o que eu vendo, o pessoal fala assim tirando uma ondinha, mas é o pessoal comenta que eu compro o cérebro dos outros na conversa, eles falam né?

Chego e troco uma idéia com você, tenho umas idéias cabulosas que te contorna, aí você acaba cedendo."

(Chico, 17 anos)

"Ah esse cara tá usando droga", então dessa maneira todo mundo fica sabendo. "(...) É duro, muito duro, é uma droga que veio para pegar todo mundo mesmo. Veio para matar, o pessoal comenta

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

comigo, não sabe como não morri ainda, usando dá um aceleramento cardíaco, você dá um pega, o coração vai a milhão bumbumbum, parece que vai sair pela boca, numa dessa pode dar overdose.

Não dá prazer nenhum, você fica medroso, começa a escutar barulho, triste, não tem nada a ver, o pior dessa droga a loucura dela não presta, não é como a maconha, a maconha você fuma, calmo, conversa, dorme, come, é bom para tudo, numa boa, essa droga não, você fica com medo, fica escutando barulho, é triste não tem nada ver, e é uma fissura (...)" (Chico, 17 anos)

"(...) Fumo a primeira vez o resto do dia está perdido, forma o bichinho na cabeça da gente, depois de muita coisa ter, fumou primeira vez é só fissura, eu quero mais, quero mais. (...) o limite desse quero mais... (...) Você vai lá, fumou uma pedra, medrosa, por exemplo, você tá andando numa calçada, alguém pegar um tijolo, você sai correndo (2), proporciona medo (ri) ela encabrera, é estranho não tem nada ver, a gente quer, quer e quer é assim que funciona. (...) Tem controle, não passa a mão diante das pernas, não deu, se não deu fica quieto, agora essa fissura, de chegar a ponto de matar, na minha pessoa não, só vou até lá onde posso, eu

unesp

chego converso, se deu certo dá, se não deixo quieto, também não imploro, só chego, uma vez só, se não der certo, não deu, largo, não existe aquela mula que nem dizem né (...)" (Chico, 17 anos)

"(ri) É, né. Eu fumo de montão dessa maneira, existe também o compartilhamento dos amigos, né. A gente não pode dar mancada, né. Mancada é lesar o amigo, a hora que tá fumando ali não pode roubar o outro, acontece isso, porque pode até acontecer facadas (...)Sim, não a gente já sabe disso antes.
Balada NÃO tem brigas, NÃO roubar o outro QUANDO está drogado, nunca houve briga por causa de droga ou de outra coisa, como pode se dizer um comportamento ótimo na nossa rodinha, nesse ponto é bom, é legal." (Chico, 17 anos)

" É triste mas a gente tá levando, é triste porque a gente perdeu toda a vergonha, toda a consideração que tinha, tem muitos amigos que ficam muito triste por eu estar assim, ficam chateados quando vê a gente chapado, quer falar alguma coisa, a gente sente que as pessoas ficam tristes, a gente sente isso no coração, não é porque sou não sou drogado que o meu coração rampou em pedra mas, sente pena que não tem consideração, não vê aquilo que o amigo está sentindo para pensar e largar não, pena que a gente

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

não chegou ainda nessa parte daqui desse submundo, mas se Deus quiser vai chegar, meus amigos ainda botam muita fé em mim, implicam para eu largar dessa droga, porque sabem o que eu era, porque sabem o que eu era." (Chico, 17 anos)

"Não tenho namoradas, o pessoal fala que a namorada da gente é a pedra. A gente não vai atrás de mulheres e transas, não adianta que não vai atrás, não vai atrás mesmo. Sentir, sente falta, porque não é 24 horas que a gente está drogado, tem os momentos de caretice da gente, momentos, eu fumo maconha, fico sossegado, comendo churrasquinho como acontece todos os dias aí, mas não rola transa com mulher, não vai mesmo." (Chico, 17 anos)

"eu já tive overdose de cola de sapateiro, fui parar no hospital" Gisela (4 anos)

"Dá em cima mas prende um aparece 2, 3, prende um traficante aparece 2, 3. Acho que não vai haver breque, tende a aumentar até achar drogas mais corrosivas, logo, logo o pessoal vai enjoar dessa aí. E é todo mundo aqui, tem rico de montão nessa juventude burguesinha da cidade. Tão tudo ligado aí, não são só os pobres, é

a juventude de modo geral, 100%. É a maioria pegou grandão mesmo, pego pegando, pego pegando.

(ri) É difícil, muito difícil porque polícia existe aquele batalhãozinho, aquele pessoal do DP, policiais, mas o número de viciados é demais, o número de viciados é demais, a droga tá chegando na cidade todo dia, comércio de tráfico que existe no Brasil inteiro e no mundo. Só que Assis é uma cidade que pegou, pegou forte, onde que empestiou mesmo, é a pior cidade do interior, cidade que mais pegou, acabou com a juventude, acabou com o pessoal (...) É muito triste, lamentável. Não existe mais homem, pessoal que existe isso não são mais homens, caráter, perde a conduta, perde o respeito, não existe mais. Antes do crack, antigamente, existia malandro que é o seguinte: se você desse um motivo para ele, ele já te pegava, te batia, te matava, hoje por causa desse crack, com uma pedra você compra ele, com uma pedra você compra ele, acabou a valentia que existia na malandragem." (Chico, 17 anos)

Devemos dizer que as enunciações trazidas pelas crianças e adolescentes não ocorriam de forma linear, contínua, davam-se aos saltos com interrupções. Dessa forma, os discursos foram proferidos num devir grupal. Em alguns encontros, os

unesp

sentidos de ser criança e adolescente foram ganhando visibilidade e expressão, através das práticas sociais.

Assim, ao som de uma música de discoteca, em que todos dançavam, em que todos tentavam aprender novos passos da dança com Helena, Gisela (4 anos) vai para o centro da roda. Embora estivesse fazendo frio ela vestia apenas uma calcinha. Nesse lugar enfia os dedinhos dentro da calcinha, esfregando a língua nos lábios, começa a rebolar. Cl. (9 anos)

seu irmão incentiva:

Clau: Aí Gisela,mais, mais do jeito que a mãe ensinou...

S:Como?

G: ela vai dançar no (...) e me leva pra dançar, porque não tenho com quem ficar(...)

S: E seu pai?

G: tá preso faiz tempo...

Outros membros do grupo aproximam-se de Gisela, acompanhando-a na dança...

S: Mas criança dança assim?

V: que criança , com a gente não tem disso não, a gente entra na vida direto, a gente cai na vida, só tem a coisa do tamanho mais maior,outro mais menor (...)

Clei (7anos) "eu vou a escola e tenho dois empregos, de noite vou com meu padrasto ser guarda-noturno e de dia carpo quintal, mas brinco, sorto pipa..."

Clau (9 anos) "minha prima transou a noite inteira comigo, quase não dormi..."

S *"eu desde que nasci fiquei num orfanato, as freiras eram brabas, só saí de lá quando Janete me tirou com os outros..."*

Exercitando-nos para romper com todo saber construído a priori sobre desenvolvimento infantil, adolescente, tido com universais, clarifica-se a formação desses sujeitos, efeitos dos fluxos políticos capitalísticos que compõem forças que vão ganhando consistência. Assim, a produção do saber dessas crianças e desses adolescentes põe em xeque os saberes, produzidos no plano molar.

Modos disruptivos de viver ganham intensidade e produção de novas máscaras. Para eles, não há a separação criança e adolescente, a vida é vivida como um bloco, onde a noção de tempo se singulariza no tempo atual do aqui–agora; tempo de "entrar na vida", ou seja, de lutar por ela, seja através da droga ou através de outras práticas. É tempo de agir no mundo, entrelaçados por linhas também de violência. Tempo disruptor de saberes e poderes, de rompimento com regras, valores, leis.

unesp

"Entrar na vida " é nascer para experimentar e forjar novos acontecimentos. Máquinas de guerra e máquinas mutantes, intercambiando-se no entrecruzamento das linhas.

Tempo de ser criança e de ser adolescente é o tempo em que se tecem e entretecem múltiplos acontecimentos, em seus modos de existencialização, tendo efeitos no campo social.

Assim, Gisela aprende, na noite, a dançar numa boate. Clau, exercita-se no campo da sexualidade. Chico abandona a escola e começa a entrar no terreno da drogadição. Rosa vivencia os atravessamentos de instituições como polícia, violência e FEBEM. Neguinho experimenta a convivência com pais drogados e faz serviços de mula a mando do pai, com suas ameaças de surras com cano. Daniel aprende a lutar para sobreviver nas ruas e vai agenciando-se com furtos, polícia, torturas e tráfico de drogas. Carlos alinha-se também com furtos, drogas e também a FEBEM. Essas experiências vão acontecendo entre 4 e 12 anos.

A aprendizagem não ocorre nas escolas, ocorre no mundo, onde os corpos contracenam em diferentes formas de luta, com o objetivo de não serem tutelados.

Tempo de infância e adolescência, tempo mítico em que os acontecimentos são sempre atualizados, fabricados no presente. Expulsam o

unesp

corpo "resignado" da infância e da adolescência, criando uma corrente em contra-sentido ao plano molar.

Clau "a gente faiz um monte de coisas e também brinca, sorta pipa..."

Vera (12 anos, grávida) "criança, sei lá nem quero saber..."

Rodrigo (13 anos) "a gente gosta de dançar e cantar..."

Máquinas de guerra que desmancham os territórios fixos de crianças e adolescentes e se agenciam, conectando–se aos planos dos fluxos que tentam capturá-los e tutelarem-no, forjando linhas de fuga e de invenção de novos territórios, ou seja, criando sucessivamente formas de escapar dos equipamentos coletivos do Estado que tentam normatizá-los no tempo, no espaço. Entram no mundo desses personagens, tentando reafirmar as máscaras de infância de risco pessoal e social e adolescência perigosa para a sociedade.

Máquinas mutantes, que desmancham identidades dadas a priori, nem bem trabalhadores, nem bem traficantes, nem bem criança que brinca..., nem bem infratores..., nem bem crianças de rua. São corpos que dobram mas não quebram. São corpos à deriva que, para disciplinarizá-los, usam-se do poder policial, judiciário, instituições com FEBEM e medidas socio-educativas.

São personagens de uma história que rompe com o modelo posto de ser criança e adolescente. Não são corpos resignados ou assujeitados. Os adultos e as instituições impõem-lhe regras e normas; eles não as acatam. Neste sentido,

são desobedientes e subvertem normas de condutas. São personagens que acabam, por sexualizar e erotizar o corpo infantil.

As experimentações vividas por esses personagens sobre o ser criança e o ser adolescente, os limites cronológicos inexistem. Assim sendo, existe um "mais maior"e um "mais menor". Rompem com todos as verdades científicas produzidas pela Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise a respeito do desenvolvimento infanto-juvenil. O real social, empírico, vivido por eles, desconstrói todo o conhecimento elaborado a priori sobre esses sujeitos.

Estão num entre ser capturados por Conselhos Tutelares ou Febens e numa virtual linha de fuga acoplada à uma máquina de guerra.

As máscaras que vão se compondo não são de crianças frágeis, choramingonas, são de crianças e adolescentes; máquinas guerreiras, pois agenciam forças de diferentes composições, inclusive capitalísticas. Não são seres teletubbizadas, tomam a palavra, inscrevem-se no corpo social, de forma diferente das outras personagens. Seus modos de subjetivação não estão presos às atividades semiótica dominantes, ou seja, não tradutibilizam as mesmas.

Dão, através de suas práticas sociais, visibilidade das forças intensivas, num devir crianca\adolescente\adulto; tudo, ao mesmo tempo. Transpõe a linha de forças que os levam à normatização de condutas. Cavalgam linhas,

unesp

estas linhas com intensidade, seja a linha do traficante e as outras. Com linhas do fora é que se deparam e entram em . confronto: dentro e fora o tempo todo.

Fazer as linhas do fora dobrarem-se para uma virtual arte de viver. Dobrar a linha para constituir um território visível, em que seja possível apoiar-se. Curvar a linha para conseguir viver sobre ela e com ela é questão de vida ou morte. Ou seja, esses personagens enfrentam a linha do fora para poderem se apoiar e curvar na linha para viverem com ela, sobre ela. Linhas do fora: a visibilidade dos equipamentos coletivos que agem sobre eles, com o objetivo de torná-los sujeitos dóceis e úteis ao Estado. Dobram essa linha, na medida em que não aceitam, através de suas práticas discursivas e não discursivas, as semiotizações impostas.

Nesse sentido, a subjetivação, a invenção de novas possibilidades de existência estão, no confronto com as linhas de forças; daí sim, podemos falar em processos de singularização e em estilo de vida. Ou seja, dobrar o mundo, para que se possa vivenciá-lo, de maneira diferente. A dobra que se faz é consigo mesmo, ao invés de se exercer sobre outras forças, a dobradura que se faz, na verdade, é consigo mesmo.

Assim, a força que trazem para si mesmos, ou seja, a dobradura da força é o que possibilita uma relação consigo mesmo. Capacidade de se conectar com um campo múltiplo, sem precisar usar máscaras de vítimas e de coitadinhos.

unesp

Vão à luta, na efetuação de seus desejos, acoplados a uma máquina de guerra, enunciando acontecimentos disruptivos no campo social, como por exemplo, os modos de serem crianças e adolescentes.

O modo de subjetivação diferencia-se de toda moral, foge ao modelo ideal de criança e adolescente. Ser estes os personagens é embarcar num devir, agenciando acontecimentos nunca lineares ou em sentido único, conectando-se com o devir criança-soltando-pipa-criança-traficando-çriança-dançando, criança-cantando–criança-adolescente-corpo-em-luta.

Quando cantam e dançam, sorrindo, nos dá visibilidade de um movimento que desestabiliza a ordem posta, apresentam uma máscara cínica. Nesse sentido, seus modos de subjetivação estão ligados a uma ética e a uma estética. Paradoxo? As linhas que atravessam os personagens são também as de luta contra a domesticação dos corpos, uma certa política, em relação a vida, é produzida, criada, inventada. Ao mesmo tempo, virtualizam uma experimentação da vida, no estatuto ético e estético, através da música, da dança, do sorriso.

Como esses corpos funcionam? Ora, sendo corpos onde o poder se instala de forma intensa (Febenizado); ora, sendo corpos abertos, dando passagens a ações instituintes (esconder a droga no corpo). Corpos ainda que as linhas de normatização e a ortopedia social tendem a incidir sobre eles,

unesp

estas são rachadas, quebradas. O discurso molar, mesmo com todo aparato, não consegue efetivar-se, plenamente, junto a esses personagens.

Neste sentido, estar sendo criança e adolescente é quebrar-se. O devir que se impõe é disparar inúmeros efeitos no corpo social, em que o bio-poder ou a gestão calculista da vida da população pode até alcançá-los, mas não é capaz de dobrá-los, na regra comum de ser e de viver, como criança e adolescente.

Convém assinalar que há um movimento que produz e sobrecodifica crianças e adolescentes em crianças–em situação-de risco-pessoal –e–social– e–em–conflito-com–a-lei. Acabam por serem capturados como personagens que necessitam de cuidados e tutelas vigilantes, para não se tornarem ameaças aos "status quo".

Esses atravessamentos institucionais são estratégias de domínio do corpo indócil à ordem que, com suas práticas sociais, forjam os objetos de risco para si e para a sociedade.

O que queremos problematizar aqui é que, mesmo atravessados por semiotizações dominantes, eles rompem com os modelos identitários de criança e adolescente normatizados.

No movimento, da drogadição, os sujeitos são ligados a um território duro, onde não há a aposta para uma vida ética mas a um certo anestesiamento das turbulências da vida. Personagens que, desde muito cedo, conectam-se a

uma máquina de destruição da vida. Essa linha da drogadição dá-se pelo contato e pelos agenciamentos que se faz no corpo social. Envolver-se com drogas é uma das possibilidades, no modo de existencialização dessas crianças. Chapar o corpo, com maconha ou com crack (mais usados por serem mais baratos, inclusive, às vezes, há liqüidação de crack: 3 pedras por um real) é uma forma de resistir ao processo de normatização; pela estratégia de destruição de si não pelo estilo de vida. Drogar-se também é um modo de negar os movimentos da vida, não se deixar afetar por novos e múltiplos acontecimentos, como o namorar, ser tocado pelas informações científicas que possui racionalmente, dos danos causados ao organismo, pelo uso de drogas. Estar sendo criança e adolescente, para esses personagens, também é ser capturado pelas forças que produzem destruição. O desejo de largar das drogas mostra-se intenso, mas as forças que os ligaram às drogas são mais fortes.

Outra linha que pudemos cartografar é a do território de traficante, linha molar. Diríamos que é, através desse território, que crianças e adolescentes, criam um certo estilo de vida, para continuar sobrevivendo dentro de uma máscara possível, a do traficante. Dessa máscara é que incide todo o discurso que sobrecodifica as práticas sociais, tanto a máscara de drogadito, quanto a do traficante que possibilita aos equipamentos coletivos, com seu saber apriorístico, com seus agenciamentos, com o fluxo capitalístico, propagar

identidades marginais a esses jovens e montar toda uma lei e políticas públicas que acabam por reafirmar esse lugar/locus fabricado.

Assim, os conceitos que dizem o que é ser criança e adolescente, passam pelas práticas, desde o modo de se dar visibilidade à conceitos que emergem do fluxo de composições de forças que produzem um modo de viver a vida de um outro modo, de um outro tempo. O importante não é a idade, mas as armas que se tem de criar para lutar pela vida. Tudo, há um tempo só.

unesp

VIII. Algumas reflexões do movimento grupal de crianças e adolescentes.

> *"Cuidado com estes bandidinhos mirins, pois essas brincadeiras (pega-pega) é armação deles para distraírem vocês e roubar alguma coisa na igreja"* (guarda da praça onde se localizava o teatro)

Esse discurso é o mesmo que prolifera na mídia e que está enraizado em nossa cultura e em nossa sociedade. Discurso esse que aprisiona o devir criança, o devir adolescente, para forjar práticas sociais que ainda continuam associando pobreza à criminalidade.

Fazer divergir essa imagem e cartografar como essas crianças e adolescentes tecem modos de existência, foi o objetivo central de nossos estudos. O encontro grupal foi instrumento utilizado para trabalhar com os movimentos que cada criança, cada adolescente foi desenhando modos de viver, sentir, amar e desejar.

Pensamos sobre cada acontecimento grupal como sendo uma ruptura das continuidades históricas, o imprevisível que se corporeifica, fazendo-o funcionar nas linhas da atualização e da criação.

Esse acontecimento grupal, múltiplo, foi um dispositivo em ação que funcionou, virtualizando expressões e sentidos inéditos, disruptivos, incitando

os sujeitos a falarem ou a calarem-se. Pensamos sobre o grupo como sendo processo, num devir, tentando problematizar os modos de subjetivação, colocados no jogo do acaso, da luta pela e para a vida.

Dissemos que esse grupo devém sempre em situação de fabricação, de engendramento, como um dispositivo em ação, promovendo campos de visibilidade e de invisiblidade (o que não está presentificado, atualizado), conjunto de enunciados no campo do saber; modos contemporâneos de subjetividade. Como diz Rodrigues (1997, p.195) "(...) encarar algo como dispositivo (...) é desprender-se do instituído conforto das representações macro-reativas para embarcar na deliciosa aventura micro do incessante engendramento processual do real. Nele, forças desterritorializadas, multiplicidades virtualmente aptas a quaisquer conexões, assumirão a forma resultante do confronto entre estratégias num campo de batalha."

Nos grupos por nós realizados, alguns acontecimentos que atravessam a vida dos componentes, ganharam intensidades: as formas de sobrevivência, a sexualidade e os conceitos de criança e de adolescente.

Tomando esses acontecimentos, como analisadores, foi possível cartografar como esses territórios vão intensificando questionamentos sobre suas condições de vida: na exclusão escolar, na falta de emprego e de estigmatizações, nas relações de forças que os atravessam, fazendo-os inventar novas formas de vida.

unesp

O analisador "formas de sobrevivência" dá visibilidade às forças que se compuseram e foram conectadas com as máquinas de guerra e com as máquinas mutantes, com as linhas ligadas a elas, intercambiando incessantemente. Percebemos que crianças e adolescentes, desde a tenra infância, têm que se metamorfosear em guerreiros, lutando pela vida. Embora não tenham tomado "consciência dos direitos", não se lamentam pela vida em deriva, sempre se desterritorializando. As táticas de sobrevivência são enunciadas, de forma diferente do código dominante. Por exemplo, roubar é "fazer fita" e esmolar é "bater cascudo"; uso de uma linguagem em gíria.

Nesse processo, evidenciava-se um modo de subjetivação, ora acoplado a um modo dominante, ora de forma singularizada. Os sujeitos desse coletivo puderam perceber o quanto inventavam e criavam modos de viver a vida que não necessariamente passasse pela violência. Por exemplo, a arte de pregar um papelão numa vareta e escrever: "Sou surdo-mudo me ajude com 1 real." e sair para o centro da cidade, apresentando-o aos transeuntes. Embora essa prática já tenha sido descrita por Geremeck (1995) como muito antiga, o que ressaltamos aqui é o fato da relação ser uma relação de enfrentamento com o outro, sem violência. Denota-se também um certo aprendizado dessa população, produzido informalmente.

As moradias enunciadas por eles é coletiva, sendo lugar de aconchego a ex-moradores de rua, a ex-moradores da casa das crianças, travestis e

homossexuais. A maioria dos adolescentes e crianças que participou das atividades grupais, situa-se na borda da cidade, geralmente, em locais próximos a rodovias de grande movimento. Nesses locais, à beira das rodovias, sempre tem uma casa que acolhe os andarilhos, os párias, os sem teto, garotas e garotos de programa. Essas casas são pontos de encontro, desses jovens e crianças que se reúnem para brincar, conversar, beber, transar, comer, dançar e cantar. Essas casas, consideradas por eles lugar seguro, é o ponto que essa população, excluída de outras instituições, usa também para seu nomadismo.

Entretanto, essas casas possuem regras: só podem ficar nelas quem contribuir com alimentos que serão divididos coletivamente Uma certa política e uma ética perpassa esse local, pois não se admite roubar alimento ou qualquer coisa dos vizinhos. Falaram-nos como são estas casas, dispositivos de que esta população utiliza, não somente como meio necessário de sobrevivência, mas como lugar de trocas afetivas.

Segundo eles: "tudo de sarrafo e madeira, tem degrau igual casa de rico, num monte de terra mais alto fica o quarto, o mais abaixo fica um quarto que é de todo mundo, tem beliche e espuma no chão, com estrado, é nesse lugar que a gente coxeia com as mina. A cozinha é um degrauzão, acima do quarto, não tem lugar para guardar os trem, tem fogão de lenha, uma mesa véia e banco. Quintal vareia, e, no fundo uma casinha pra fazer as nossas necessidades"

unesp

Banho? A gente esquenta lata de tinta vazia cheia de água e põe na bacia, senão vai fria mesmo".

Essa arquitetura de casa e seu funcionamento aparecia, freqüentemente, no grupo; às vezes, como um segredo, às vezes, como um único local seguro, e também como um local onde coisas importantes aconteciam.

Quando indagamos sobre as tais casas, explicaram-nos, entendemo-las como um lugar de trânsito para o nomadismo, para a busca da sobrevivência, lugar este que diferentes modos de viver a vida convivem lado a lado, sem grandes turbulências. Modos diferentes e semelhantes ao mesmo tempo; casas essas que asseguram a convivência de uma pluralidade de seres humanos, num território, marcado por exclusão e pela intensidade de fluxos; uma espécie de devir-casa e onde os "sem eira nem beira", soltos no mundo, subjetivam-se de infinitas maneiras, num espaço finito e ilimitado.

Nas casas, é comum também conviverem com ex-presidiários e ex-egressos de hospitais psiquiátricos, mas desses "lugares de filiação" que saltam para o mundo, amplo, aberto, inesperado, cheio de novidades, exigem agenciamento de forças para o enfrentamento com outros seres humanos que não mantêm com eles a mesma relação de alteridade.

Invenção, acontecimentos, rupturas e movimentos de territorialização e desterritorialização atravessam o grupo, produzindo modos de subjetivação, onde a vida é um constante embate de forças, nunca em equilíbrio.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O analisador "sexualidade" funcionou para o grupo discutir suas maneiras de relacionamento com o outro, promovendo rupturas e fissuras em relação ao plano molar. Crianças, adolescente-adultos engendram modos imbricados e singulares de viver a vida e de experimentar a sexualidade.

Os saberes postos "a priori" pela Psicologia, pela Pedagogia, pela Psiquiatria, pela Psicanálise e outras ciências apresentam seus conceitos, sobre desenvolvimento infanto-juvenil, desmontados por práticas sociais disruptivas, os quais essa população incita e produz.

Não existe privado, íntimo, culpa, pecado, sofrimento psíquico. As relações são expostas, não há nada escondido. Os acontecimentos são tecidos na superfície.

As relações de alteridade que se engendram ou que se enunciam não são da ordem da moral e sim, de um inconsciente de vetor ativo para uma vida ética. É prazer, encantamento sem regras morais, ditando o certo e o errado nas práticas sexuais.

Essas práticas, suas enunciações coletivas, levam-nos a pensar sobre a diferença que esse grupo engendra nas formas de se afirmar na vida. Afirmam-se, como corpos abertos ao mundo, às multiplicidades. Não há lugar para a máscara do romantismo, da namorada, da noivinha. Desmontam essas rostidades, num processo, onde pululam prazeres nos acontecimentos e nos encontros. É como diz Costa (1999, p. 13): "O prazer seria a qualidade da

unesp

experiência que manteria viva a relação de amizade que faria da ética não uma letra morta no céu das idéias mas sim uma pragmática da construção de si em perene estado de reinvenção."

O analisador devir-criança-devir-adolescente enunciou-se através de suas praticas sociais; os conceitos de criança e de adolescente que permeavam suas relações. Percebeu-se que esse grupo não diferenciava tempo de ser criança, tempo de ser adolescente e adulto. Todos os tempos se misturam, não há separação entre aquilo que uma criança faz ou pode fazer, de um adolescente ou de um adulto.

Nesse sentido, estar sendo tudo isso misturado implica uma inscrição no mundo, que exige um corpo feroz, intenso, múltiplo, pois se depara com polícia, tortura, FEBEM, violência, drogas e com outros equipamentos coletivos que tentam normatizá-los e moldá-los, como perigosos para si e para a sociedade e, ao mesmo tempo, necessitados de tutela e proteção.

São corpos que, desde cedo, estão disponibilizados no mundo e vão se agenciando com forças e fluxos capitalísticos, efeitos desses fluxos. Crianças e adolescentes estão, num entre exercer a força para si ou dobrar-se a ela. Ser criança e adolescente é um tempo mítico, não há passado e nem futuro. As ações são fabricadas no presente e para o presente. Nesse presente, tecem, entretecem e destecem os acontecimentos que os engendram e, entre tantas

práticas, "entrar no mundo" é estar potente para lutar, brincar e dançar entre outros atos.

Esse grupo que, em algumas circunstâncias, se colocava em situação passiva, frente a exclusões institucionais, em outras situações era crítico, perspicaz. Nesse sentido, as instituições de exclusão foram produzindo, nesses personagens, um discurso carregado de descrédito. A escola era apontada como aquela que os tratava de forma a "rebaixá-los"; o conselho tutelar os registrava como os personagens que precisam de cuidados e, quando ocorre a visita domiciliar, os conselheiros se expressam desta maneira (sic)"Aqui falta comida porque tem bastante marmanjo que não trabalha". Sobrecodificação em cima da sobrecodificacão : miseráveis, carentes, vagabundos. (sic)

O grupo funcionou, formando diagramas das linhas que gravitavam sobre invenções e movimentos de territorializações. Tanto nas narrativas quanto nas dramatizações, era cortado por diferentes linhas e movimentos.

A questão ética permeou as relações, não se agrediam e se respeitavam mutuamente. Havia um certo prazer de estarem juntos, não usavam drogas no horário que acontecia o grupo. Pudemos também ter a visibilidade de que o mesmo estava permeado de atravessamentos políticos, econômicos, sociais e desejantes, no meio do grupo, em seus interstícios, permanentemente. Exercendo práticas de questionamentos, produziam um certo conhecimento de si. O desejo de estar ali, junto ao coletivo, no entorno de uma multiplicidade de

agenciamentos, conexões, afetos, propiciou uma certa rachadura em seus cotidianos.

As formas de experimentar a vida foram permeadas por diferenças. Se o sonho de um era: "ter um caminhão para ser lecado [acariciado] por várias mulheres", de outro era: "não quero ir para a FEBEM" e de um outro, ainda, era "ser médico". O sonho de um deles era: "ser como o Adão, traficante da favela" Nesse sentido, o grupo foi um espaço tático em que as diferenças puderam ganhar intensidade, sem que fossem julgadas ou normatizadas. Relações de solidariedade eram reproduzidas no acontecer grupal: dividiam lanches, os cigarros, os doces que pediam e ganhavam nos botecos.

Às vezes, um caos se instalava no processo grupal: todos falavam ao mesmo tempo e não ouvíamos ninguém. Em determinado momento, cada um queria efetuar uma determinada ação e, nesta turbulência, fomos nos encontrando num movimento de devir, sempre inacabado e rizomático. Uma certa afecção rodeou-nos o tempo todo, virtualizando o funcionamento grupal.

Enfim, pensamos que o grupo, usado como dispositivo de produção de novas subjetividades, viabilizou as possibilidades de exercício da fala e da escuta, das construções e das desconstruções de territórios e afirmações de novas inscrições sociais.

Pensamos então que suas historias de vida não possuem um sentido linear, mas é composta por uma multiplicidade de acontecimentos trágicos e

que, nem por isso, possuem uma memória reativa. São crianças e jovens que aliados à música e à dança apresentam um certo encantamento com a vida.

Em outras palavras, a condição trágica não os tornou infelizes e vingativos, embora tenham vivido situações de abandono e convivido, diariamente, com a chamada loucura. Sofreram a expulsão da escola e do mundo do trabalho e o fato de não possuírem aquilo que consideramos o mínimo necessário para a sobrevivência, não os tornou passivos frente a vida. São corpos vibráteis que lutam, ora atravessados por uma linha de fuga (máquina de guerra), ora por uma linha dura (máquina dual), ora por uma linha flexível (máquina mutante). Das condições históricas e geopolíticas criam, inventam expressões e formas de sobrevivência e do exercício da sexualidade, bem como, no devir-criança-adolescente.

O poder de tomar a vida como objetivo, questão relacionada à subjetividade: tornar a vida mais alegre e prazeirosa foi um acontecimento produzido pelos personagens. Eles inventaram os analisadores, inventaram cenas e dramatizações, inventaram novas formas de lidar com a vida, onde a cada encontro era um ato de festa, de celebração da vida. Era um grupo festivo, alegre; feliz.

Cabe ainda uma questão: há algo mais disruptivo, subversivo que a alegria pela vida?

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

IX. Bibliografia

ABRAMO, H. W. et al. *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

ALBUQUERQUE, G.J.A. *Instituição e Poder.* Rio de Janeiro: Editora Graal, 1980.

ALLIEZ, E. (org.) *Gilles Deleuze:* uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

ALMEIDA JÚNIOR, A . A interpretação psicanalítica do crime. In: *Lições de Medicina Legal*, s/d.

ANZIEU, D. e MARTIN, J. Y. *La dinámica de los grupos pequeños.* Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1971.

APTEKAR, L. Crianças de rua nos países em desenvolvimento: uma revisão de suas condições. Revista *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre: UFRGS, n. 1, p. 153-184, 1996.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família.* Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARRUDA, R. *Pequenos Bandidos*. São Paulo: Global, 1983.

AZEVEDO, M.A. *Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder.* São Paulo: Iglu, 1989.

AZEVEDO, M.J.B. *Marginalização: menor e criminalidade*. Rio de Janeiro: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

unesp

BAPTISTA, L.A. (org.). *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política.* Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Ano I, Vol. 1, Dez. 91/Dez. 92.

BARCELLOS, C. *Rota 66*. Rio de Janeiro: Globo, 1992.

BARCELLOS, L.H. *A Dinâmica das Instituições*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, CAP-RJ, 1983.

BAREMBLIT, G. *Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes.* Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 1994.

BAREMBLITT, G. e outros. *Lo Grupal.* Buenos Aires: Ediciones Busqueda de Ayllu, abril de 1983, trimestral.

_____. *Cinco lições sobre a transferência*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1991.

BARROS, J.M. de A. Mais uma vez: a utilização político-ideológica da delinqüência. In: *Educação e Sociedade* - CEDES. São Paulo: Cortez/Autores Associados, nº 6, Jun. 1980.

BARROS, J. M. A Utilização Político-Ideológica da Deliqüência. *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3, Fev., p. 11-19, 1980a.

BARROS, R.D.B. Grupo-Espaço: individualização/totalização. In: LANCETTI, A. *Saúde e Loucura*. São Paulo: Hucitec, n. 4, p. 146-54, s/d.

_____. *Grupo:* A afirmação de um simulacro. São Paulo, v. 1 e 2, 1994. Doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica

BASAGLIA, F. (org.). *A Instituição Negada*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAZILIO, L.C. *O Menor e a Ideologia de Segurança Nacional.* Belo Horizonte: Vega, Novo Espaço, 1985.

BERLINK, M.T. *Marginalidade Social e Relações de Classes em São Paulo.* Petrópolis: Vozes, 1975.

BERNARDI, D.C.F. et al. O jovem com prática de delitos. In: *Curso de Iniciação Funcional para Assistentes Sociais e Psicólogos do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo*. Coordenação do Convênio TJ/FCBIA. Comissão de Desenvolvimento Profissional de Assistentes Sociais e Psicólogos do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, 1991-1992. p. 83-100.

BICUDO, H. *Violência: o Brasil cruel e sem maquiagem.* São Paulo: Moderna, 1993.

BIERRENBACH, M.I., et al. *Fogo no Pavilhão*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BION, W. R. *Experiências com grupos* – os fundamentos da psicoterapia de grupo. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

BIRMAN, J. *Entre cuidado e saber de si* – sobre Foucault e a Psicanálise. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2000.

BOUDIEU, P. (coord.) *A miséria do mundo.* São Paulo: Vozes, 1997.

BRITO, L.M. A importância das relações objetais na determinação de características de personalidades de menores carentes delinqüentes. In: *Ciência e Cultura.* vol. 40, Mar, p. 235-37, 1988.

CHENIAUX, S. *Trapaceados e Trapaceiros: o menor de rua e o Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1982.

CLASTRES, P. *Arqueologia da Violência.* São Paulo: Leituras Afins, 1984.

COIMBRA, M. C. B. et al. Pivetes: viagem pelas engrenagens das máquinas de produção do menor. In: FERNANDES, A. M. P. , BULCÃO, I. NASCIMENTO, M. L. *Anais do I Seminário de Pesquisa e Extensão* – algumas trajetórias psi, Niterói: UFF, 1998, p. 13-20.

COSTA, J. F. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, J. F. Prefácio. In: ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault.* Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 11-29.

CRUZ, S.G.F.P. *Herói ou Bandido? Um estudo sobre a produção de identidade em policiais militares.* São Paulo, 1989, Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica.

CUETO, A. M. Del & FERNÁNDEZ, A. M. El dipositivo grupal. *Revista Lo Grupal.* Buenos Aires: Ediciones Busqueda de Ayllu S. R. L., n.2, p. 13-56, 1990.

DALLARI, D. A. *Direitos humanos e cidadania.* São Paulo: Editora Moderna, 1998.

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

DELEUZE, G. *Conversações.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Foucault.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

_____., GUATTARRI, F. *Mil Platôs.*São Paulo: Ed.34, 1997, Vol.2, 4 e 5.

_____., GUATTARRI, F. *Mil Platôs.* São Paulo: Ed. 34, 1995, Vol. 1.

_____., GUATTARRI, F. *Mil Platôs.* São Paulo: Ed. 34, 1996, Vol. 6.

_____., PARNET, C. *Diálogos.* São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DIMENSTEIN, G. *A Guerra dos Meninos*: *assassinato de menores no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1990.

ESCOBAR, C. H. de (org.) *Dossier Deleuze.* Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991.

FAUSTO, B. *Crime e Cotidiano.* São Paulo: Brasiliense, 1989.

FERNANDÈZ, A. M. *El Campo Grupal. Notas para uma genealogia.* Buenos Aires: Edicionaes Nueva Visión, 1989.

_____. e outros. *Tempo Histórico y Campo Grupal*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993.

FERREIRA, R.M.F. *Meninos de Rua: valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, 1980.

FONSECA, M A. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, M. A *Ordem do Discurso* . São Paulo: Loyola, l996.

_____. *O que é um autor?* Editora Vega, 1992.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir*. Histórias da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O pensamento do exterior* São Paulo: Editora Princípio, 1990.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France 1970-1982*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *O dossier – últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1984.

_____. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1999.

_____. *História da sexualidade 1* - a vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

_____. *História da sexualidade 2* – o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998.

_____. *História da sexualidade 3* – o cuidado de si. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

FRANÇA, S.A.M. *Diálogos com as Práticas de Saúde Mental desenvolvidas na rede de saúde pública*. São Paulo, 1994, Doutorado em Psicologia Clínica. Pontificia Universidade Católica.

FREITAS, J. Meninos da Miséria, *Folha de São Paulo*. 27 de julho de 1993, Caderno 1, p.5.

FREITAS, M. C. (org.) *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.

FREUD. S. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1913-1914, Vol. XIII.

_____. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Editora Imago, (1921) 1976, Vol. XV.

FRONTANA, I. C. *Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo*. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

GEREMEK, B. *Os filhos de Caim* – vagabundos e miseráveis na literatura européia 1400-1700. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GHIRALDELLI JR., P. *Infância, Escola e Modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996.

GOFFMAN, E. *Estigma.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1961.

GOMIDE, P. I. C. Meninos de rua da cidade de Curitiba. *Revista de Ciências Humanas*, Curitiba: Editora da UFPR, n. 5, p. 105-122, 1996.

GOVERNO do Estado de São Paulo. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 1994.

GRACIANI, M. S. *Pedagogia Social de Rua*. São Paulo: Cortez, 1997.

GRINBERG, L. et al. *Introdução às idéias de Bion.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 1973.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. *Da Produção da Subjetividade*. Trad. Suely Rolnik, 1986. (mimeo).

_____. *Da Produção de Subjetividade*. Trad. Suely Rolnik, 1986. (mimeo).

_____., ROLNIK. S. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____., et al. *As Instituições e os Discursos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

GUIRADO, M. *A Criança e a FEBEM*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

_____. *Instituições e Relações Afetivas*. São Paulo: Summus, 1986.

_____. Menor: o grande excluído. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*. n. 1, 1984. p. 36-8.

HERZER, S.M. *A Queda para o Alto*. Rio de Janeiro, 1982.

HOLLAENDER, V.P. *Reintegração Psico-Social do Deliqüente Juvenil: estudo de caso na grande São Paulo.* São Paulo, 1978 Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica.

IANNI, O. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

KOLLER, S. H. Resiliência e vulnerabilidade em crianças que trabalham e vivem na rua. In: *Educar em Revista*- dossiê crianças e adolescentes excluídos: ações e reflexões. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. n. 15, p. 67-71, 1999.

LAPASSADE, G. *Grupos, organizações e instituições*, Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1983.

LEVISKY, D. L. *Adolescência e violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LINS, D. (org.) Cultura e Subjetividade. Saberes nômade, Campinas: Papirus, 1997.

LINS, D.; COSTA, S. G. e VERAS, A. (orgs.) *Nietzche e Deleuze*- intensidade e paixão. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2000.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

LONDOÑO, F. T. A origem do conceito de menor. In: DEL PRIORE, M. *História da Criança no Brasil,* São Paulo: Contexto, 1991.

LOURAU, R. *A Análise Institucional*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LOUZEIRO, J. *A Infância dos Mortos*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

LUPPI, C.A. *Agora e na Hora de Nossa Morte.* São Paulo: Brasil Debates, 1981.

MACHADO, R. *Deleuze e a Filosofia.* Rio de Janeiro: Editora Graal, 1990.

MALLEA, G. e outros. *Foucault y la ética.* Buenos Aires: Editorial Biblos, 1988.

MARCÍLIO, Maria Luiza *História Social da Criança Abandonada.* São Paulo: HUCITEC, 1998.

MARIGUELA, M. (org.) *Foucault e a destruição das evidências.* São Paulo: Editora UNIMEP, 1995.

MARTINS, J. S. *Massacre dos Inocentes*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

MORAES, C.C.M.P. *A Reprodução da Desigualdade.* São Paulo: Hucitec, 1979.

MORELLI, A. J. *A criança, o menor e a lei:* uma discussão em torno do atendimento infantil e da noção de inimputabilidade. Assis, 1996, Mestrado em História. Faculdade de Ciências e Letras - Unesp.

MOTTA, M. B. (org.) *Michel Foucault* – Aqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Ditos & Escritos. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.

MOURA, A. A política do sujeito. In: *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política*. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia, U.F.F. Vol. I, Dez/91 a Dez/92.

NETO, L.B. (org.). *Prática e Paixão: memórias e mapas no trabalho com a menor-idade*. São Paulo: CRP 6ª Região, Gestão Movimento, 1992.

NÚCLEO de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, 1993, trimestral.

ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PAOLI, M.C.M. *A Violência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____., et al. *Desenvolvimentos e Marginalização*. São Paulo: Pioneira, 1974.

PASSETTI, E. *O Que é Menor*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Violentados*. Editora Imaginário: São Paulo, 1999.

PÊCHEUX, M. O Discurso. Estrutura ou Acontecimento. São Paulo: Pontes, 1990.

PERMAN, J.E. *O Mito da Marginalidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1977

PINHEIRO, P.S. (org.) *Crime, Violência e Poder.* São Paulo: Brasiliense, 1983.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância.* Rio de Janeiro: GRAPHIA, 1999.

PRIORE, M. *História das Crianças no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1999.

QUEIROZ, J.J. (org.) *O Mundo do Menor Infrator.* São Paulo: Cortez, 1984.

RABINOV, P. e DREYFUS, H. *Michel Foucault:* uma trajetória filosófica do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RAMALHO, J.R. *O Mundo do Crime: a ordem pelo avesso.* Rio de Janeiro: Graal, 1979.

RIZZINI, I. (org.) *A Geração de Rua: um estudo sobre crianças marginalizadas no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, Reitoria Comunitária, 1992.

_____. (org.) O Menor em Debate. In: *Espaço.* Cadernos de Cultura USU, Rio de Janeiro: CESME, n. 11, Jul. 1985.

_____., CARVALHO, S.A. Instituições Para Menores: a quem serve? In: *Espaço.* Cadernos de Cultura USU, Informe Científico, Rio de Janeiro, n. 10, Dez. 1984. p. 103-22.

_____. e PILOTTI, F. *A arte de governar crianças.* Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1995.

RODRIGUES, H.B. *Subjetividade em Revolta*. São Paulo, 1992, Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica.

_____., et al. *Análise Instituicional no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

_____., et al. *Grupos e Instituições em Análise*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. et al. Direitos Humanos e intervenção Clínica. In: *Psicologia, Ética e Direitos Humanos*. Conselho Federal de Psicologia, 1998, p. 65-89.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. In: MAGALHÃES, M. C. R. (org.) *Na sombra da cidade*. São Paulo: Escuta, 1995.

ROURE, G. Q de. *Vidas Silenciadas:* a violência com crianças na sociedade brasileira. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SANTOS, L.G. *Tempo de Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SAWAIA, B. B. (org.) *As artimanhas da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHNEIDER, L. *Marginalidade e Delinqüência Juvenil*. São Paulo: Cortez, 1982.

SILVA, F.A., et al. *Código Penal e sua Interpretação Jurisprudencial*. 5. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995. p. 1401-855.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

FOUCAULT – UM PENSAMENTO DESCONCERTANTE. *Tempo Social* – Revista de Sociologia da USP, Vol. 7, n.1-2, Outubro, 1995.

THIOLLENT, M. *Crítica Metodológica, Investigação social e Enquete Operária*. São Paulo: Pólis, 1985.

VEIGA, C. M. *Infância no sótão*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VELHO, G., et al. *Desvio de Divergência.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VIOLANTE, M.L. *O Dilema do Decente Malandro.* 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1985.

VOLNOVICH, J. (org.) *Grupos, Infância e Subjetividade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

WINNICOTT, D.W. *Privação e Deliqüência.* São Paulo: Martins Fontes, 1975.

WAISELFISZ, J. J. *Juventude, violência e cidadania:* os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CRUZ, Soráia Georgina F. de Paiva. *A produção de subjetividade em grupo de crianças em situação de risco pessoal e social e adolescentes em conflito com a lei.* Marília, ____p. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo tratar da problemática referente à produção da subjetividade, em grupo de crianças na situação de risco pessoal e social e, ainda, de adolescentes em conflito com a lei. Para tanto, foi-nos necessário dar, inicialmente, visibilidade à constituição desses sujeitos, como efeito de forças políticas e capitalísticas. Essas forças permitiram-nos obter os contornos da subjetividade dessa população ao longo da história. A partir desse referencial, utilizamo-nos de uma metodologia, centrada no trabalho em grupo, considerando-se os encontros que tivemos durante o processo de pesquisa e de investigação; dispositivo para a obtenção dos modos de subjetivação com os quais cartografamos as produções realizadas no decorrer do processo. Acompanhamos as linhas que foram tecidas e destecidas; os movimentos de ruptura ou de endurecimento dos modos de existencialização. Ao longo das atividades desenvolvidas pelo grupo em questão, emergiu a visibilidade dos analisadores: sobrevivência, sexualidade, infância, adolescência; analisadores esses que nos permitiram problematizar como esses

coletivos que vivem à borda da sociedade, rompem com o saber veiculado ao "ser criança", "sobreviver", "sexualidade"; "ser adolescente", "ser infrator". Ao romper com esse saber, constróem e inventam modos de experienciar o mundo, colocando em questão, os conhecimentos teóricos que se pretendiam universais. Surgem em cenas crianças e jovens que lutam para sobreviver. Todavia, seguir essa linha de sobrevivência implica agenciar forças acopladas a uma máquina de guerra, resultando nos múltiplos modos de garantir a vida. São práticas que dão visibilidade a processos de subjetivação; ora, atravessados por linha dura, ora, por linhas flexíveis e de fuga, fazendo emergir táticas para se manterem em território à borda da sociedade. O analisador "sexualidade" deixou entrever corpos que, na multiplicidade dos agenciamentos, buscam o prazer, a liberdade para se relacionarem sexualmente do modo como querem. Viver a sexualidade não implica uso de máscara de namorado, noivinha, tão pouco na busca do romantismo. São práticas sexuais disruptivas e subversivas. Mostram como as crianças e os jovens adolescentes desconstróem os conceitos de sexualidade infantil e juvenil. São corpos ávidos para viver a alegria do contato sem julgamento, sem preconceito. O analisador "ser criança" e "ser adolescente" mostra que o tempo desses sujeitos se conecta, independentemente, daquele definido pelas teorias psicológicas e psicanaliticas. Como bem diz um deles, "a gente entra na vida" tempo de ser criança, adolescente é tempo de "praticar o ato sexual, dançar, cantar, brincar,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

casar, ter filhos, cometer atos transgressores, fugir da polícia e ir para a FEBEM. Desde pequenos, estão expostos ao mundo. São máquinas de guerra em que instituições tutelares não conseguem capturá-los, nem normatizá-los nas definidas fases de desenvolvimento. O tempo é o de agora, a idade não tem sentido. Pode-se, a qualquer momento, praticarem sexo, homicídio, envolver-se com drogas, traficar drogas, envolver-se com a polícia e, no meio disso tudo, soltar pipas. Singularizam-se de forma a virtualizar a vida num tempo não linear, sem sentido único. Fabricam para si mesmos um tempo ilimitado, da ordem das intensidades. O poder de tomar a vida como objetivo é questão relacionada à subjetividade; tornar a vida mais alegre e prazerosa foi um acontecimento produzido pelo grupo. Além disso, esse mesmo grupo inventou os analisadores. Inventaram-se cenas e dramatizações, novas formas de lidar com a vida, onde cada encontro tornou-se um ato de festa, de celebração da vida; um grupo festivo, alegre; feliz.

Palavras chave: criança em situação de risco, adolescente em conflito com a lei, subjetividade, vida, grupo.

CRUZ, Soráia Georgina F. de Paiva. *Production of subjectivity in groups of children under personal and social risk and outlaw adolescents.* Marília, ____p. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

ABSTRACT

This thesis focuses on issues pertaining to production of subjectivity in groups of children under personal and social risk and outlaw adolescents. I have been concerned with giving visibility to the constitution of these subjects as resulting from political and capitalistic forces. Such forces have led me to the shaping of these participants' subjectivity along history. From this perspective, and considering the kinds of meetings I have conducted with the participants along this inquiry, I have used a research methodology centered on group tasks. The latter has worked as a device in order to obtain modes of subjectivation. Such modes allowed me to plot the production of subjectivities along the research process. I have followed the weaving and unweaving of lines, as much as the disruption movements and the hardening of these modes of existing. As I developed group activities the analysers emerged: survival, sexuality, childhood, teenage. These analysers allowed me to question the ways through which these collectives survive at the margin of society and break away from this knowing transmitted as "being a child", "surviving", "sexuality", "being a

teenager", "being an outlaw". As they break away from these knowledge constructions, they build up modes of experiencing the world and question the supposedly universal theoretical knowledge. Children and youngsters who struggle for survival come to the scene. However, once this surviving stream is followed, there is the implication of agencing forces which are connected to a war machine. The results are multiple modes of assuring life. These are social practices that give visibility to processes of subjectivation that are crossed through either hard or flexible lines. These are strategies to keep themselves within the constraints of territories located at the borders of society. The analyzer "sexuality" led to glimpses of bodies that, in their multiplicity of agencing, search for pleasure and freedom in order to relate to others in whatever ways they wish. Exercising one's sexuality does not imply in wearing masks such as that of boyfriend, bride, let alone in searching for romanticism. These are disruptive and subversive sexual practices. They show us how children and young adolescents deconstruct concepts of children and juvenile sexuality. These are bodies that are voracious to live the happiness of physical contacts without both judgement and prejudice. The analysers "being a child" and "being adolescent" show that these subjects' time is independently connected from that which is defined by psychological and psychoanalytical theories. As one of the participants stated: "we delve into life (...), time to be a child, adolescent is time to have sex, to dance, to sing, to play, to get married,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

to have children, to break the law, to escape from the police and to enter the reformatory". Since childhood, these youngsters are exposed to the world. They are war machines in child delinquency institutions that are both unable to capture and set them into definite phases of development. Time is the here and now. Age has no meaning. At any time they may get involved in sex, homicide, drugs, drug dealing, police. In between these, they may fly a kite. Their singularity may be shaped within a non-linear, meaningless time. They fabricate unlimited time according to various intensities. Power to lead a life with objectives is a matter related to subjectivity. Turning life into something happy and pleasant was something produced by the group. In addition the group invented the analysers. They have improvised scenes and dramatizations, new ways of dealing with life. Each encounter turned into a party, a way to celebrate life - a jolly and happy group.

Key Words: child under risky situation, outlaw adolescent, subjectivity, life, group.